



**A Criatividade como fenómeno causal - o papel do Processo de Formação
na criação de condições propensas à sua emergência.**

Relatório de Estágio Profissionalizante realizado nos Sub-11 da Escola de
Futebol Dragon Force Custóias.

Relatório de Estágio Profissional
apresentado à Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto com vista à
obtenção do 2º Ciclo de Estudos
conducente ao grau de Mestre em
Desporto para Crianças e Jovens, nos
termos do Decreto-Lei nº 74/2006 de
24 de março.

Orientador: Professor Doutor Daniel Barreira

Francisco Saavedra Soares Martins d'Andrade

Porto, 2017

Ficha de Catalogação:

Andrade, F. (2017). *A Criatividade como fenómeno causal – o papel do Processo de Formação na criação de condições propensas à sua emergência. Relatório de Estágio Profissionalizante realizado nos Sub-11 da Escola de Futebol Dragon Force Custóias*. Porto: F. Andrade. Relatório de Estágio Profissional para obtenção do grau de Mestre em Desporto para Crianças e Jovens, apresentado à Faculdade de Desporto, Universidade do Porto

PALAVRAS-CHAVE: CRIATIVIDADE, ESTÁGIO PROFISSIONAL, FORMAÇÃO, FUTEBOL, TREINO

Agradecimentos

A realização de um trabalho, qualquer que seja a sua natureza, nunca se limita exclusivamente a uma pessoa. Portanto, agradecer torna-se numa tarefa difícil, não pelo ato em si, mas pelo risco de não fazermos justiça ao esquecermo-nos de alguns daqueles que, consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, contribuíram para a feitura deste mesmo trabalho.

Ao meu orientador, professor Daniel Barreira, por toda a ajuda disponibilizada, pelas conversas e reflexões no sentido de aproximarmos este trabalho no melhor possível. Um sincero obrigado!

A todos os entrevistados, não só pela disponibilidade e prontidão que mostraram para a realização deste trabalho, mas pela oportunidade que me deram de poder refletir conjuntamente, e assim aprender mais um pouco com vocês. Miguel Lopes, Joaquim Milheiro, Carlos Campos, Hélder Fonseca, José Guilherme, Rui Pacheco, Rui Oliveira, um muito obrigado!

A todas aquelas pessoas que sabem a importância que exercem na minha vida, e a forma como a ocupam. Desta maneira, não vou nomear ninguém, na medida em que considero este “não nomear” a melhor forma de agradecer, pois estou certo que, deste modo, ninguém acabará por ser esquecido.

A todos aqueles que me têm permitido Ser quem sou

Índice Geral

Agradecimentos	III
Índice de Figuras.....	VII
Índice de Quadros	IX
Índice de Anexos.....	XI
Resumo	XIII
Abstract.....	XV
Como Mote... ..	XVII
1 Introdução	1
1.1 Enquadramento conceptual do estágio no contexto da formação inicial1	
1.2 Caracterização geral do estágio e os seus objetivos	2
1.3 Estruturação e organização do relatório de estágio	3
2 Enquadramento Institucional	5
2.1 Escola como nicho ecológico – Uma breve exploração	5
2.2 Escola de Futebol Dragon Force.....	9
2.2.1 Caracterização da Escola de Futebol Dragon Force – Custóias.....	11
3 Enquadramento de Natureza Funcional	13
3.1 Reflexividade para construção do Eu.....	13
3.2 O Eu pedagogo	15
3.3 Caracterização geral das funções.....	19
3.4 Caracterização dos jogadores.....	22
4 Realização da prática profissional	25
4.1 Plano Treino.....	25
4.2 O papel do Processo de Formação na criação de condições propensas à emergência da Criatividade	31

4.2.1	Introdução	31
4.2.2	Procedimentos Metodológicos	39
4.2.3	Resultados	43
5	Desenvolvimento Profissional.....	87
6	Síntese.....	91
7	Referências	95
Anexos	XVIII

Índice de Figuras

Figura 1 – Organograma da estrutura Dragon Force Futebol.....	10
Figura 2 – Complexo Desportivo de Custóias.....	12
Figura 3 – Morfociclo padrão dos Sub-11 da Escola de Futebol Dragon Force Custóias.....	26
Figura 4 – Plano treino nº1.....	27
Figura 5 – Plano treino nº2.....	28
Figura 6 – Plano treino nº3.....	30

Índice de Quadros

Quadro 1 - Caracterização do Plantel Sub-11 da Escola de Futebol Dragon Force Custóias	22
Quadro 2 – Caracterização dos entrevistados	40

Índice de Anexos

Anexo 1: Guião Entrevista.....	XVIII
Anexo 2: Entrevistado A.....	XIX
Anexo 3: Entrevistado B.....	XXXI
Anexo 4: Entrevistado C.....	XLV
Anexo 5: Entrevistado D.....	LV
Anexo 6: Entrevistado E.....	LXVI
Anexo 7: Entrevistado F.....	LXXV
Anexo 8: Entrevistado G.....	LXXXVIII

Resumo

O Estágio Profissional assume-se como um momento relevante da formação académica, na medida em que apela a uma forma privilegiada de aprendizagem, ou seja, a experiência no exercício da função. O Estágio Profissional afigura-se um momento de excelência para se refletir a prática, mas também uma oportunidade para desenvolver o conhecimento em temas que a envolvem. Decidiu-se, portanto, incluir no relatório de estágio um estudo sobre qual deveria ser o papel da Formação na criação de condições propensas à emergência da Criatividade nos jogadores, sendo reconhecido que este é um aspeto essencial para um Futebol de qualidade superior. Por ser uma temática complexa, pelo facto de envolver inúmeras variáveis, também elas complexas, como são a aprendizagem ou o desenvolvimento das crianças e jovens, tentamos abordá-la de uma forma o mais abrangente possível por forma a não mutilar a complexidade do fenómeno e não nos tornarmos extensos. Chegamos a uma resposta clara à nossa pergunta inicial, nomeadamente qual o papel do Processo de Formação na criação de condições propensas à emergência da Criatividade? O processo de investigação consistiu na realização de uma revisão da literatura relativa à temática e, posteriormente, num levantamento de opinião de diversos peritos na área do treino e coordenação técnica em Futebol. As respostas dos entrevistados permitiram perceber que mais do que ir isoladamente sobre cada variável deste fenómeno, é importante entendermos a sua globalidade e complexidade. Como tal, é na Qualidade das interações que promovemos que o Desenvolvimento da Criança e do jovem Jogador acontecerá e a Criatividade emergirá naturalmente, e com isso, trazermos qualidade ao Futebol. Deste modo, o Relatório de Estágio tentou versar sobre as inquietações que foram sendo levantadas durante a prática enquanto treinador de Futebol de crianças e jovens.

PALAVRAS-CHAVE: CRIATIVIDADE, ESTÁGIO PROFISSIONAL, FORMAÇÃO, FUTEBOL, TREINO

Abstract

The Professional Internship is one relevant moment of the academic formation, since it appeals to a privileged form of learning, experienced, in the exercise of the function. The Professional Internship appears to be a moment of excellence to reflect the practice, but also an opportunity for knowledge on subjects that are involved. It was decided, therefore, to present in the traineeship report a study on what should be the role of the Formation on the creation of conditions prone to the emergence of Creativity in the players, as this is an essential aspect for a Football of superior quality. Because it is a complex theme, for the fact that involves innumerable variables, also complex in their own, such as learning or the development of children and young people we try to approach it as comprehensively as possible in order to not mutilate the complexity of the phenomenon and to not become extensive. We come to a clear answer to our question, namely what is the role of the Formation Process in the creation of conditions prone to the emergence of Creativity? The research process consisted of a review of the literature on the subject and a survey of the opinion of several experts in the area of coaching and technical coordination in Football. The interviewed answers allowed us to perceive that rather than isolating each variable of this phenomenon, it is important to understand its globality and complexity. As such, it is in the Quality of the interactions that we promote the Development of the Child and the young player and Creativity will emerge naturally, and with that, bring quality to Football. In this way, the Internship Report attempted to address the concerns that were being raised during the exercise as a football coach for children and young players.

KEYWORDS: CREATIVITY, DEVELOPMENT PROCESS, PROFESSIONAL INTERNSHIP, SOCCER, TRAINNING

Como Mote...

“Digo, com exagero ou sem exagero, que toda a pessoa que nasce é poeta. Vem para fazer uma criação de alguma coisa que ainda não existe no mundo, em qualquer campo que seja. E, se se costuma pensar sobretudo no campo da poesia, pode-se aplicar ao campo de qualquer arte ou de qualquer ciência ou de qualquer outra espécie de atividade. É preciso que o poeta não seja preocupado nunca, não seja limitado nunca, com as prisões que há quanto à inclusão de sua própria poesia, e sobretudo termos como ideal que aquele que nasceu poeta disto, daquilo ou daqueloutro, não se mostre como poeta no que deixou criado. Seja ele próprio o poema que vem da sua criatividade.”

- Agostinho da Silva

1 Introdução

1.1 Enquadramento conceptual do estágio no contexto da formação inicial

É cada vez mais importante, ao longo do crescimento e do desenvolvimento de um indivíduo, dispor de uma formação que complemente e aperfeiçoe as competências socioprofissionais e o conhecimento do mundo profissional.

O ensino superior, por ser um espaço onde existem condições ímpares para sustentar, em primados pedagógicos e científicos, a formação e o desenvolvimento pessoal pela possibilidade de aquisição de novos conhecimentos teóricos e técnicos, poderá ser um enorme contributo para esta elevação pessoal.

Deste modo, o estágio profissionalizante, parte integrante do 2º Ciclo em Desporto para Crianças e Jovens, surge num âmbito menos tecnocrático desta formação pois possibilita e proporciona, necessariamente, a interação vivenciada da dimensão prática e teórica. Acima de tudo por ser um momento de formação por excelência, na medida em que, pelas exigências impostas pela ação, o estagiário vai, de uma forma ativa e autónoma, desenvolvendo competências e conhecimentos através do exercício em contexto real.

Na tomada de decisão e na fundamentação da sua ação, o estagiário recorre, necessariamente, à sua capacidade crítica e reflexiva para confrontar os saberes teóricos e práticos, promovendo um aproximar de transformações de saberes pelo constante questionamento daquilo que era por ele adquirido como permanente e perene.

Desta maneira, o formato em que se realiza o estágio permite ao formando desenvolver ferramentas e aperfeiçoar competências que lhe permitirão responder da forma mais adequada aos desafios e exigências por meio de uma aprendizagem experiencial.

1.2 Caracterização geral do estágio e os seus objetivos

Fruto da minha atuação, enquanto treinador, e reflexão permanente na procura de perceber o que é mais importante valorizar, em cada momento, ao longo de todo o processo de formação de jovens jogadores, foram sendo constituídas novas inquietações e alimentadas outras mais antigas.

Como o relatório de estágio é o local aprimorado para o levantamento de questões mas, fundamentalmente, um espaço para que essas inquietações sejam perspetivadas de uma forma diferente, decidi desenvolver um estudo em paralelo com o decorrer da minha função de treinador-estagiário. Tentei, através de um levantamento da opinião de diferentes peritos na área do treino e coordenação técnica em Futebol, assim como da confrontação das suas ideias com uma revisão bibliográfica, perceber qual o papel do Processo de Formação na criação de condições propensas para a emergência da Criatividade, assumindo-se esta como um aspeto essencial e fundador de um jogo de Futebol de qualidade superior (Maciel, 2011).

A minha intenção de explorar o tema da Criatividade é o resultado da minha paixão e interesse pela dimensão pedagógica do jogo de Futebol, possibilitando-me encontrar as respostas para as questões que me vão sendo colocadas. Desta forma, poderá ajudar-me na otimização das minhas competências enquanto treinador, na perspetiva de facilitador do desenvolvimento do outro.

A intenção de explorar o tema da Criatividade relaciona-se com o facto de ser uma competência essencial a desenvolver para lidar com a natureza do jogo (Maciel, 2011; Fonseca & Garganta, 2006). Não obstante esta evidência, o desenvolvimento da criatividade parece não estar a ocorrer espontaneamente porque a sociedade e as circunstâncias em que vivemos assim não o permite. A vida das crianças é cada vez mais atarefada, não lhes sendo proporcionado tempo e espaço para brincarem e desenvolverem determinadas competências que só serão possíveis através da experimentação livre. Esta pressa, que afeta a sociedade em geral e que, por isso, influencia a própria Educação e o Desporto

em particular, tem levado a que as crianças se tornem, ainda em idades muito precoces, em adultos.

Sendo o futebol de formação o que me dá mais prazer e mais me entusiasma, tenho presente que todos os aspetos supramencionados interagem no desenvolvimento da criança. Assim, enquanto treinador-estagiário senti-me tentado a aliar e conjugar a minha vivência deste ano com uma das minhas preocupações diárias que é a problemática da Formação, pois tenho como intenção ajudar a criança a desenvolver-se e a afirmar-se enquanto Ser que joga.

1.3 Estruturação e organização do relatório de estágio

O presente relatório encontra-se subdividido em nove pontos que norteiam a sua linha de pensamento.

O ponto número um trata da introdução que nos remete para a sua explanação a nível da temática e propósitos.

O ponto número dois é relativo ao enquadramento institucional, onde é feita uma abordagem geral de como pode ser vista a escola, e uma caracterização do local onde decorreu o estágio.

O ponto número três faz alusão à importância da reflexão no processo de construção pessoal, bem como as minhas funções relativas ao estágio.

O ponto número quatro faz referência ao estudo desenvolvido em paralelo com as funções de treinador-estagiário.

Dentro deste, o ponto um é uma introdução ao tema ao qual nos propusemos estudar.

O ponto número quatro ponto dois é uma tentativa de sintonização, para que haja uma olhar comum relativo à temática.

O ponto número cinco inclui a reflexão da contribuição que este trabalho teve no meu processo de desenvolvimento pessoal.

O ponto número seis sintetiza e conclui o estudo e o relatório de estágio.

2 Enquadramento Institucional

2.1 Escola como nicho ecológico ¹ – Uma breve exploração

Tem sido tema de debate a necessidade de se rever como atualmente a escola se apresenta no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos jovens. Não constitui novidade a urgência de recriar e tornar mais atraentes as formas de realizar a educação. Como vários autores o expõem (e.g. Robinson, 2010, 2016; Sá, 2015), a escola continua a ensinar como se ensinava há alguns séculos atrás, seguindo uma estrutura construída com o advento da Revolução Industrial. Ela traduz-se num modelo de organização escolar padronizado, de inspiração fabril, do tipo linha de montagem, o que permitiu e permite às escolas darem o mesmo conteúdo a todos. No entanto, os alunos, e as próprias circunstâncias apresentam características singulares, requisitando por isso preocupações condizentes. Têm, inevitavelmente, diferentes necessidades e interesses, motivações e sentimentos, o que faz com que o próprio processo educativo tenha de ser, necessariamente, específico. Se o processo de desenvolvimento Humano é um processo complexo, de dinâmica não linear, em que a sua relação de crescimento está diretamente relacionada com a sua interação com as circunstâncias envolventes, o processo educativo deve então preocupar-se, fundamentalmente, com as condições que cria para o seu entorno de forma a promover o desenvolvimento de todo o potencial humano que nele habita.

A escola enquanto organização, tendo em conta a heterogeneidade e a riqueza da diversidade da expressão da Inteligência humana (Gardner, 2005), deve ser um sítio onde se promovem as condições ideais para o desenvolvimento de ferramentas que possibilitem explorar as capacidades e sensibilidades humanas

¹ **Nicho Ecológico:** um conjunto de diversas variáveis ambientais relacionadas com uma determinada espécie, tais como o habitat onde se encontra, seu papel no ecossistema, o seu poder de adaptação a fatores limitantes e a necessidades de reprodução.

na sua amplitude, viabilizando assim a conquista e a edificação da sua identidade única.

Acreditarmos que o cerne do processo de aprendizagem pressupõe um processo de descoberta por tentativa-erro, pessoal e intransmissível. Mais importante do que haver uma lógica de ensino diretiva e convergente, em que o professor impõe e condiciona ativamente e excessivamente o processo educativo, é a necessidade de existir um envolvimento que promova, pela interação dos diferentes elementos, a emergência de algo com qualidade superior. Isto é, um ambiente que, pelas condições e meios proporcionados, ajude a elevar qualitativamente a pessoa humana, através da experiência das diversas relações que vai estabelecendo espontaneamente com os elementos constituintes, resultando em Aprendizagem. No fundo, temos presente a ideia de que toda a educação verdadeira e sólida é uma auto-educação (Agostinho da Silva, 2000a).

Porém, se a escola são pessoas e não paredes, como nos diz José Pacheco (2017), se são relações humanas, ela não precisa de se edificar para que aconteça Aprendizagem ou existam atos criativos. Precisa sim, de que a humanizem, pelo que a preocupação deve ser nutrir tudo o que é singular e único. Isto é, a escola deve ser um lugar que preserve as qualidades de “bom selvagem”, ideia positiva de Agostinho da Silva com inspiração rousseauísta, com as quais as crianças lá cheguem, através de uma cultura organizacional que permita a formação de espíritos livres e fraternos, que possibilite “à criança mostrar e afirmar a sua originalidade, a sua capacidade de criação e de emoção” (Agostinho da Silva, 2000a, pp. 237). Uma Cultura que, através da promoção de um ambiente rico, privilegie a variabilidade e que ajude a exponenciar e desenvolver todo o potencial de quem lá aparece através da livre exploração dos seus “porquês”, facilitando a Aprendizagem e a emergência da Criatividade, enquanto “parte integral da nossa condição humana e de todo o progresso cultural” (Robinson, 2016, pp. 188), nas suas diversas formas de expressão.

A escola, enquanto ambiente partilhado, deverá ser um “mundo mágico” que alimente e ilumine todos os devaneios dos elementos presentes desse mundo

para que possam, juntos, fazer desse local uma fábrica de sonhos e assim crescer, e fazer crescer, com imaginação. Um ambiente em que se valorize o indivíduo mas também aqueles que o circundam, no sentido de oferecer o apoio necessário para que ele se desenvolva e faça crescer o espírito criativo que há nele, e no outro e, naturalmente, no mundo. Mas isso só acontecerá se houver uma visão que valorize e dê importância à Criatividade, onde se criem condições para a sua promoção e manifestação. Caso contrário, esse esforço criativo encontrará obstáculos à sua expressão.

Se a Criatividade implica lidar com o desconhecido, é importante ter coragem para correr riscos e querer aprender com os próprios erros. A escola deve ser um local de aprendizagem, sobretudo pela vivência partilhada, onde se reúnem diferentes pessoas, com diferentes saberes, com o intuito e disposição de aprender juntamente através do desafio da indagação. Como nos diz Agostinho da Silva (2000a), as escolas devem ser, acima de tudo, laboratórios em que as crianças possam efetivamente trabalhar, investigar, criar e não serem passivos auditores “de um mestre que, dogmaticamente, lhes fornece o que eles não-de saber, sendo o maior mal, o que eles não-de pensar”, estimulando e promovendo, assim, o espírito criativo e crítico dos alunos através de uma pedagogia experimental. A escola deve alimentar os devaneios “científicos” que vão nas suas cabeças através de contextos-problema de forma a poder levar cada indivíduo a descobrir por si e em si o que de melhor há no universo, fazendo ele próprio as experiências e perceber como se edifica o saber (Agostinho da Silva 2000a).

Em contrapartida, se o meio escolar estiver demasiado focalizado na aquisição de conhecimentos, poderá constranger a liberdade criativa individual levando os sujeitos a ficarem demasiado entrancheirados na visão convencional da realidade e tornando-se incapazes de ir para além dos paradigmas e pontos de vista existentes (Sternberg, in Valqueresma & Coimbra, 2013).

Para existir um ambiente facilitador e promotor do desenvolvimento das capacidades únicas da criança, para pensar e atuar de forma criativa, é necessário a presença de uma Cultura, balizada por uma aproximação ecológica

da educação e com visão *à la long*, onde se nutram sentimentos de confiança, de partilha, de respeito pela diferença e reconhecimento da individualidade e potencialidade de cada um, de valorização do esforço e da tentativa. No fundo, uma visão de elevação humana.

“A escola não são edifícios, são projetos que partem de valores e de princípios.”

(José Pacheco, 2017)

2.2 Escola de Futebol Dragon Force

Toda a minha vivência durante esta temporada desportiva deu-se no projeto de futebol da Escola de Futebol Dragon Force, mais propriamente no pólo de Custóias. Este projeto de escola de futebol, encontra-se sob a alçada do Futebol Clube do Porto, e visa a formação de jovens jogadores entre os 4 e os 14 anos.

A escola de futebol Dragon Force procura intervir na formação de cada um dos seus alunos, ajudando-os no seu crescimento dentro dos valores e da cultura preconizados pelo Futebol Clube do Porto e pela sociedade. Um dos seus objetivos desportivos passa por tentar desenvolver competências nos seus alunos/jogadores para que estes se possam desenvolver e afirmar e assim alimentar a formação do clube. No entanto, estando a criança no centro das suas preocupações, o objetivo primordial do projeto passa por desenvolvê-la não só ao nível desportivo mas também integralmente, apostando igualmente em áreas como a nutrição, cidadania e ambiente, bem como também na aquisição de hábitos de saúde, cultura e lazer, manifestando-se este cuidado, ao longo de todo o processo.

Para que tudo isto seja possível e exista uma coesão harmoniosa e articulada de todos os elementos, a sua estrutura apresenta-se minuciosamente organizada. Todos os elementos pertencentes ao projeto têm, necessariamente, diferentes funções, a diferentes escalas, mas organizam-se com base numa lógica de constante crescimento e evolução. Prova disso é a sua preocupação em fazer crescer e qualificar os seus treinadores através da promoção regular de vivências e oportunidades internas de formação e desenvolvimento pessoal, seja através da organização de palestras e momentos de formação específica, seja pela abertura que dá, a todos os níveis e em todas as situações, para momentos de reflexão conjunta.

A escola de futebol encontra-se organizada da seguinte forma:

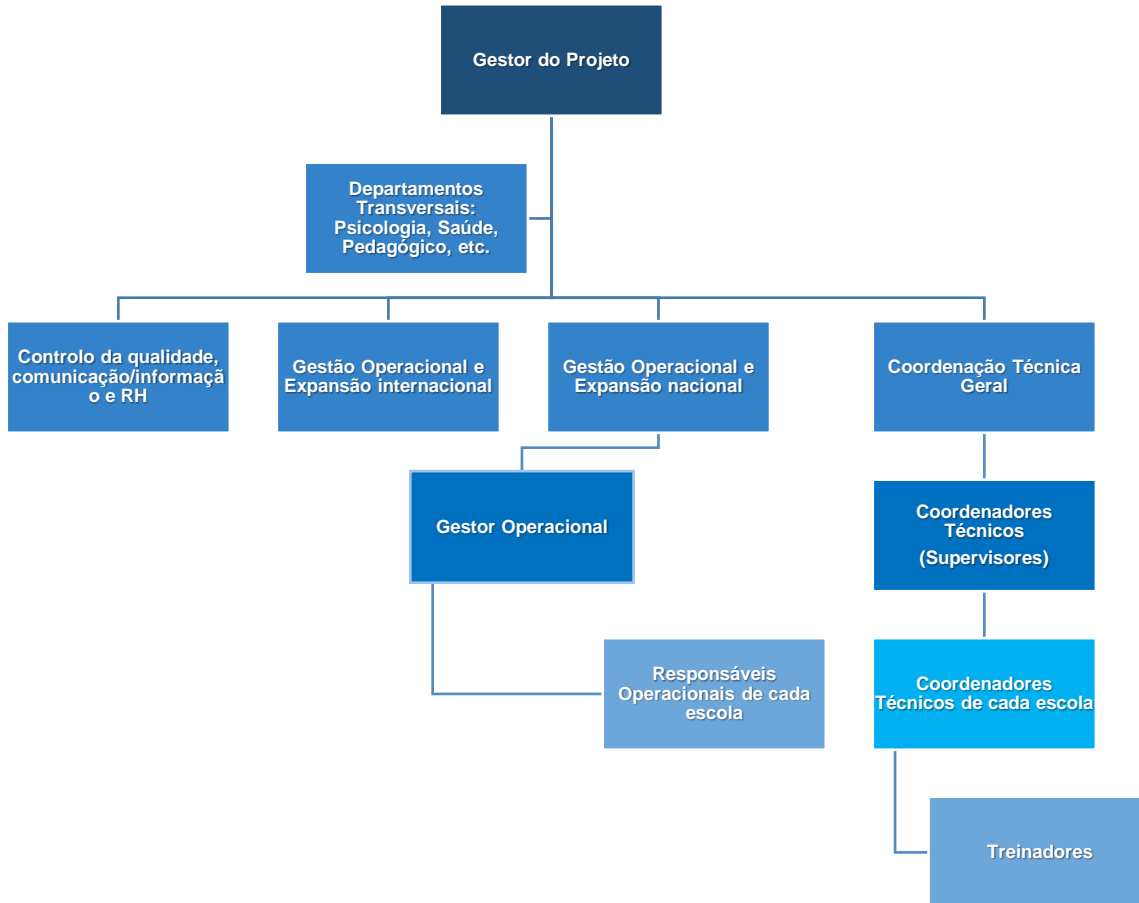


Figura 1 - Organograma da Estrutura Dragon Force Futebol

2.2.1 Caracterização da Escola de Futebol Dragon Force – Custóias

O Custóias Futebol Clube² constitui um clube parceiro com protocolo e de gestão direta com o Futebol Clube do Porto até ao escalão de Sub-15. Apesar de toda a logística semanal ser do encargo da Dragon Force Custóias, aquando da participação nos quadros competitivos da Associação de Futebol do Porto. A Dragon Force Custóias usa o nome do clube parceiro, nomeadamente o Custóias Futebol Clube.

O Custóias Futebol Clube foi fundado em 10 de agosto de 1942 e conta no seu historial com alguns títulos regionais de futebol de onze. Mais recentemente, na época de 2013-2014, a equipa de futebol sénio sagrou-se vice-campeã da 1ª Divisão da Associação de Futebol do Porto, ascendendo na época desportiva seguinte à Divisão de Honra da mesma Associação. Neste momento, por não se ter conseguido manter nessa divisão, encontra-se novamente a disputar a 1ª Divisão da Associação de Futebol do Porto.

Em termos de recursos logísticos e materiais, o clube tem todas as condições necessárias para a efetivação de um trabalho de qualidade. Tal sucede, devido ao Estádio Municipal de Custóias servir como infraestrutura desportiva da Escola Dragon Force Custóias, contando com instalações de grande qualidade, nomeadamente:

- um campo de futebol de onze, em relva sintética, com luz artificial, que integra dois campos de futebol de sete. Quanto ao material de treino, tem à disposição balizas de vários tamanhos, bolas, coletes, cones e sinalizadores;
- uma bancada coberta, com capacidade para 870 pessoas;
- um edifício de apoio à atividade desportiva, composto por quatro balneários para os jogadores e um para os treinadores/árbitros e sala de multiusos, designada Espaço Aberto;
- um departamento médico;

² Retirado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Custóias_Futebol_Clube

- um anexo para arrumos do material desportivo;
- uma lavandaria e rouparia;
- um bar.



Figura 2 – Complexo Desportivo de Custóias. Fonte:
www.thefinalball.com/img/estadios/884/309884_med__20160104114203_estadio_custoias_futebol_clube.jpg

3 Enquadramento de Natureza Funcional

3.1 Reflexividade para construção do Eu

“Um professor não transmite aquilo que diz, transmite aquilo que é”

(José Pacheco, 2017)

Considera-se o mundo atual interligado, no qual os fenómenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são interdependentes e, portanto, torna-se necessária uma abordagem ecológica e complexa em torno do mundo vivo e do Homem (Maciel, 2011). Assim, ser agente educativo, quer seja professor ou treinador, exige cada vez mais novas competências e modos de atuar por forma a permitir dar resposta à panóplia de problemas que surgem no decorrer da sua ação.

Com vista a nos tornarmos num bom agente educativo, a tendência é a de haver uma procura incessante pela informação, uma especialização que nos faça possuir conhecimentos específicos e, por conseguinte, desenvolvermos competências para os transmitir com eficácia. No entanto, isso não garante, por si só, que possamos gerar aprendizagens. Claro que o facto de conhecermos o que estamos a ensinar é fundamental para podermos ensinar bem, constituindo-se como fundamental o saber priorizar as necessidades da criança e, conseqüentemente, aquilo que é mais importante estimular em cada momento. Porém, isso pode não ser suficiente, na medida em que são necessárias outras competências e atitudes para que possamos dominar o processo de Aprendizagem. Quero com isto dizer que, muitas vezes, a formação que fazemos é fundamental e racionalmente tecnocrata, onde se desvaloriza a reflexão, e que está orientada para a simples reprodução da informação. Isto é, especializamo-nos para sermos um mero transmissor de conteúdos, formatados por padrões vigentes.

Neste sentido, e como vimos anteriormente, se a Aprendizagem se dá, em parte, na interação da pessoa do professor/treinador com a pessoa do aluno, para podermos ter um papel ativo na educação da criança, devemos ter, primeiramente, uma preocupação constante crítico-reflexiva perante a nossa ação (Freire, 2012). Esta atitude vai possibilitar uma determinada configuração do “eu”, em todas as suas dimensões, pois vai-nos permitir ajudar a perceber quem somos e quais as razões pelas quais atuamos, qual o nosso papel e qual a realidade e a necessidade das crianças que temos à nossa frente.

Esta capacidade de pensarmos sobre a nossa prática, confrontando as nossas ações com aquilo que julgamos acreditar como certo, ajuda a modificar, melhorando-a, não só para benefício próprio, mas, fundamentalmente, do outro. Isto porque sabemos também que as crianças agem e vão crescendo em função de referenciais e modelos que por sua vez permitem gerar significados, de forma tácita, através do estabelecimento de vínculos emocionais. Portanto, temos de ter consciência que vamos transmitir não aquilo que dizemos, mas aquilo que somos (José Pacheco, 2017).

Fruto desta relação simbiótica, por procurarmos ser treinadores reflexivos, vamos promover naturalmente Jogadores também eles reflexivos e críticos perante a informação, isto é, Jogadores que pensam sobre as suas ações e aprendizagens, podendo assim adequar os seus conhecimentos às diversas circunstâncias que vão experienciando no jogo, mas também na vida, preparando-os assim para lidar com os desafios e contratempos com os quais se depararão nos diferentes contextos.

Em suma, a reflexividade deverá assumir-se, assim, como uma forma de estar na ação pedagógica, onde o treinador/educador se conhece, aprende e se renova numa constante investigação sobre si e a sobre a sua prática, descobrindo as suas falhas e potencialidades (Alarcão, 1996). Porém, não basta apenas pensar e refletir, é fundamental que tal reflexão leve a uma ação transformadora, que provoque alterações na sua prática educativa, que exista uma reformulação da sua atuação. Urge, portanto, ao treinador, a necessidade de se formar e desenvolver, de forma continuada, enquanto perito na criação de

situações de aprendizagem; enquanto alguém que perceba e pense quais as necessidades e as condições a serem criadas e promovidas para que a Educação seja, no fundo, uma realidade.

É necessário, por tudo isto, ter presente que para ensinar a aprender é antes de mais necessário aprender a ensinar, onde “a verdadeira didática consiste em não ensinar, mas em deixar aprender” (Agostinho da Silva, 2000b, pp. 137). O papel do treinador é atuar como um facilitador de aprendizagem por excelência, e assim, favorecer a sua auto-realização na possibilidade de contribuir para a construção pessoal do outro, ajudando-o a aproximar-se da sua plenitude humana pelo desenvolvimento de todas as suas potencialidades.

Esta preocupação centrada na realização do Outro vai, de certa maneira, ajudar a contribuição para a valorização da sociedade, e como consequência, possibilitar a construção de um mundo melhor. No nosso caso particular, permitirá também a aproximação de um melhor Futebol.

3.2 O Eu pedagogo

“O que é que nos impede de fazermos tudo para lhes abriremos os caminhos da realização e do sucesso, para que saiam vencedoras no desafio de construção da sua identidade? Porque é que adoramos culpar o passado e tão pouco fazemos para não delapidar o presente e ganhar o futuro?”

(Bento, 2004, pp. 150)

Quando lidamos com crianças temos de ter a consciência que atuamos sobre alguém onde a natureza (ainda) é pura, sem os vícios da sociedade. Como tal, a nossa ação, comportamentos e atitudes, vai influenciar o desenvolvimento, direta ou indiretamente, de quem temos à nossa frente. Mas que, de certa maneira, por ser uma parte da humanidade que ainda se mantém incorrupta é possível desenvolve-los segundo normas que mantenham a frescura de espírito

e apurem os dons de inteligência crítica e vigor construtivo (Agostinho da Silva, 2000a). Se nascemos com uma necessidade insaciável de aprender (Robinson, 2015; L'Ecuyer, 2017), apenas temos de ser capazes de preservar ou tentar recriar o melhor possível os ambientes propícios para que a aprendizagem se dê de forma espontânea e natural, para que não sejam inibidas determinadas potencialidades inatas inerentes ao processo de Aprendizagem, como a curiosidade; ou então serem criadas artificialidades, e concomitantes memorizações mecânicas, que levem a uma perda de sentido e compreensão das coisas ou do Mundo.

Ser treinador e intervir junto dos jovens jogadores é um cenário complexo. Nos dias de hoje é, sem dúvida, uma atividade mais rigorosa onde o seu papel e a sua missão exige o exercício de uma infindável lista de tarefas, aptidões, atitudes e comportamentos. Acaba por não ser uma tarefa fácil porque pressupõe assumir determinadas responsabilidades, direitos e deveres, dentro de um contexto social e desportivo em constante transformação.

Podíamos falar de uma conjectura social moderna que coloca por um lado mais obrigações no treinador/educador, na medida em que exige dele deveres que em primeira instância deveriam ser da responsabilidade de outras entidades educativas, mas que por outro lado, paradoxalmente, vem descredibilizando a sua ação educativa. Ou seja, vivemos numa sociedade que axiologicamente é muito complexa e que em muitos aspetos está confusa (Bento, 2004). No entanto, para podermos compreender, e posteriormente melhorar, a Educação, enquanto Fenómeno Social e Antropológico, não podemos alienar ou subtrair as partes fundamentais que a compõem pois ela é influenciada pela interação das demais. Positiva ou negativamente. Portanto, e sabendo que existem, necessariamente, algumas partes que são menos controláveis, ou até mesmo incontroláveis, o treinador deve-se centrar em relação às outras que efetivamente controla através da sua ação educativa. Esta preocupação irá responsabilizar e reforçar o seu papel no capítulo dos princípios e valores através do sentido cultural e social que deve ter na sua ação educativa, manifestado pela importância dada às necessidades de realização do Outro e a sua concomitante inserção na comunidade, sociedade e no mundo.

A Educação é um bem essencial, sendo mesmo um instrumento fundamental, para o desenvolvimento Humano. Ela é valiosa porque é o meio de realizar o homem como valor. É através dela que podemos alargar horizontes e alcançar, pelo desenvolvimento de recursos mentais, emocionais, sociais e estratégicos (Robinson, 2015), as metas ambiciosas que vamos colocando, ou que nos vão sendo apresentadas ao longo da nossa vida, desfrutando dos diversos desafios inerentes da complexidade da nossa existência. No entanto, para Educar não é suficiente, simplesmente, falar às crianças sobre valores, é fundamental que elas os pratiquem, na experiência e na ação, pois só deste modo é que se torna possível que se desenvolvam determinadas competências, e características, e que a Educação se torne realmente verdadeira. Como tal, o desporto em geral e de forma particular o Futebol, pelas suas possibilidades educativas afiguram-se como espaços nos quais os jovens podem vivenciar, fomentar, desenvolver e tocar, através de brincadeiras, os valores que lhe serão fundamentais para a vida (Maciel, 2011).

A ação do treinador de formação, em suma, não se restringe unicamente à metodologia do treino e às competências que os jovens deverão adquirir num domínio específico. Implica também ter conhecimentos acerca do desenvolvimento da Criança, compreender o seu pensamento e a sua cognição. Integra, ou deve integrar, igualmente o ideal de elevação Humana, de superação e transcendência, através de um processo de aculturação de um conjunto de valores e princípios que melhor permitirão ajudar, de alguma forma, a desenvolver na sua plenitude as potencialidades e a promoção integral do Ser humano. Isto é, fazer emergir um determinado Carácter, uma forma de estar no Desporto e no Mundo, através de uma hierarquização de valores e princípios que privilegiem o empenho, a disciplina, o rigor, a coragem, a garra e a luta interior. No fundo, mostrar, e desenvolver pela vivenciação, que essa transcendência humana se dá unicamente pelo esforço, determinação e superação. Isto porque nem todos os jovens Jogadores poderão, por motivos diversos, alcançar níveis de excelência, mas todos poderão atingir a excelência da existência humana. Portanto, o treinador, sobretudo na Formação, porque

tem na sua mão a “chave do futuro”, deverá assumir-se como pedagogo mais do que um mero tecnocrata da educação.

“Educar não é levar ninguém a ser isto ou aquilo, não é tentar influir de qualquer modo em sua orientação futura, mas dar meios de expressão à sua capacidade criadora e de comunicação (...).”

(Agostinho da Silva, 2000b, pp.117)

3.3 Caracterização geral das funções

O estágio profissionalizante teve como duração o espaço temporal compreendido entre setembro de 2016 e julho de 2017, e comportou um horário de trabalho semanal de cerca de 10 horas. O estágio incluiu, ainda, a participação enquanto treinador em jogos oficiais bem como em diversos torneios ao longo da época desportiva.

Ao longo do processo fui acompanhado por um tutor, que foi o coordenador técnico do pólo de Custóias. Como habilitações, possui a licenciatura em Ciências do Desporto, sendo também detentor do grau II de Treinador de Futebol. Apresenta uma vasta experiência profissional no Futebol, estando há já vários anos nesta instituição. Desta experiência destacam-se os três últimos anos desempenhando a função de coordenador técnico de uma escola Dragon Force. Assim, a tutoria realizada por uma pessoa com as condições supramencionadas, em particular na instituição de acolhimento, facilitou a identificação com os ideais, os valores e a forma de trabalhar do contexto em que o estágio foi realizado.

Relativamente às funções desempenhadas ao longo da temporada, existiu um acompanhamento de todo o processo dos diferentes escalões nos quais estive integrado. Inicialmente estive ligado ao escalão de Sub-11, como treinador-principal, a que foram atribuídos um total de três treinos semanais, acrescido da respetiva competição ao fim de semana. Este grupo, formalmente, competiu na série 3 da primeira fase no Campeonato Distrital da Associação de Futebol do Porto, jogo de futebol de sete. Depois, decorrente do emparelhamento com outras séries, os sub-11 participaram na série 1 do Campeonato da 1ª Divisão, composto por quarenta equipas, classificadas entre o 7º e 11º na I fase, divididas em quatro subséries de dez equipas, que disputam a duas voltas, por pontos, o 1º lugar de cada uma, que permitirá transitar para a III fase (Final).

Este modelo competitivo, proposto pela Associação de Futebol do Porto para o futebol de sete, apresenta algumas vantagens que se revelaram importantes

para o desenvolvimento dos jogadores. Isto porque, derivado da classificação obtida na primeira fase, na qual jogávamos com equipas sorteadas *à priori* a uma volta, torna o segundo momento competitivo da época muito mais ajustado ao nível de desempenho momentâneo da nossa equipa. Desta maneira, este formato, permitiu-nos jogar, num período mais alargado no tempo, pois aí o campeonato desenrolava-se a duas voltas, contra adversários com um nível mais próximas do nosso, tornando todos os jogos desafiantes e equilibrados. Ou seja, um desafio que nos permite disputar o jogo e o resultado, mas que, ao mesmo tempo, não será demasiado fácil em que não teríamos a necessidade de estar no máximo das nossas capacidades, e assim, possivelmente, não promover transcendência.

No entanto, e porque sabemos que o tempo de prática entra na equação para se poder atingir níveis superiores de qualidade, tivemos a necessidade de promover diferentes iniciativas ao longo da temporada, no sentido de proporcionar uma maior experiência com o jogo de Futebol. Iniciativas essas que passavam pelo aumento de momentos competitivos, fosse na marcação de mais um jogo por fim de semana ou num treino extra em formato e configuração distinta daquilo que era o nosso padrão semanal. Isto é, não só nos importava aumentar a quantidade de prática, como também a quantidade da Qualidade e, portanto, tínhamos sempre o interesse em gerar variabilidade aquando desses momentos. Neste sentido, fosse na escolha do adversário com quem iríamos jogar (nível dos jogadores adversários ou padrão de jogo que apresentavam); ou no formato: futsal, futebol de cinco num ringue, futebol de sete num campo “pelado”; ou em que configuração competitiva iríamos jogar, por exemplo. Felizmente, ao longo da época, tivemos a oportunidade de participar em diferentes iniciativas deste género.

Para além desta estratégia, tudo aquilo que fizemos em termos de treino foi no sentido de tentar atingir o grande e principal objetivo da Formação, neste caso particular, o desenvolvimento do potencial que cada jogador tem; ajudando-os a tornarem-se no melhor Jogador que conseguirem ser. Para isso, sabíamos que tínhamos de, primeiramente, gerar um grande nível de emotividade nos nossos jogadores através da promoção de um ambiente competitivo, sempre aliado a

um desenvolvimento de uma atitude mental que lhes permitisse perspetivar tudo aquilo que ia acontecendo sob uma visão de crescimento, para que no decorrer deste processo conseguíssemos ter Jogadores apaixonados pela Aprendizagem e pelo Futebol. Todo este Processo continha determinados valores e princípios que, acreditamos nós, permitirão à Criança desenvolver-se de uma forma integral. Porém, por estarmos inseridos numa escola Dragon Force, tínhamos que nos suportar, e balizar, também por aqueles que são os valores, a imagem e o jogar preconizado pelo Futebol Clube do Porto.

Posteriormente, fiquei ligado, também enquanto treinador-auxiliar do treinador-principal CF³, ao escalão de sub-13, que competiu no Campeonato Distrital, de futebol de onze, na série 2 da 2ª Divisão. Este escalão participou também na série 3 da Taça Complementar e em diversos torneios. Neste grupo, a equipa técnica era constituída por mais um treinador-auxiliar que tinha funções mais próximas do treinador-principal, sendo que, as que me foram confinadas passaram pela colaboração na sessão de treino e não tanto no planeamento. Porém, apesar de não entrar diretamente na delineação daquilo que seria *à priori* a proposta de treino para esse dia, tinha liberdade para sugerir e propor, fruto daquilo que eram as minhas observações e reflexões, mudanças ou ajustes nos contextos que posteriormente poderiam vir a ser propostos. Desta maneira, as funções que me foram atribuídas aquando a minha entrada neste grupo de trabalho passaram pelo auxílio durante, e na transição entre os exercícios, ajudando na sua preparação, participando nos mesmos e antecipando esses mesmos momentos de transição. Contudo, em situações em que era necessário um maior uma maior supervisão da prática, tinha um papel mais ativo na condução e na intervenção, mas sempre de acordo com as ideias pretendidas e os objetivos pré-estabelecidos para cada situação.

³ Por questões de confidencialidade são apenas consideradas as iniciais do nome do respetivo treinador.

3.4 Caracterização dos jogadores

O plantel Sub-11 incluiu 12 jogadores do sexo masculino nascidos em 2006, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos (Quadro 1). O facto de maior parte dos jogadores da equipa transitarem de escalão conjuntamente há já dois anos, tornou todo o processo de concretização dos objetivos propostos para este grupo facilitado pela sua já identificação com os ideais e valores Dragon Force.

Quadro 1 - Caracterização do Plantel Sub-11 da Escola de Futebol Dragon Force Custóias

Escalão Sub-11 (2016/2017)

Jogador	Nacionalidade	Idade	Posição	Clube
1	Portuguesa	10	Guarda-Redes	DFCustóias
2	Portuguesa	10	Guarda-Redes	DFCustóias
3	Portuguesa	10	-	DFCustóias
4	Portuguesa	10	-	DFCustóias
5	Portuguesa	10	-	DFCustóias
6	Portuguesa	10	-	DFCustóias
7	Portuguesa	10	-	DFCustóias
8	Portuguesa	10	-	DFCustóias
9	Portuguesa	10	-	DFCustóias
10	Portuguesa	10	-	DFCustóias
11	Portuguesa	10	-	DFCustóias
12	Espanhola	10	-	DFCustóias

Os jogadores deste escalão, de uma forma geral, denotam capacidades coordenativas e condicionais interessantes para a sua idade. No entanto, como acontece em grande parte das equipas, os seus pontos de partida, em termos da sua compreensão do Jogo e capacidade de execução, são distintos. Inicialmente os grupos eram, homogéneos ao nível do seu desempenho, porém existiam jogadores que se conseguiam destacar. Esta evidência momentânea acontece, possivelmente, pelas vivências precoces com o jogo de Futebol.

Em suma, enquanto treinadores foi nossa intensão, primeiramente, e em ambos os grupos, potenciar ao máximo as suas qualidades e melhorar as suas debilidades. Para isso, teve de existir, desde cedo, um comprometimento e um envolvimento em todo o processo inerente ao desenvolvimento dos diferentes Jogadores na tentativa de os ajudar a elevar, e a efetivar em todas as suas dimensões, todo o seu potencial.

Porém, o Processo de Desenvolvimento não passa apenas pelo que é o trabalho dos treinadores, assim, ambas as equipas foram acompanhadas pelo departamento de nutrição, de psicologia, médico e pedagogia. Todos estes departamentos têm como objetivo auxiliar os jogadores na consecução dos seus objetivos, tanto desportivos como nas outras vertentes sociais. As intervenções são individualizadas consoante a necessidade de cada jogador. Desta forma, são também eles parte do Processo. Assim como os pais. Como tal, no sentido de os sintonizar, para que os pudéssemos responsabilizar do seu papel, foram existindo algumas reuniões, formais e informais, na tentativa de gerar um entendimento às questões propostas.

Decorrente da minha prática e atuação, e da necessária reflexão para nos acercarmos de atingir os nossos objetivos, decidi também aprofundar e tentar chegar a aproximações pertinentes e proveitosas de determinados saberes. Através desta reflexão constatamos que preconizar um Ensino de qualidade, desde idades mais baixas, no sentido de promover e permitir a realização Humana na sua completude, assume-se como uma necessidade. Se, segundo Wells (cit. por Maciel, 2011, pp. 212), “a essência da Humanidade reside na criatividade, tendo sido esta a característica mais relevante na evolução da humanidade”, então porque não potenciá-la?

“Daqui decorre o convite a desenvolver nas crianças e jovens sonhos, objetivos e metas que tenham o céu por limite.”

(Bento, 2004, pp. 161)

4 Realização da prática profissional

4.1 Plano Treino

O nosso propósito é fazer emergir um jogador de qualidade superior. Desenvolvendo neles competências e aptidões que aumentem as possibilidades de expressar o seu máximo potencial, e assim, aumentar a possibilidade de virem a ser jogadores de elite.

Reconhecemos que esses jogadores se distinguem, em termos macro, a diferentes níveis. Que manifestam traços de personalidade que possivelmente potenciam, e potenciaram, esse desenvolvimento; que expressam uma elevada Inteligência de Jogo, que contempla a criatividade como algo essencial. Uma Inteligência que lhes permite responder, de forma adequada, aos problemas que o jogo lhes vai colocando. Desta forma, são jogadores que se diferenciam dos demais; que aproximam, a todo o momento, a equipa do sucesso, contribuindo para que as suas equipas marquem cada vez mais golos e sofram cada vez menos.

Deste modo, e atendendo ao facto da equipa de Sub-11 treinar três vezes por semana, competindo formalmente ao sábado da parte da manhã (Figura 3), o planeamento e operacionalização tentou promover, presentificando sistematicamente, as condições que consideramos essenciais, e entendimento de Jogo, para acelerar o desenvolvimento dos jogadores. Assim, as configurações e intervenções, tentaram, ao longo do processo, interferir, pela via consciente e inconsciente, sobre o Corpo do jogador na tentativa de possibilitar a emergência de determinados traços de personalidade e de jogar.

Morfociclo

Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Jogo	Folga	Treino	Treino	Folga	Treino	Folga	Jogo

Figura 3 – Morfociclo Padrão dos Sub-11 da Escola Dragon Force Custóias

Para exemplificar todo o trabalho desenvolvido ao longo da temporada, é apresentado um morfociclo relativo a uma semana de treino.

O morfociclo teve como propósito despertar consciências, essencialmente, na forma como os jogadores perspetivam o jogo. Todo o processo foi sustentado na lógica interna do jogo de futebol, e alimentado pelas diretrizes do modelo de jogo proposto pela Dragon Force. Para isso, propusemos contextos em que lhes fosse dada liberdade de decisão, autonomia de escolha, mas balizada sempre nesse sentido lógico por forma a promover um entendimento, através da adequação pela vivênciação do jogo. Tudo aquilo que pudesse ser desviante, havia, por parte dos treinadores, um “fazer pensar sobre”. Porém, tentávamos criar sempre um clima competitivo, gerando um envolvimento emocional, por forma a poder facilitar a auto-aprendizagem desse conhecimento. Em todos os momentos de treino tentávamos garantir que houvesse desafio, uma auto e hétero superação; variabilidade para que pudessem ser diversos na forma como concretizavam; e densidade para que fosse possível consolidar ou aprofundar conhecimentos.

A semana culminou com o jogo no nosso complexo, a contar para o campeonato, contra a Escola de Futebol Macieira da Maia.

Segunda-feira (23 de janeiro de 2017)

"Campeonato 3 equipas"

Descrição
<p>Formato Campeonato, a duas voltas (jogos c/ duração: 3')</p> <ul style="list-style-type: none"> - Equipas dividem-se pelos campos; não podem repetir duas vezes seguidas mesmo campo. - Equipa fora, faz passagens (no ar, sem deixar cair); equipa que tiver mais por volta recebe ponto bonificação. <p style="text-align: center;">AxB C BxC A AxC B</p> <p>Nota: Equipa vencedora campeonato inicia contratação próximo jogo.</p>

a) "Volta Atrás": antes de podermos fazer golo, temos de fazer chegar a bola a zona; bola é sempre repostada pelo GR.

b) Ataca duas balizas, defende outras duas colocadas à largura.

"Jogo Emparelhado"

Descrição
<ul style="list-style-type: none"> - Equipas dividem-se pelos campos; não podem repetir mesmos campos duas vezes seguidas. - O resultado final de cada jornada é a soma dos dois resultados nos diferentes campos, sendo que o número de pontos corresponde à diferença entre os golos marcados e sofridos. <p>- Cinco jogos c/ duração de 3'</p>

a) Jogo "Formal"

b) Atacam e defendem uma baliza, em campo de hóquei.

Figura 4 – Plano treino nº1

Terça-feira
(24 de janeiro de 2017)

"Holandês"



Descrição

- Gr+4x4x4+Gr
- 3 partes de 8': ganha equipa que tiver mais golos

Nota: Equipa que fica em último lugar pode contratar 1 jogador, fazendo permuta com um seu, à equipa vencedor.
Equipa vencedora inicia jogo com bola e golo vantagem.

- Equipa que está a defender baliza, pode atacar outra baliza se fizer passar a bola, controlada, pelo meio campo (passe/condução).
- Equipa que está a atacar, passa atacar outra baliza se fizer golo.

"Regras Configurantes"



Descrição

- Gr+6x6+Gr
- 4 jogos:

- 1ª parte: "formal" c/ duração de 7'
- 2ª parte: "regra meio campo" c/ duração de 5'
- 3ª parte: "formal" c/ duração de 7'
- 4ª parte: "regra meio campo" c/ duração de 5'

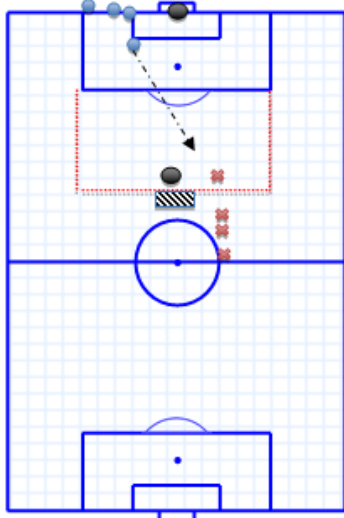
Nota: Equipa vencedora tem direito a bater penáltis.

- "Regra meio campo": se equipa fizer golo, tendo "viado junta" em profundidade (necessário estar todos jogador, à exceção do guarda-redes, à frente meio campo), o golo valoriza 2.

Figura 5 – Plano treino nº2

Quinta-feira
(26 de janeiro de 2017)

"Campeonato p/feitura equipas"



Descrição

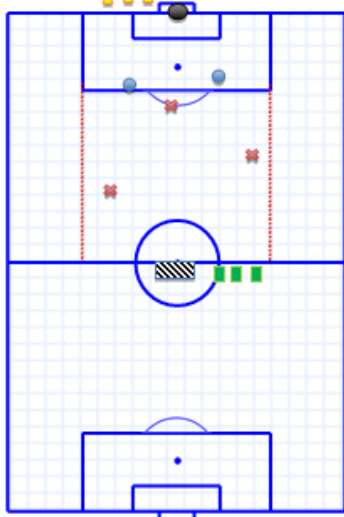
- Gr+1x1+Gr
- Golo = 1; Roubo + golo = vale por dois e retira um golo a quem perdeu bola.

Jogo com duração de 10', com uma densidade de 1:6. Máxima execução de 15".

Nota: 3 jogadores com mais golos é capitão.

- Sai em condução. Após remate, reage a pressionar outra fila.

"Campeonato a 4 equipas"



Descrição

- Gr+3x2+Gr
- Golo em inferioridade valoriza 2;
- 3 jogos c/ duração de 4'.

Nota: Equipa vencedora inicia jogo seguinte, com direito a começar com bola, escolhendo o joker.

- Bola inicia superioridade.
- Jogada termina quando a bola sair pelas linhas laterais e de fundo, ou se golo.

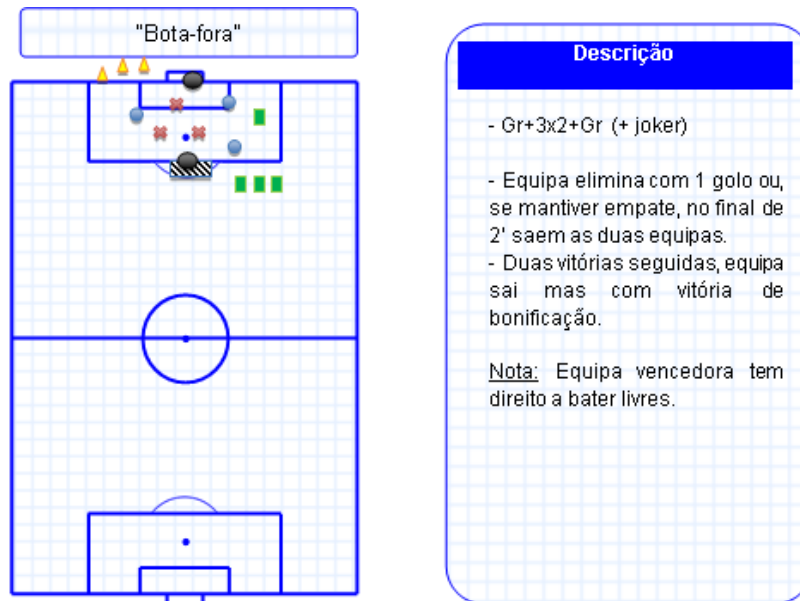


Figura 6 – Plano treino nº3

Apesar da pertinência do processo ser balizado pelo referencial que é o jogador de qualidade superior, e por aquilo que caracteriza e acelera a possibilidade da sua emergência, sabemos que o desenvolvimento é um processo complexo. Que envolve várias variáveis que não controlamos, mas sobre as quais pretendemos interferir.

As questões que foram sendo levantadas daquela que foi a minha experiência enquanto treinador-estagiário passam, exatamente, por isso mesmo. O que deve nortear o desenvolvimento de um jogador. Aquilo que deve orientar a construção de um conhecimento relativo ao Jogo, não só no seu entendimento mas também na sua capacidade de concretização. Desta maneira, as minhas inquietações prendem-se na operacionalização; na dimensão pedagógica do jogo; naquelas que são as condições/ingredientes que aceleram o desenvolvimento de jogadores de qualidade superior.

4.2 O papel do Processo de Formação na criação de condições propensas à emergência da Criatividade

4.2.1 Introdução

Perspetivamos o mundo como um sistema complexo e aberto, que evolui a partir da diversidade de relações que pode estabelecer com os diferentes agentes que o compõem, assim como nas relações de troca que estabelece com o meio envolvente. Este, devido a estas características que apresenta, poder-se-á manifestar como um sistema de grande flexibilidade face às mudanças. Estes sistemas, perante um desequilíbrio, organizam-se em função de um determinado objetivo comum, e a partir de determinadas regularidades, fazendo emergir padrões; uma identidade. É esta capacidade de contemplarem o novo sem lhes sucumbir, revelando uma flexibilidade muito maior do que a que se verificaria em sistemas fechados, que permite a estes sistemas evoluírem continuamente perante o imprevisto (Cunha e Silva in Maciel, 2011).

Se categorizarmos o Homem, e o Futebol também, como sistemas complexos pois cumprem com todos os requisitos que caracterizam estes mesmos sistemas, revelando-se sistemas abertos, não-lineares e que vivem longe do equilíbrio, contemplam a Criatividade como um aspeto essencial e fundador, na medida em que lhes permite evoluir a partir da novidade. Reinventando-se, superando-se, e com isso complexificar-se e coexistir com o meio envolvente (Maciel, 2011). Isto é, servem-se da hostilidade do meio para criarem uma nova ordem interna de um grau superior de complexidade, ultrapassando-a e superando-se.

Ao vivermos num mundo que é caracterizado pela não-linearidade, pela existência de redes de interação, pela imprevisibilidade, exige-se aos seus constituintes, neste caso ao indivíduo, competências que lhes possibilitem dar as melhores respostas às mudanças e problemas diários para assim se poderem adaptar, de uma melhor forma, ao futuro incerto. Requer pessoas criativas e

engenhosas que poder-se-ão melhor adaptar, não por ajustamento ou pela acomodação conveniente ao mundo, perdendo identidade, mas através da melhoria, entenda-se complexificação, para se tornarem cada vez mais aptas para enfrentar essas incertezas, evoluindo, elevando qualitativamente o seu Eu. Isto é, através da sua capacidade de inovar perante as circunstâncias, fruto de um pensamento “gerante”, ou seja, criativo, permitirão a emergência de uma adaptabilidade a um nível maior e de complexidade superior. Porém, esta engendração não se dá de uma forma individual, isto é, acontece de uma forma individualizada mas dentro de interesses comuns, um sentido coletivo e social, pois vivemos e somos fruto da inter-relação com o outro. Ou seja, somos influenciados e influenciados o Outro em busca de algo melhor.

No entanto, temos reparado, pela opinião de vários autores (e.g. L'Ecuyer, 2017; Judkins, 2016; Robinson, 2010, 2016), que algumas capacidades naturais com as quais nascemos e que promovem, na sua interação, a emergência da Criatividade têm-se vindo a definir, ou até perdermos a ligação a muitas delas, à medida que passamos mais tempo no mundo. O mesmo acontece, inevitavelmente, no Futebol onde “a criatividade tem sido denunciada como algo que se está a perder” (Maciel, 2011, pp.231), o que o torna menos belo pela escassez dos génios “desordeiros” e artistas de outrora, tornando-o mais mecânico e repetitivo, mais estéril, com menos vitalidade. Fruto da lógica mecanicista e determinista que influenciou significativamente a Metodologia de Treino, a Pedagogia e toda a lógica de desenvolvimento dos jogadores.

Esta menor qualidade de jogo resulta, em parte, como alguns autores o expõem (Fonseca & Garganta, 2006; Valdano, 2002), pelo eclipsar do Futebol de Rua, algo que era culturalmente inevitável e espontâneo, e que, no fundo, se constituía como um espaço fundamental para o desenvolvimento destes Jogadores de qualidade superior. Este desaparecimento resulta, em grande parte, pelas alterações observadas nas sociedades, desde a modificação do seu espaço físico, isto é, a estrutura das próprias cidades, que reduz os espaços que permitiam aos jovens viver a realidade deste fenómeno, juntamente com o conjunto de vivências que lhe estavam associadas; mas também pelas alterações na conjectura social que se tem assistido nos últimos anos, onde a

pressa, a falta de segurança, a preocupação, por parte dos pais, de oferecer às crianças uma educação mais diversificada, cheia de atividades e estímulos, com a intenção de lhes permitir um desenvolvimento mais alargado de competências para enfrentar o futuro que se avizinha mais competitivo e exigente, mas que acaba por lhes retirar, desde cedo, tempo para as suas brincadeiras fundamentais e afastar daquilo que é essencial para o desenvolvimento e manifestação da criatividade (Ginsburg, 2007; Neto, 2015; L'Ecuyer, 2017) e, inevitavelmente, empobrecer o seu processo de formação e consequente qualidade individual dos Jogadores pela inibição.

Por outro lado, esta menor qualidade de jogo verifica-se, também, por uma pobre conceção de jogo, derivada de “uma simplificadora e árida noção do que poderá ser a organização funcional de uma equipa, dado que se tem verificado a obsessão inquietante dos treinadores para um jogo ultra ordenado, onde apenas a regularidade é enfatizada” (Fonseca & Garganta, 2006, pp.24), não permitindo a emergência do “eu” individual e do “eu” coletivo criador, desprovendo a pessoa daquilo que ela tem de único, para ir ao encontro daquilo que o treinador considera que a pessoa deva ser. Ou seja, entra aqui a problemática do treinador-professor que se preocupa mais no que há-de ensinar do que naquilo que a criança deve aprender, desencorajando a curiosidade das crianças pois enfatizam as respostas e não as perguntas. O mesmo acontece quando não promovem e estimulam a vontade de descoberta por parte das crianças, dando liberdade para errar, pois apenas levam em consideração as respostas certas, desvalorizando o potencial do erro. Isto resulta numa formatação do indivíduo e não numa formação. Contudo, segundo o mesmo autor, e se percebermos o jogo enquanto fenómeno de natureza complexa e aleatória, e de desenlace incerto, a organização funcional de uma equipa, sendo ela um sistema aberto, muito mais do que renunciar a uma determinada desordem, deve integrá-la com vista um crescimento qualitativo. Movendo-se esta entre dois polos: o vínculo, isto é, o estabelecido, as regras, os princípios, e a possibilidade, isto é, a inovação, a criatividade (Garganta, 2001).

Hoje, portanto, necessariamente outros espaços e entidades surgem e aparecem com outra preponderância no processo de Formação e

desenvolvimento dos jovens Jogadores. Isto é, não nos importa viver a lamentar tais situações, devemos, em vez disso, tentar subverter tudo isto através da responsabilização desses “novos” agentes formativos que são as Escolas e Academias de Futebol. Sendo o Futebol uma atividade que exige e implica que se descubram, explorem e desenvolvam potencialidades a aculturar, isto é, funcionalidades ancestrais que possuímos, mas que contudo, permanecem geralmente latentes, constitui-se como uma atividade que requisita a descoberta das diferentes potencialidades do ser humano. Logo, cabe a todos nós, repensar, ou efetivamente pensar, aquilo que é realmente essencial, e quais as condições a serem criadas, para o desenvolvimento de “génios” e “artistas”, aqueles que, na sua maior virtude, por terem um flexível espetro adaptativo, são capazes de inovar e despertar sentimentos de fascínio e emoções, de expressar e elevar, consequentemente, a qualidade do jogo, a qual emerge da “... confluência de uma dimensão mais previsível, induzida pelas leis e princípios de jogo, com outra menos previsível, materializada a partir da autonomia dos jogadores, que introduzem a diversidade e singularidade dos acontecimentos” (Garganta, 2005, pp.18).

É, então, nossa intenção, ao longo deste trabalho, tentar perceber e explicitar alguns dos elementos, ao nível do Processo de Formação, que melhor poderão permitir a emergência da Criatividade no Futebol, sendo esta um aspeto essencial para um Futebol de qualidade superior.

“Que educação estamos a dar às nossas crianças?

Não, isto não é assunto apenas da escola e dos professores; é de todos nós.”

(Bento, 2004, pp.148)

“O pensamento criativo é tão complexo que nenhuma abordagem singular é capaz de o explicar.”

(Gruber & Davis, 1988)

O propósito deste trabalho não é chegar a definições de conceitos, nem compreender de uma forma singular os processos que estão subjacentes ao fenómeno da Criatividade, nomeadamente: a perceção, a atenção, a memória, entre outros fatores, mas sim perceber de que forma a interação das diferentes variáveis, de ordem cognitiva, “ambiental” e outras, é influenciada, positiva ou negativamente, pela qualidade dos seus intervenientes. Não é também nossa intenção, pela natureza do próprio trabalho, versar sobre a temática de uma forma extensiva. Isto é, preferimos aborda-la num sentido mais abrangente, através de temas que abarcassem vários elementos, e não ir a fundo a cada um dos seus componentes. No entanto, para nos podermos sintonizar, e através da nossa pesquisa percebemos que o conceito criatividade é de domínio multidisciplinar, e que por isso apresenta diferentes aproximações e definições consoante o seu campo de ação. As abordagens unidisciplinares poderão ser consideradas limitadas uma vez que abarcam apenas parte do fenómeno. Com isso, percebemos que a melhor forma de a podermos tratar e entender é através de uma abordagem sistémica, complexa e ecológica. Esta perspetiva gera uma mudança na perceção do indivíduo (Maciel, 2011; Moreira, 2008), pois permite estudar a complexidade das relações entre os diferentes elementos, e assim, perceber, de forma mais abrangente, as implicações de determinadas ações em campos aparentemente distantes, mas também abarcar, de certa maneira, toda a complexidade que envolve o ser humano nas suas mais variadas dimensões.

Segundo este prisma, a ação do indivíduo é influenciada pelo universo em que se insere, assim como este também influencia esse mesmo universo, criando um ciclo de reciprocidade, complexidade, mudança e de evolução constante. As ideias de um indivíduo não são apenas fruto da sua mente mas sim da interação, com diferentes níveis, entre o indivíduo e o ambiente envolvente. Isto não quer dizer que o indivíduo seja colocado de parte, apenas significa que é necessário

ser feito um reposicionamento da dimensão individual perante o fenómeno da Criatividade (Moreira, 2008). Ou seja, é alguém que atua como parte integrante de um sistema coletivo, tratando-se este de um conjunto de sistemas e subsistemas em constante evolução que efetuam trocas entre si originando novas soluções e respondendo a novas necessidades, sendo o indivíduo um pequeno sistema que interage com outros, e sendo todos estes influenciados por um sistema mais amplo, com o qual realizam constantes interações.

Em suma, para melhor entendermos o fenómeno da Criatividade, é necessária a análise das inter-relações entre os indivíduos e os ambientes em que estão inseridos, sendo a Criatividade uma emergência da interação de diferentes intervenientes.

Através do estudo de diferentes autores (Maciel, 2011; Robinson, 2010; Ximendes, 2010; Plucker & Esping, 2015; Díaz Martínez et al., 2016), percebemos que a Criatividade se relaciona intimamente com a Inteligência, na medida em que ela é uma condição necessária para a manifestação da Criatividade. No entanto, não tenhamos uma visão redutora ou restrita da Inteligência, isto é, apenas como algo cognitivo, de raciocínio verbal e matemático, e isolada do entorno. Ela deve ser, também, abordada e vista à luz de uma perspetiva complexa e multidimensional, isto é, através de uma visão pluralista da mente.

A natureza da Inteligência sempre foi controversa. Sempre existiram críticas às definições tradicionais de Inteligência e, nos últimos anos, estas cresceram em número e intensidade. Destacamos dois investigadores: Howard Gardner e Robert Sternberg. Ambos refutam a teoria tradicional que nos diz que ela é um constructo singular e unitário, que nascemos com uma determinada quantidade de inteligência e, por isso, é mensurável mediante um quociente de inteligência (QI). O primeiro autor contraria dizendo que a Inteligência é muito mais do que aquilo que os testes de QI algumas vezes conseguirão avaliar, e sugere mesmo que não existe uma única Inteligência mas sim “inteligências múltiplas”. Esta teoria diz-nos que a Inteligência se constitui como um conjunto de habilidades e domínios específicos que interagem entre si na solução de

problemas, sem nenhuma relação de superioridade hierárquica de uns sobre os outros e com inúmeras possibilidades de combinação com o fim de produzirem aquilo que se considera ser um desempenho inteligente. Goleman (2006) acrescenta que a Inteligência pode incluir competências não-cognitivas, algo que é também defendido por Gardner (2005). O segundo, Sternberg (2005), há muito que critica as abordagens tradicionais de avaliação da Inteligência e do QI, defendendo que existem três tipos de inteligência: a analítica, a criativa e a prática. Portanto, aquilo que faz uma criança revelar-se mais inteligente do que outra deve-se mais ao aproveitamento que saiba fazer dos seus recursos, como a capacidade de aprender, de se motivar e de agir no e sobre o mundo, do que a mera exibição de raciocínios brilhantes.

Conseguimos perceber, assim, que a Inteligência se apresenta como uma faculdade plural, específica, contextual e operativa, cuja expressão se faz de forma única, e que se desenvolve atendendo às peculiaridades das diversas atividades em que se encontra implicada. Maciel (2011), no seu estudo, diz-nos que, por tudo isto, podemos considerar que também o Futebol, pelas particularidades que apresenta, requisita uma Inteligência própria desta atividade. Uma Inteligência que melhor permitirá, através da manifestação de um carácter adaptativo, a resolução, com diferentes recursos e respostas, perante os problemas circunstanciais. Uma Inteligência de Jogo ⁴ que será desenvolvida através da vivenciação da especificidade da atividade.

Em síntese, e à luz de uma abordagem complexa, se a Inteligência e a Criatividade são consanguíneas, sendo que “a mais elevada forma de inteligência é pensar criativamente” (Robinson, 2010, pp.64) e não podemos ser criativos se não agirmos com inteligência, podemos pressupor que a criatividade também é ela específica, contextual, operativa e funcional; sendo ela mesma um

⁴ O carácter operativo e funcional da Inteligência de Jogo, enquanto Inteligência em ação, é que permite a distinção entre este conceito e a do Entendimento de Jogo, que se relaciona, este último, com a dimensão teórica do Jogo, e não com a praxis. Então, a Inteligência de Jogo compreende a Inteligência de Jogo propriamente-dita, um conceito mais abrangente, e que se reporta à Inteligência específica da atividade, o Futebol, daí Jogo com letra maiúscula, mas também compreende o Entendimento de Jogo e ainda a Inteligência de jogo, com letra minúscula, que se refere à Inteligência implicada na expressão de um determinado jogar (Maciel, 2011). No entanto, sendo a Inteligência de Jogo multidimensional, é igualmente consubstanciada por muitas outras Inteligências.

conjunto geral de capacidades intelectuais que se põem em prática perante determinadas situações.

4.2.2 Procedimentos Metodológicos

Optou-se por uma abordagem mais pessoal e empírica. Quisemos perceber e responder, através da opinião de vários peritos da área do treino e do jogo de Futebol, às inquietações que nos foram sendo levantadas no decurso da nossa prática e vida académica e profissional.

4.2.2.1 Caracterização dos participantes

Quando se opta por realizar entrevistas, pretende-se saber aquilo que os entrevistados pensam, procurando que estes acrescentem algo de novo, com intuito de esclarecer determinados aspetos relativos à temática. Perante esta intenção, importava-nos levantar a opinião de vários peritos ligados à formação de jovens Jogadores de Futebol.

Por forma a podermos ser o mais criteriosos possíveis, considerou-se como critério nuclear terem, no mínimo, uma experiência de 8 anos como treinadores de formação. Associado a este requisito, o participante teria de respeitar pelo menos mais uma das seguintes condições: (i) formação académica igual ou superior ao grau de mestrado em ciências do desporto; (ii) acreditação correspondente, ou superior, ao grau 2 de treinador; (iii) uma experiência de 15 anos de treinador; (iv) 5 anos de funções de coordenação do departamento de formação (Quadro 2).

Quadro 2 – Caracterização dos entrevistados

PARTICIPANTE	IDADE	NÍVEL DE INSTRUÇÃO					ANOS TR	ANOS TR - FORMAÇÃO	ANOS COORDENAÇÃO	
		SEC	Lic	EF	MEST	DOUT				NÍVEL TR
A	51					X	IV	27	20	3
B	35				X		II	12	9	2
C	35		X				III	15	12	6
D	33		X				II	12	11	7
E	38				X		IV	16	13	2
F	60				X		IV	35	25	17
G	58		X				III	32	19	6
MÉDIA	44,3							21,3	15,6	6,1

Legenda: Tr: Treinador; SEC: Secundário; Lic: Licenciatura; MEST: Mestrado; DOUT: Doutoramento

A escolha final dos entrevistados recaiu sobre sete profissionais ligados a diferentes níveis à coordenação técnica, ao treino e ao jogo de jovens Jogadores de Futebol, no sentido de podermos recolher experiências, sentimentos, conhecimentos e informações que pudessem enriquecer o presente estudo.

4.2.2.2 Condições de aplicação da recolha de informação

Realizou-se uma entrevista de estrutura semi-aberta, com base em questões guia que serviram de suporte, elaboradas com base numa revisão bibliográfica sobre a temática. O carácter aberto da entrevista teve como propósito permitir que os entrevistados pudessem expor o seu ponto de vista de uma forma clara, pessoal e o mais aprofundada possível. E assim, de acordo com os seus respetivos conhecimentos e vivências, poder, posteriormente, interpretar os seus relatos interconectando-os com um conjunto de dados e inferir uma resposta final.

As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio de 2017, em locais previamente estabelecidos pelos entrevistados. Antes do início das mesmas, os entrevistados foram informados da natureza e dos objetivos do estudo. Para podermos explorar devidamente o conteúdo, foi utilizado um gravador digital “Olympus” com o conhecimento e autorização dos entrevistados. Posteriormente as entrevistas foram transcritas para o programa Microsoft Word do Windows 10.

4.2.3 Resultados

Depois de analisados os depoimentos dos Entrevistados, dividimos este capítulo pelos temas que consideramos mais pertinentes para tentar responder às nossas perguntas iniciais.

4.2.3.1 Genética vs Ambiente

“A nossa herança genética pré-determina o desenvolvimento de algumas características e habilidades, porém o estímulo ambiental é necessário para aproveitar ao máximo esta herança. Esta afirmação seria o mesmo que atribuir a importância da semente e do solo para o crescimento de uma árvore”
(Ximendes, 2010, pp. 53)

A pergunta que é colocada inicialmente é relativa à origem da Criatividade. Por si só a questão é algo controversa pois existem diferentes mitos à volta da temática e que, por isso, diversos autores têm, nos últimos tempos, tentado desvanecer.

A problemática da hereditariedade e do meio foi durante muito tempo discutida, verificando-se inicialmente uma tendência para se considerar que as faculdades mentais dos sujeitos provinham maioritariamente dos nossos genes, sugerindo-se a existência de um determinado gene para cada faculdade (Davids & Baker, 2007). Entendia-se inicialmente, que a Criatividade era uma característica puramente genética e, como tal, não passível de ser potencializada, isto é, não passível de ser educada ou desenvolvida (Oliveira, 2010).

Todos os entrevistados, de uma forma geral, parecem estar sintonizados com a ideia de que todos temos capacidades inatas que nos permitem ser criativos,

mas que essas mesmas capacidades só se poderão desenvolver e manifestar se o contexto o permitir.

De facto, percebemos que nascemos com uma carga genética considerável das estruturas humanas que nos precederam, mas isto não significa dizer que estamos delimitados e que o nosso destino está previamente determinado por tais heranças. Isto porque, se a Criatividade é suportada por um conjunto de capacidades que foram sendo desenvolvidas ao longo do nosso caminho adaptativo enquanto espécie, e por estas estruturas fazerem parte de uma história filogenética, podemos dizer que em parte a Criatividade tem uma componente genética, o que é defendido pelos Entrevistados D e E.

Se analisarmos a evolução da nossa espécie, as capacidades mentais que suportam a Criatividade, foram sendo desenvolvidas por uma necessidade de resposta, para conseguirem sobreviver, face a uma exigência externa. Para Capra (2005) os organismos vivos têm um potencial inerente para se superarem, para criarem novas estruturas e novos tipos de comportamento. Esta ideia é referida pelos entrevistados B e C quando nos dizem que, as crianças, mais exatamente os bebés, pelo facto de ainda não estarem condicionadas pelo ambiente exterior, apresentam-nos características inatas que nos revelam que elas estão presentes desde cedo, nomeadamente, esta tendência para a superação e transcendência, fruto do imperativo biológico da sobrevivência, que nos leva, necessariamente, a inventar “múltiplas formas de ultrapassar os obstáculos e de lidar com todas as situações da vida” (Entrevistado C, Anexo 4).

Algo que fomos constatando nas nossas pesquisas foi que, aqueles que defendiam a influência do meio ambiente sobre esta dimensão genética das capacidades, foram, com o tempo, ganhando alguma notoriedade, isto porque, parece não fazer sentido a falácia que sugere que genes e ambiente são independentes, uma vez que estes se influenciam mutuamente. Goleman (2006) afirma mesmo que parece ser biologicamente impossível um gene funcionar desconectado do seu meio ambiente, uma vez que são concebidos para serem regulados por agentes provenientes das suas proximidades. Segundo Crabbe (in Maciel, 2011) o desafio que se nos coloca na atualidade, é o tentar perceber

o impacto do meio nas diferenças de expressão dos genes, o que se constitui como mais um golpe para a ingênua visão do determinismo genético, que postula que as experiências são irrelevantes e que os genes são tudo. Podemos perceber que todos os Entrevistados estão de acordo com os diferentes autores que pesquisamos, quando admitem que a emergência da Criatividade depende fundamentalmente do contexto, o que faz com que essas capacidades inatas poderão ser desenvolvidas e potencializadas, ou inibidas, ou seja, modificadas, pela estimulação que o meio lhes oferece.

Uma área que se tem revelado como plausível para explicar a influência do meio no nosso sistema biológico e para superar as limitações do determinismo genético é a Epigenética, que, segundo Goleman (2006), reporta-se ao estudo acerca do modo como as experiências alteram a funcionalidade dos genes. Smith e Szathmáry (2007) dizem-nos que, o desenvolvimento dos organismos vivos pode, deste modo, ser explicado com base em processos Epigenéticos, sendo que estes dependem da relação entre o genoma e o meio ambiente. Atualmente as Neurociências têm vindo a complementar esta ideia, demonstrando que a organização cerebral, apesar de ter subjacente informação existente no código genético, é fortemente influenciada pelo ambiente (Ximendes, 2010). Jean-Pierre Changeux (2003) acrescenta que os processos Epigenéticos podem atuar sobre o organismo, e de modo particular sobre o cérebro, constituindo-se o desenvolvimento cerebral como um processo evolutivo Epigenético. Isto leva-nos a pensar, e antever, a possibilidade de se poder induzir, através de estímulos externos alterações significativas ao nível macro e micro do cérebro, justificando a importância da influência do estímulo ambiental, que é o Treino, sobre o potencial genético da criança (Maciel, 2011).

Desta maneira, podemos dizer que a genética é apenas um ponto de partida, pois como nos sugerem Runco (2007), Oliveira (2010), Valqueresma e Coimbra (2013), todos nascemos com o mesmo potencial para ser criativo, e cabe ao meio ambiente esculpi-lo e exponencia-lo ao longo do tempo. Mas, segundo a opinião do Entrevistado C (Anexo 4), a Criatividade é algo que se desenvolve naturalmente e de forma espontânea, isto se as condições do meio forem favoráveis, pois, derivado do nosso princípio biológico de sobrevivência,

nascemos com uma vontade enorme de conhecer e aprender, o que faz com que sejamos curiosos e imaginativos por natureza. Esta ideia do nosso entrevistado vai ao encontro das opiniões de L'Ecuyer (2017) e Robinson (2010, 2016).

Assim, em suma e face ao apresentado, podemos perceber que a Criatividade estabelece-se no cruzamento de fatores genéticos, comportamentais e de características biológicas, sendo que o ambiente, as experiências familiares, educacionais e sociais parecem determinar a realização das potencialidades criativas de cada um. Portanto, em qualquer atividade, as características genéticas podem conferir uma vantagem a um indivíduo, mas a Qualidade e a Quantidade de prática acumulada revelam-se imprescindíveis (Fonseca & Garganta, 2006).

“De um modo geral, não é nem prudente nem produtivo entrar no debate que opõe natureza e meio ambiente para tentar decidir se uma certa função cognitiva tomou forma, de certa maneira e em certo indivíduo, sob influência determinante do genoma, ou sob a influência determinante do meio ambiente, nomeadamente através da cultura. Torna-se cada vez mais claro, que esta oposição é falsa, e que as influências da natureza e do ambiente não são só combinadas mas frequentemente mútuas”

(Damásio, 2000, pp. 263/264)

4.2.3.2 Desenvolvimento para onde?

“Os vencedores serão sempre aqueles que inventaram o mundo
e não aqueles que se limitaram a responder-lhe”

(Vítor Hugo, cit. por Bento, 2004, pp.54)

Face a tudo o que vimos anteriormente, faz cada vez mais sentido questionarmos qual o Jogador que desejamos construir. Para isso, primeiramente, necessitamos de objetivar o futuro Jogador que queremos desenvolver: um Jogador com qualidade superior, capaz de responder, com o maior sucesso, todos os desafios que lhe são colocados pelo jogo. Portanto, importa-nos questionar que jogador é esse. O que os caracteriza?

Sabemos, através da pesquisa que fizemos e através da opinião dos Entrevistados, que os melhores têm uma inteligência superior, sendo essa Inteligência uma competência para se jogar o jogo de Futebol. São Jogadores que se conseguem adaptar devido a essa Inteligência de Jogo que foram desenvolvendo ao longo do tempo, o que lhes permite conseguir engendrar uma solução nova para os diferentes problemas que o jogo lhes coloca, mas também provocar essas mesmas perturbações; Jogadores que se conseguem manifestar e acrescentar qualidade ao jogo, independentemente do ambiente em que estão inseridos. São, por isso, Jogadores criativos, na medida em que são diversos e imprevisíveis na forma como interagem com o jogo, eficientes e eficazes, diferentes dos demais.

Quando questionados, alguns entrevistados no sentido de desmistificar alguns mitos acerca do tema, elucidam-nos para o facto de que ser-se criativo não está apenas relacionado a momentos ofensivos, ou a momentos em que o Jogador se encontra com bola, ou que a Criatividade apenas se expressa em determinadas zonas do campo. O Entrevistado E (Anexo 6) alerta-nos mesmo para a importância de se fazer um esforço no sentido entender a Criatividade

com uma perspectiva mais ampla: uma Criatividade que é permanentemente manifestável, ou seja universal, em que existe uma transversalidade a todos os momentos do jogo e espaços do campo. Esta ideia de universalidade é abordada também por Tamarit (2013) quando este nos alude para o facto de que quando se refere à Criatividade refere-se exatamente a uma Criatividade na tomada de decisão, a uma originalidade nas soluções tomadas pelo Jogador, independentemente se está na posse da bola ou não, em situação ofensiva ou defensiva, ou a jogar em determinado setor do campo. Esta ideia de relação entre a Criatividade e Inteligência, sendo que o ser-se mais ou menos inteligente está relacionado com o conhecimento que fomos adquirindo fruto das vivências que fomos tendo, foi por nós abordada anteriormente, e que parece pertinente pois grande parte dos Entrevistados abordou, direta ou indiretamente esta mesma relação.

O Entrevistado A (Anexo 2), quando nos fala dos Jogadores criativos, faz referência exatamente a isso, dizendo-nos que são esses aqueles que melhor percebem o Jogo; que têm, comparativamente aos demais, um conhecimento maior daquilo que é o Jogo. E, por isso, só conseguimos agir efetivamente de uma forma criativa quando entendemos aquilo que estamos a fazer. Assim, o conhecimento, aprendido pela exploração, manipulação, questionamento e modificação de informação ao longo do tempo, permite-nos a adoção de comportamentos criativos, e por isso inteligentes, pois vai possibilitar-nos, na continuidade, a melhor adequação ao constrangimento pelo ajustamento da tomada de decisão e execução, permitindo ao Jogador lidar com aquilo que vai acontecendo.

No entanto, o mesmo Entrevistado A (Anexo 2), acrescenta que esses mesmos Jogadores são capazes de ver mais além. Considerando que são Jogadores que veem mais que os demais, perante os cenários que o jogo vai evidenciando, e que por isso, trazem ao jogo uma maior variabilidade nas suas ações, trazendo surpresa ao lado previsível do jogo, no sentido de aumentarem as probabilidades de sucesso. Todos os Entrevistados, no geral, referiram exatamente essa capacidade de trazer imprevisibilidade ao jogo, como uma das características primárias dos Jogadores de qualidade superior. Partilham, portanto, da opinião

de Valdano (2007) quando nos diz que os melhores são aqueles que utilizam a “arte do engano” para ludibriar o adversário, fazendo-os crer algo diferente daquilo que vão realmente fazer, conseguindo ganhar tempo, de fabricar espaços, de conseguir vantagens. Porém esta capacidade de inovar é fruto do grande conhecimento que estes Jogadores têm do Jogo, pois uma das outras características que eles evidenciam, é o seu carácter operativo, a sua adaptabilidade contextual. Daí que, anteriormente, termos mencionado que a Criatividade só era efetivamente Criatividade se fosse operativa, contextual e funcional, o que vai ao encontro daquilo que nos diz Damásio (2011), quando refere que “criar consiste não em fazer combinações inúteis mas em efetuar aquelas que são úteis”, acrescentando que criar é inventar, discernir e escolher. Assim, podemos perceber, através desta afirmação, o carácter utilitário e funcional deste fenómeno, que encontra também no Futebol um espaço para se manifestar.

Portanto, e como todos os Entrevistados fizeram referência, tudo aquilo que saia fora dessa lógica funcional, que é a relação coletiva, não pode ser considerado como Criatividade. Isso é visível na opinião de Duarte Araújo (in Fonseca & Garganta, 2006) quando nos diz que a diferença entre os “bons jogadores” e aqueles que não são tão bons reside no facto dos malabarismos extraordinários, que por vezes são realizados, surgirem em função de algo, e não pelo “malabarismo” em si. Ou seja, este “malabarismo” surge como uma resposta, isto é, a solução encontrada, imaginada, perante um problema que o jogo lhes está a colocar, em função do objetivo comum que se quer alcançar naquele instante. No entanto, segundo os Entrevistados, os melhores são realmente os melhores pelo seu grau de concretização, pela sua eficiência em busca de aumentar as probabilidades do objetivo comum, e pela eficácia. Isto é, “normalmente, os jogadores criativos buscam soluções que muitas vezes não são as mais previsíveis mas têm, associada a essas soluções, essa eficácia e eficiência” a nível individual e por isso coletivo (Entrevistado A, Anexo 2), o que faz com que a Criatividade surja como uma emergência de crescente complexidade e não como o seu fundamento, devendo ser entendida como uma dimensão do fenómeno complexo que é o Futebol, não confundido a Criatividade

colocada em prática no jogo com “tecnicismos”, orientando-a, isso sim, para a eficácia e para o objetivo do jogo (Tamarit, 2007). Portanto, importa-nos uma Criatividade que se manifeste em momentos ofensivos e defensivos, com bola ou sem bola, em zonas avançadas ou recuadas no campo, porque os Jogadores Inteligentes são aqueles que procuram e são capazes de gerar, criar, através das suas ações as condições que mais aproximem a sua equipa de atingir os objetivos do Jogo de Futebol: marcar golo e não sofrer.

E é este “artista”, “génio”, jogador de qualidade superior, que queremos construir, um Jogador com uma Inteligência de Jogo, cuja emergência, só será possível se forem garantidas determinadas condições no seu Processo de Formação.

4.2.3.3 Pressupostos para gerar um determinado desenvolvimento

“Se calhar mais interessante do que procurar talento é procurar contextos que promovam o desenvolvimento do potencial talento. Porque de facto não existe registo de jogadores de excelência que não tenham tido um processo de aprendizagem e um processo de desenvolvimento de longos anos, cujos trajetos normalmente têm uma série de particularidades, têm uma série de dominantes que muitas das vezes não são visíveis”

(Entrevistado B, Anexo 3)

Todos os entrevistados estão de acordo quando nos dizem que a formação de Jogadores criativos depende, fundamentalmente, da perspetiva que se tem da Formação e daquilo que achamos que é fundamental ser valorizado para existir Desenvolvimento. Isto é, como refere o Entrevistado C (Anexo 4), se queremos gerar UM desenvolvimento temos que ter uma Ideia que contenha, precisamente, tudo aquilo que é necessário e essencial para gerar Desenvolvimento.

Os Entrevistados mencionam a necessidade de existir uma Cultura, uma cultura de Desenvolvimento, que pressuponha um processo rico de aculturação onde sejam promovidas e constituídas determinadas condições que possibilitem a emergência de um Jogador de qualidade superior, criativo. No entanto, isto só acontece se houver uma Cultura com uma visão de excelência humana, e que face a isso, promova, pela constante melhoria e maximização das potencialidades humanas, leia-se complexificação, um aproximar da plenitude do Ser que Joga.

Pensando que somos Seres que se constroem fruto de uma interação entre aquilo que é inato e o ambiente envolvente, e por um enorme grau de flexibilidade e de plasticidade característico dos seres orgânicos, então, esta aculturação, sendo que ela possa acontecer de uma forma mais direta ou de forma tácita, será mais efetiva quanto mais cedo ela for vivenciada, pois,

segundo alguns estudos (Goleman, 2006, 2014; Maciel, 2011; Ximendes, 2010; Vygotsky, 2012), existe uma relação entre a precocidade e a maior propensão para a plasticidade cerebral, pelo que, esta plasticidade, encontra na infância um período de especial propensão para o seu desenvolvimento. Esta plasticidade que caracteriza o cérebro Humano permite, através de uma enorme flexibilidade ao nível das aprendizagens, uma Aprendizagem constante, e uma consequente Adaptabilidade (Goleman, 2014; Vygotsky, 2012), o que implica que o cérebro seja estimulado e seja submetido a um Processo, de Aprendizagem, para que as conexões cerebrais se possam alterar. Marisa Gomes, em entrevista a Maciel (2011), acrescenta que esta sensibilidade, e dada a inteireza Corpórea, não se dá apenas a nível neural, mas também a nível motor, referindo que “o desenvolvimento motor dos humanos nos primeiros anos é decisivo para a somatização e para o potenciar de determinadas características. (...) essa plasticidade existente nos primeiros anos de vida é decisiva para o desenvolvimento de determinadas características. As características que vão permitir ser melhores ou não” (pp. 673), algo que é defendido também pelos Entrevistados B e C. Podemos, portanto, reconhecer à infância um enorme potencial ao nível da aquisição de conhecimentos específicos, o que realça a importância da Aprendizagem do Futebol se dar desde cedo. Porém, como veremos mais à frente, esta precocidade tem de acontecer mas com uma determinada Qualidade de estímulos, isto é, dentro de uma Especificidade. Pois só a sintonia e a harmonia da interação desses propósitos que compõem a Ideia é que vão permitir que todo o potencial criativo se possa manifestar com qualidade e assertividade (Entrevistado E, Anexo 6).

No entanto, esta Aprendizagem, daquilo que é o Jogo, não se dá pelo Ensino diretivo e convergente, tradicional, onde o treinador impõe e condiciona excessivamente o Processo. Não se trata de um saber teórico que se relaciona apenas com algo cognitivo, mas sim um saber que se adquire na prática, de forma autónoma, através do Corpo entendido como um todo. Por isso, é que o facto de termos alguma informação biográfica da infância de alguns jogadores que chegaram a altos níveis de desempenho, e em todas elas nos serem reveladas que nalgum momento da sua infância passaram grande parte do seu

tempo a brincar/jogar na rua, ou seja, inseridos num processo de Futebol de Rua onde uma das características desse fenómeno era a ausência de uma prática dirigida, nos ajuda a contrariar, de certa maneira, essa mesma ideia de que o Futebol deve ser ensinado.

Contudo, Duarte Araújo, em entrevista a Fonseca e Garganta (2006), alerta-nos para a possibilidade de haver alguma perniciosidade na passagem desse fenómeno, pois existem determinadas variáveis que o Jogador deve usar, mas que poderá não utilizar por nunca ter interagido com o contexto de modo a ficar sensível à sua utilização. O que, de facto, lhe pode retirar algum tempo à sua evolução, ou qualquer vantagem momentânea, pelo facto de não ter estimulado, derivado do contexto circunstancial, na direção mais favorável. Algo que é defendido por alguns Entrevistados e que será abordado por nós mais à frente quando discutirmos acerca das fontes de informação que poderão ajudar a sensibilizar, e assim refinar, as variáveis percetivas de qualidade. Porém, neste momento, o nosso propósito é o de evidenciar de que mais do que ensinado, o Futebol deve ser Aprendido (Entrevistado B e C) e como tal, o Processo, só é efetivamente um Processo de qualidade, se atender realmente, também, às necessidades momentâneas da criança. Isto porque o nível de aquisição das matérias, neste caso o Futebol, encontra-se dependente de quem as aprende essencialmente, mas também de quem facilita esse processo de Aprendizagem.

“Por isso, o processo terá de estar sempre focado e centrado no processo de Aprendizagem da criança. Pois é a criança que aprende” (Entrevistado B, Anexo 3). Os entrevistados A, B, C parecem estar em sintonia quando referem que temos mesmo de abolir essa lógica de ensino que existe por parte do treinador, que procura incessantemente algum tipo de comportamento que é mais resultado do ensino do que da Aprendizagem, e começar a estar mais preocupados em perceber aquilo que é efetivamente importante. Aquilo que é uma Criança, nos seus diferentes momentos do natural desenvolvimento, e de que forma é que ela aprende nesses mesmos momentos, para que possamos criar os melhores contextos-problema face às suas necessidades circunstanciais e assim, promover uma facilitação do desenvolvimento que pretendemos. “Se não se fornece a informação na altura em que a criança está mais apta para

receber determinado tipo de informação, a janela fecha-se e passa a oportunidade. Quando quiser aprender já não vai aprender da mesma forma nem com a mesma facilidade” (Castro-Caldas, 2006).

Em suma, “iniciar tão cedo quanto possível só não se constitui um problema se a atividade dominante for o Futebol (...) percebendo-se facilmente, que não se joga o mesmo futebol aos dois, aos quatro, aos oito ou aos dez anos – as suas características são diferentes porque as próprias crianças assim o exigem” (Frade, in Fonseca & Garganta, 2006), mas que não deixa de ser Futebol. Portanto, o Processo, derivado de uma prática vivenciada precocemente do Futebol, deve estar então balizado por uma determinada Especificidade. Uma Especificidade que contenha todos os ingredientes essenciais, que possibilitem a emergência de UM determinado desenvolvimento, que se quer de Qualidade e, por isso, que contemple a Criatividade como algo essencial.

4.2.3.4 A Qualidade da Quantidade

4.2.3.4.1 Mentalidade

“As forças de carácter que tanto importam para o sucesso dos jovens não são inatas; não surgem por magia, em resultado da boa sorte ou dos bons genes. E não são simplesmente uma questão de escolha. Estão enraizadas na química do cérebro e são moldadas, de forma mensuráveis e previsíveis, pelo meio em que as crianças crescem. Isso significa que podemos fazer muito para influenciar o seu desenvolvimento (...)”

(Tough, 2012)

“A preparação de uma criança para a escola depende do mais básico de todos os conhecimentos: como aprender.”

(Goleman, 2014, pp. 215)

A questão que se coloca primeiramente é por que razão algumas crianças estão mais próximas de vir a ter sucesso e outras não? Que coisa é essa, se assim podemos chamar, que ajuda a fazer com que qualquer pessoa consiga cumprir todo o seu potencial? Vários autores (Dweck, 2014; Tough, 2012; Nadal, 2015; Duckworth, 2016) dizem-nos que isso é resultado de uma forma de estar, um traço comum na personalidade dos melhores: a mentalidade, ou atitude mental, que facilita a emergência, na continuidade, de um determinado carácter. Mas, porquê que esta forma de estar está relacionada com o desenvolvimento da criatividade? Ao percebermos a criatividade, enquanto fenómeno complexo e emergente, ela depende de uma vontade de aprender, vontade de crescer, de se complexificar (Judkins, 2016; Cavalcanti, 2006). Isto é, para que seja possível isso acontecer, e pelo facto de ela lidar com a mudança, o novo, o desconhecido, é importante ter-se a coragem para correr riscos mas, essencialmente, querer aprender com os consequentes erros que daí advém. Portanto, a Criatividade necessita e urge de se olhar para todos os momentos como oportunidades

únicas de desenvolvimento, de melhoria, de superação pois, segundo Dweck (2014), a forma como conduzimos a nossa vida é afetada profundamente pelo ponto de vista que adotamos para nós próprios. É através da atitude mental que conseguimos explicar o porquê de nos tornarmos otimistas ou pessimistas perante uma situação, é a explicação de como são definidos os nossos objetivos, a nossa abordagem ao trabalho, às nossas relações sociais. Oliveira (2010), no seu trabalho, refere um estudo de Ochse em que o autor identificou que uma percentagem importante de indivíduos com alto grau de criatividade vem de lares com dificuldades ou desfeitos, mas porque, nesse caso, as crianças veem nos aspetos limitadores do ambiente uma fonte inspiradora para desenvolverem a sua criatividade. Como tal, só conseguiremos ver isso dessa forma se tivermos despertos, sintonizados, como expusemos anteriormente, por uma determinada ideia de desenvolvimento. Uma ideia que contemple tudo aquilo que nos pode ajudar a aproximar daquilo que é um Jogador de qualidade superior, e como tal, de nada nos ajuda pensar sobre aquilo que não é controlável, aquilo que desvie o foco e concentração daquilo que nos permitirá concretizar o objetivo máximo da formação.

Sabemos, por diferentes autores (Robinson, 2016; L'Ecuyer, 2017, Goleman, 2014), que o verdadeiro motor da Criatividade é a curiosidade e a paixão pelo trabalho e esforço em si mesmo, e pela Aprendizagem. A capacidade de se reestabelecer após situações adversas, mantendo apesar de tudo, um funcionamento normativo (Goleman, 2006), isto é, a resiliência, e a paixão pela Aprendizagem, são duas coisas que resultam de uma determinada atitude mental, a de crescimento. No entanto, quando falamos de paixão, importa-nos ressaltar, neste ponto, que esta paixão deve ser algo descoberto por eles, fruto da estimulação pela sua curiosidade, e não uma paixão imposta, ou uma superestimulação, sob pena de se criarem artificialidades, ou “pontas-soltas”, sem sentido. E aqui podíamos referir à palavra sentido não apenas na sua aceção lógica mas também emocional.

Desta forma, podemos pensar e dizer que a adversidade pode assim ser vista como uma incrível ferramenta de aperfeiçoamento humano, na vida e no desporto. Em que, aliado ao não-conformismo derivado de uma mentalidade, isto

é, o não ficarmos satisfeitos com o que já atingimos ou temos, ou então com o que ainda não alcançamos, faz e instiga-nos a ir mais longe. Pois quando já estamos numa zona de conforto, em que os problemas que temos para resolver, ou a sua complexidade, é já muito fácil, as nossas capacidades não vão ter possibilidade de desenvolver, não vamos evoluir em nenhum sentido, nem mesmo em termos mentais (Entrevistado A, Anexo 2). É exatamente esse desconforto que nos obriga a trabalhar mais e a desenvolver o ambiente físico e psicológico necessário para se ser bem-sucedido (Grant, 2016; Judkins, 2016). Esta ideia da constante necessidade de inconformismo é defendida também pelo nosso Entrevistado C.

Portanto, por tudo isto, devemos ter como propósito a promoção de uma paixão e perseverança por objetivos de longo prazo, através da estimulação de uma atitude mental de crescimento, em que o seu foco está constantemente direcionado para o autodesenvolvimento, para a automotivação e para a responsabilidade (Dweck, 2014), algo que é referido também pelos nossos Entrevistados. Uma paixão e mente de campeão que lhe permita ir buscar forças para voltar a tentar, fundamentalmente, quando as coisas não estão bem. Pois é aí, nesse ponto, que se gera efetivamente uma oportunidade de desenvolvimento, pelo facto ter sido criada uma necessidade de superação. “A atitude mental de crescimento, nesses momentos, vai conduzir-nos para uma forma otimista de explicar a adversidade, o que resulta em perseverança e na procura de novos desafios que, em última instância, nos tornarão mais fortes” (Duckworth, 2016, pp. 220). Parece, então, evidente que para que se proceda a um conveniente enriquecimento ao nível da Aprendizagem, e do consequente Desenvolvimento, se torne determinante que as tarefas propostas se constituam como desafios, ideia que vai ao encontro daquilo que nos diz o Entrevistado E (Anexo 6) quando refere que as dificuldades devem funcionar como estímulo e não como receio, medo ou cautela. Marisa Gomes (in Maciel, 2011) diz mesmo que “o talento sente necessidade de desafio”, funcionando a necessidade de superação como o seu “doping”. Como tal, enquanto treinadores, temos de ser capazes de criar os cenários nos quais eles vão jogar com a máxima implicação, isto é, da forma mais afetiva e emocional possível com o Jogo, numa lógica de

superação constante. Pois sabemos que em situações de adversidade competitiva, desafiantes, os desempenhos de qualidade aumentam, isto porque, ao estarmos perante uma “necessidade de sobrevivência”, o nosso instinto biológico de sobrevivência é despertado, e como tal, exigirá uma implicação de “corpo-todo” para a ultrapassar (Entrevistado C, Anexo 4).

Este comprometimento com o seu Desenvolvimento, esta vontade de querer saber mais, de querer ir mais além em tudo é uma característica das pessoas altamente criativas, o que os leva a ser altamente competitivos porque estão constantemente à procura de um desafio para superar. E esse é uma dos traços da personalidade dos melhores: a sua alta competitividade proveniente de uma exigência interna. Essa exigência, consigo mesmo, gera uma competitividade intra-individual enorme porque querem ser melhores jogadores, querem atingir todo o seu potencial. Isto é, querem ser melhores pois sabem que isso os aproxima de ser os melhores jogadores que conseguirem ser. No entanto, embora os melhores atletas sejam altamente competitivos e queiram sempre ser os melhores, a grandeza não vem de um ego que não quer aprender e acha que tudo está garantido e certo, mas de alguém que está constantemente à procura de se aperfeiçoar (Dweck, 2014). Algo que é defendido por Nadal (2015) quando nos afirma que saber competir, em qualquer âmbito, exige não só possuir um conjunto de conhecimentos sobre a matéria correspondente e desenvolver habilidades com virtuosismo, mas fundamentalmente, ter a força mental necessária para enfrentar todas as situações e ser capaz de reverter as adversas, pois só assim, pelo facto de termos superado algo que até então era um entrave, é que conseguimos passar para o patamar seguinte (Entrevistado A e B).

Então, como treinadores, temos a responsabilidade de criar sempre contextos competitivos, mantendo a natureza do Jogo, requerendo e exigindo uma vontade de transcendência constante por parte de quem joga. Assim, estaremos sempre a estimular esta dimensão que é Humana; uma vontade intrínseca de querer vencer, de se superar e atingir todo o nosso potencial (Entrevistado B, Anexo 3). Algo que é defendido também por Alencar (2007), quando nos diz que as soluções criativas e o potencial criador, que são requeridos mediante a

complexidade e as mudanças que se vivem atualmente, podem ser sufocados se houver a limitação de uma realização plena e expressão de talentos, onde se incluem os sentimentos de prazer e satisfação na atividade criativa. Contudo, e porque competimos, o insucesso e a posterior frustração fazem parte mas, como vimos anteriormente, é a forma como lidamos com a mesma que nos possibilita o desenvolvimento de todo o nosso potencial criativo. Porém, o facto de estarmos a sugerir a necessidade de superação, de espírito de sacrifício e resiliência não retira a importância que o prazer tem como um catalisador da Aprendizagem e da própria Criatividade, pois as próprias crianças reconhecem, tacitamente, que a superação é uma das mais dignas formas de prazer (Maciel, 2011).

Segundo Fonseca e Garganta (2006), se atendermos ao fenómeno do futebol de rua, enquanto sistema educacional mais natural que pode ser encontrado, podemos perceber que os problemas emergem da forma como as próprias crianças entretecem o jogo, o que induz a descoberta de múltiplas, variadas e renovadas soluções. Algo que é referido pelos Entrevistados C e E quando nos dizem que quando temos prazer naquilo que fazemos, somos capazes de encontrar soluções diferentes, inovadoras porque estamos inteiramente comprometidos, “de corpo-todo”, e toda a concretização das ações aparecem com espontaneidade, com alegria; aparecem de uma forma natural. “A criatividade floresce mais quando o individuo realiza tarefas mobilizado pelo prazer e satisfação do que pela obrigação e dever” (Alencar, 1998).

Podemos perceber, portanto, que o prazer não se relaciona apenas com o resultado, pois podemos estar a retirar prazer pelo facto do ambiente, ou a situação, serem desafiadores e o resultado, mesmo assim, não ser favorável. Vitor Frade (in Fonseca & Garganta, 2006) clarifica quando nos diz que efetivamente “não há aprendizagem sem prazer, mesmo que o prazer tenha como resultado final um desagrado, porque se perdeu. No entanto, foi um prazer até ao momento em que se soube que não se podia ganhar”. Assim, a ideia que anteriormente falamos, deverá deste modo perspetivar para o Processo um clima altamente desafiador onde a superação daqueles que nele participam tenha de ser permanente, através da constante presença da hétéro e

autocompetição. Pois, como nos dizem Fonseca e Garganta (2006), é este ingrediente que se afigura como condição fundamental para a motivação, o empenho e a superação individual e/ou coletiva. A competição deve assim ser parte integrante do Processo de Formação, sendo que a meta é exatamente essa, a de formar Jogadores, que experimentando convenientemente os sentimentos de tristeza e de alegria, aquando das derrotas e das vitórias respetivamente, desenvolvam uma capacidade de superação, de resiliência e de espírito sacrifício (Maciel, 2011). Só através desta forma de estar é possível conseguir persistir, com paixão e coragem, nas mais diversas situações. Sejam estas aparentemente adversas ou positivas, sem perda do foco no Desenvolvimento. “O modo como olhamos para nós próprios e para o mundo define quem somos e quem poderemos ser” (Robinson, 2010, pp. 85). É este o verdadeiro segredo se queremos continuar no caminho da Criatividade.

“Como pais, professores e treinadores, a nossa missão passa por desenvolver as potencialidades das pessoas. Para cumprirmos esse objetivo, usemos todos os ensinamentos da atitude mental progressiva – e tudo o resto que consigamos”

(Dweck, 2014, pp. 263)

4.2.3.4.2 Modelos e Referências

Vários autores dizem-nos que grande parte do comportamento Humano é aprendido por modelação, isto é, pela observação de outros formamos uma ideia de como novos comportamentos são feitos, e mais tarde, esta informação codificada serve de guia à ação (Goleman, 2006, 2014). A imitação surge como tendência deliberada para reproduzir atitudes, valores ou comportamentos de pessoas que admiramos.

Sabemos que a família é o primeiro modelo, de observação, para a criança enquanto educadora, incentivadora, apoiadora e nutridora do seu desenvolvimento. Nos primeiros anos de vida, os atributos de personalidade dos pais, a sua forma de agir e criar os filhos, o ambiente do lar e a forma de relacionamento são elementos de influência no desenvolvimento do potencial criativo. Assim, e como vimos anteriormente, se Humano é transformado à medida que interage com o ambiente e em que toma consciência de si e do meio em que vive, a família é a primeira referência que a criança tem. No entanto, sabemos que o cérebro não está disponível para absorver tudo o que lhe seja apresentado, o que faz com que, para que a criança esteja desperta para absorver uma determinada informação, seja necessário primeiramente que os núcleos de interesse para os quais queremos dirigir o foco de atenção sejam ativados (Ximendes, 2010).

Ao termos conhecimento disso, existe uma responsabilização de todos os intervenientes envolvidos no Processo de Desenvolvimento no sentido de tentar despertar na criança, desde cedo, para referenciais de qualidade. Isto é, se sabemos que a curiosidade é um motor interno que todos temos *à priori*, alimentado pelo nosso instinto biológico de sobrevivência, então basta que valorizemos essa sua ânsia e esforço de querer conhecer para que essa sua necessidade de exploração se dê; e assim, que eles possam descobrir por si mesmas, ao seu ritmo, o meio e o que o mundo lhes tem para dar, conhecendo os seus interesses. “Se a família provê à criança experiências favorecedoras ao seu desenvolvimento criativo, estimuladoras de sua curiosidade natural e

fortalecedoras de sua autoestima, certamente a criatividade aflorará com maior facilidade” (Oliveira, 2010), acrescentando a mesma autora, dizendo que as experiências familiares são preponderantes para a formação da pessoa e a constituição de seus valores, crenças, sentido crítico, enfim, da sua criatividade. Porém, sabemos que a criatividade na infância não é equivalente à criatividade da fase adulta, mas é difícil vislumbrar a possibilidade de um adulto criativo sem que tenha tido experiência criativa na infância.

Torna-se, então, pertinente que às crianças sejam fornecidos modelos sociais de qualidade, pois o Humano, comparativamente com outras espécies que lhe são próximas, apresenta, como vimos, uma propensão grande para imitar comportamentos, mesmo quando estes se revelem desajustados. O Entrevistado C (Anexo 4) alude exatamente para isso, pois somos naturalmente influenciados pelos exemplos em termos dos pais, em termos das pessoas que vivem no seu envolvimento, dos nossos amigos. E portanto, “tudo isso vai moldando um bocadinho aquilo que é o modo de ser de uma criança”. A forma de pensar e de ver as coisas; essencialmente numa forma de estar, fruto de uma mentalidade que ela veio a desenvolver perante esses estímulos. O que vai ao encontro daquilo que diz Goleman (2006), quando realça que o contexto familiar que envolve o jovem é muito importante para a manifestação de resiliência face à adversidade. Uma rede de suporte com recursos pessoais proporcionada às crianças é fundamental para que estas consigam lidar convenientemente com a adversidade. Porém, “a decisão de jogar pelo seguro, de seguir o caminho mais simples, pode ser irresistível, sobretudo se tivermos as nossas próprias dúvidas e receios em relação às alternativas” (Robinson, 2010, pp.137). Alguns consideram mais fácil evitar conflitos e ter a aprovação dos pais, dos irmãos e dos parceiros. Mas não todos, e por isso é que acabam por se tornar nos melhores porque não foram aquilo que os outros queriam que eles fossem. Desta maneira, depreende-se a importância de todos que interagem com a criança durante o seu Desenvolvimento, se dê de uma forma potenciadora e não limitadora. Ainda que, mesmo em ambientes desestruturados, como é o caso de ambientes familiares repressores, com regras rígidas de conduta e sem diálogo, se possa verificar, de uma forma interessante, que esses mesmos lares,

potencialmente inibidores do potencial criativo, podem levar algumas crianças a serem criativas como uma forma de compensação às suas frustrações (Oliveira, 2010), estando elas mais perto de conseguir engendrar uma solução inovadora para o problema, instigada por uma “necessidade de sobrevivência”, quanto mais desenvolvida a sua atitude mental estiver. Portanto, podemos dizer neste ponto que, ainda que existam outros referenciais sociais de qualidade, é a família, por ser o referencial social primário da criança, que cabe o papel inicial de oferecer uma promoção ao nível do desenvolvimento de uma mentalidade orientada para o desenvolvimento. Nelson Lima (in Fonseca & Garganta, 2006) corrobora esta ideia dizendo que “muitas vezes há talentos que não brilham porque tem problemas internos que os impedem de se abrirem ao mundo.” Tornando-se fundamental retirar do caminho todos os obstáculos que possam impedir o seu desenvolvimento. Sendo uma condição fundamental para nos podemos aproximar do sucesso a existência de um enorme prazer da criança na entrega e na dedicação e trabalho à sua área de interesse, pois o caminho do virtuosismo exige muito trabalho e sacrifício, horas infindáveis de estudos e treinos, no cruel jogo da tentativa e erro. Como temos vindo a falar, os melhores são exatamente esses, os que desenvolveram uma mentalidade orientada para o crescimento que lhes permite pegar em qualquer adversidade, com as quais se vão encontrando, como oportunidades únicas de desenvolvimento, de aprendizagem, para assim crescer em direção aquilo que ambicionamos.

Por sermos, em parte, modelados por observação, estes referenciais devem então guiar as crianças, consciente ou inconscientemente, num sentido positivo para o seu Desenvolvimento, ainda que esses estímulos não sejam efetivamente, e inicialmente porque não temos a mentalidade certa, prazerosos. No entanto, como todos os Entrevistados fizeram menção, esses estímulos, não podem ser perniciosos à lógica de Desenvolvimento, isto é, haver valorações sobre coisas que não nos ajudem a alcançar o objetivo máximo. Os Entrevistados C e D, quando falaram daquilo que poderia ser pernicioso, fizeram alusão ao que não é controlável, isto é, os resultados desportivos ou da própria ação, pois não é o aquilo que atingimos que nos faz crescer, mas sim a forma como tentamos para atingir isso. Pois se o resultado fosse um elemento

discriminador, facilmente chegaríamos à conclusão que então valeria a “batota” ou coisas que não se revelam como potenciadoras da Criatividade, como é o caso da memorização mecânica das respostas. Assim, se a Criatividade nasce fruto de uma exploração e experimentação livre, ela acarreta naturalmente mais risco, mas é no tentar, com a valorização, por parte do Processo, no esforço e na coragem para voltar a “errar melhor”, que ela desenvolver-se-á.

Face a isto, e algo que foi referenciado pelos Entrevistados, torna-se relevante que além de modelos sociais de qualidade, deve ser proporcionado às crianças o acesso a referenciais de Jogo de qualidade, isto é, Jogadores e jogares de qualidade, “para que a qualidade das suas imitações e recriações das observações efetuadas se caracterize igualmente pela qualidade” (Maciel, 2011, pp. 402), pois a imitação surge também como tendência de copiar conscientemente os padrões exatos dos movimentos corporais. O Entrevistado B diz mesmo que ao se ter uma referência, por exemplo, “o eu querer chegar onde o meu colega já está, esta referência vai-nos induzir uma vontade muito grande de aperfeiçoamento, de crescimento que parece que toda ela é importante”, o que vai ao encontro daquilo que nos alude Tamarit (2007) quando nos alerta para a importância das referências nas fases iniciais de Formação em que a presença e existência de modelos, como é o caso de Ronaldinho Gaúcho ou Zidane, dá as crianças a possibilidade de imitação, permitindo-lhes objetivar aquilo que inicialmente para eles é abstrato. Vitor Frade (in Tamarit, 2007) diz-nos mesmo que “é preciso que o futuro lhes apareça à frente dos olhos frequentemente, para que eles imitam o futuro, pois ao imitar o futuro estão a aproximar-se em direção a ele, e, por vezes, a ultrapassá-lo”.

A imitação, como temos vindo a fazer referência, parece ser um elemento essencial para o processo de aprendizagem, sendo que a presença de um modelo pode acelerar este mesmo processo, ressalvando que depende, como vimos, do modelo que estamos a falar. Valdano (2002) declara mesmo que imitar é o primeiro efeito da admiração. “Falando de aprender, Zidane deveria ser obrigatório nos colégios” (pp.73). Pois a aprendizagem dá-se de uma forma tácita, onde por observação, o indivíduo aprende copiando uma habilidade que podia não descobrir e aprender sozinho, e portanto, como nos diz Vygotsky

(2012), a imitação, constitui-se uma atividade essencial na Aprendizagem, uma vez que possibilita que se adquiram os meios para o desenvolvimento de algo novo, sendo que, se o sujeito tiver papel ativo na sua aprendizagem, poderá, através do processo de modelação, surgir novos padrões, ou seja, “a capacidade de elaboração e de construção a partir de elementos, de combinar os elementos velhos em novas combinações, constitui o fundamento do processo criativo” (pp. 28), isto porque o Humano não se limita a responder a estímulos, também os interpreta. Portanto, e como refere o Entrevistado A, a existência dessas referências são importantes na medida em que estas possibilitam à criança construir conhecimento, consciente ou inconscientemente através da exploração daquilo que observam e tentam emular, para poder assim desenvolver a sua própria identidade. O que leva a que mais tarde, eles, fruto das vivências ricas de experimentação que lhe foram sendo proporcionadas durante a sua infância e juventude, se tornem diversos nas suas ações e mais diferentes do que iguais aos outros. Ideia corroborada pelo Entrevistado E, em que acrescenta também que o nosso papel, enquanto intervenientes do Processo, deve ser o de promover a “cultura da diferença”, isto é, não é procurar ser diferente só para ser diferente, mas sim reconhecer que a singularidade é o que nos distingue, e portanto devemos possibilitar e potencializar a pluralidade no Futebol. Pois, o facto de cada Jogador ser diferente permite que cada um forneça ao Jogo contributos diferenciados, enriquecendo-o deste modo.

Em suma, no treino de jovens deveremos estar conscientes da necessidade de uma abordagem sociológica ao tema da aprendizagem, a qual nos leva a concluir que durante o processo de sociogénese, as crianças alteram os seus comportamentos, no caso num domínio específico, o Futebol, como consequência da modelagem de outras crianças pertencentes ao mesmo grupo, ou outros indivíduos que reconheçam como modelos (Maciel, 2011). Mas que essa modelação exista no sentido de potenciar o desenvolvimento do seu Eu, através de uma vivenciação dentro de uma “variabilidade cultural”, por isso rica, no sentido de lhe dar a possibilidade de se conhecer. Portanto, é importante trazer para o Processo referenciais de Jogo de qualidade, isto é, permitir que desde idades muito precoces as crianças contactem e observem jogares e

Jogadores de qualidade, para que posteriormente os seus desempenhos se possam expressar em conformidade. Mas também que esses referenciais sejam de Qualidade na medida em que promovem, e estimulam, o desenvolvimento de uma atitude mental certa, que lhes permita desenvolver e atingir todo o seu potencial.

“A maneira mais eficaz de corromper o jovem é ensiná-lo a admirar aqueles que pensam como ele e não os que pensam de forma diferente”

(Nietzsche)

4.2.3.4.3 Jogo

Se existem variáveis de qualidade, isto é, informação relevante para jogar Futebol, que devem ser estimuladas a perceberem, desde cedo, para que possamos permitir uma sensibilização a essas mesmas fontes relevantes de informação, promovendo a emergência de uma Inteligência de Jogo e concomitantemente Criatividade, importa-nos, neste ponto, pensar que lógica é que poderá existir, essencialmente na tentativa de desmistificar alguns mitos relativamente aquilo que é um Jogo de Qualidade, no sentido de tornar isso possível.

Como vimos, o Desenvolvimento é Específico, e como tal, para se gerar um determinado desenvolvimento, e por isso um determinado Jogador, temos de garantir que sejam criadas certas condições, balizadas por uma Ideia, para tornar provável esse aparecimento. Ou seja, vimos anteriormente que a riqueza e a diversidade de estímulos que a criança recebe quando a sua infância é algo fundamental para que se atinjam altos níveis de excelência. Assim, podemos pensar que, para que um Jogador de qualidade superior possa emergir é necessário o desenvolvimento de um elevado conhecimento daquilo que é o Jogo para o poder interpretar, pois “a forma como os jogadores leem o Jogo faz-se através de ideias e conceitos (...)” (Maciel, 2011, pp. 244), assim como a capacidade de concretizar de uma forma diversa essa mesma intenção, o que faz com que tenha de existir um jogar que possibilite *à priori* o desenvolvimento desse jogador.

Desta maneira, o Processo deve permitir uma aculturação de um determinado conjunto de conceitos, essenciais e ajustados, ao fenómeno em questão, sabendo que, no caso das crianças, por serem mais plásticas e adaptáveis, porque têm “menos conhecimento”, os conceitos com que jogam são os nossos. Daí a importância de, enquanto treinadores, e como todos os Entrevistados o referiram, procurarmos ter um grande conhecimento daquilo que é o Jogo, mas também daquilo que é ser Criança, para que possamos perceber quais as suas

necessidades momentâneas, e assim, através da nossa intervenção, poderemos aproxima-los de atingir o objetivo máximo da Formação.

Como adverte Marisa Gomes (in Maciel, 2011), estes conceitos devem ser alvo de um entendimento para além da superficialidade conceptual, realçando que são algo que se regista no Corpo. O que faz com que devamos tentar perceber qual a influência que determinado conceito vai ter no Corpo da criança, pois este pode expandi-lo ou retrai-lo. Isto porque, e como todos os Entrevistados fizeram referência, o treinador por querer controlar excessivamente, reduzindo em demasia o lado imprevisível do Jogo, propõe um conjunto de conceitos pobres, que contemplam pouco ou nada a possibilidade de existir variabilidade, diminui a possibilidade de haver “interações talentosas” e surpresa, pois foram-lhe limitadas possibilidades à partida. Isso terá necessariamente implicações no Corpo da criança porque vai “encarrilar” o seu pensamento e naturalmente a forma como o vai concretizar. Na continuidade, isto poderá fazer com que existam perdas na sua capacidade de adaptação, fruto de uma redução dos seus graus de liberdade, a todos os níveis.

Em entrevista a Fonseca e Garganta (2006), Duarte Araújo ilustra bem esta ideia quando nos diz que os jogadores de excelência se diferenciam pelo facto do seu sistema de movimento se conseguir adequar aos constrangimentos ambientais, no intuito de usarem da melhor forma as variáveis especificadoras, que são variáveis do contexto que indicam ao individuo como atingir o objetivo a que se propõe. Quanto mais o jogador se manifestar flexível, pelos graus de liberdade que apresenta, mais capaz é de encontrar novas soluções e novas formas de o fazer. “... os jogadores peritos amplificam os seus graus de liberdade conseguindo acoplar muitos movimentos à mesma fonte de informação (variável perceptiva)...” (pp.144) Assim, devemos procurar fornecer informações sobre a macroestrutura do movimento, através de temas que representam a Ideia, e que se constituem como referencial orientador dessa exploração. É através da existência deste referencial orientador que se dá a possibilidade de incorporação de características e estilos individuais, a um nível micro (Fonseca & Garganta, 2006).

Desta forma, deve ser contemplada na Ideia de Desenvolvimento uma Cultura de Risco na medida em que lhes seja proporcionada a descoberta de respostas desconhecidas, e por isso inovadoras, pois, segundo o estudo de Maciel (2011, pp. 202), “quanto mais uma equipa, e como é óbvio um potencial Talento, procurarem viver nos limites do caos, mais evoluirão para níveis de complexidade superiores”, isto porque, serão constantemente desafiados e, como temos vindo a falar, é nesse estado que lhes será “exigida” uma implicação de “corpo-todo” e assim, gerar um “estado de alma” de superação constante. Assim, e como acrescenta o mesmo autor, esta dimensão, que os faz crescer, deve ser parte integrante de uma Cultura de Jogo que os jovens se vão aculturando, sendo esta Cultura de Risco contemplada ao longo dos anos do processo de Formação, podendo concluir que a emergência da Criatividade é potenciada quando mais afastadas do equilíbrio as equipas jogarem. Algo que foi defendido também pelos Entrevistados B e D. No entanto, consideramos importante referir que não é um risco desmedido ou irresponsável, pois existe algo que sustenta e dá sentido a este risco, uma invariância, uma ordem. Uma conceção de jogo balizada por aquilo que consideramos ser um Jogo de Qualidade, substanciado por Temas (variável percetiva), Macro-Conceitos invariantes, que consideramos essenciais e fundamentais para potenciar e facilitar a emergência de uma organização de qualidade e, concomitantemente, promotora de desenvolvimento de um jogador de qualidade superior. Assim, e como podemos ver nas palavras de Morin (1991, pp. 108), “num universo de ordem pura, não haveria inovação, criação, evolução. Não haveria existência viva nem humana”, porém, adverte que, de igual modo, a desordem pura não permite nenhuma existência, uma vez que não haveria qualquer elemento de estabilidade para fundar uma determinada organização. “Num universo onde os sistemas sofrem o aumento de desordem e tendem a desintegrar-se, a sua organização permite rejeitar, captar e utilizar a desordem” (pp. 108). No caso específico do Futebol, Valdano diz exatamente o mesmo, que “tudo no futebol, incluindo a criatividade, necessita de apoiar-se numa ordem”; estando as duas uma para a outra, contrapondo uma lógica reducionista daquilo que é ordem e desordem.

Maciel (2011) vai ao encontro dessas afirmações quando nos diz que as equipas de qualidade caracterizam-se por viverem longe do equilíbrio, sem que contudo percam a ordem que serve de suporte a tal liberdade, não libertina. Contudo, como adverte Tavares (in Tamarit, 2013, pp.65) indo ao encontro dos nossos Entrevistados, “quando eles (os jogadores) se sentem redutores e que têm de cumprir algo só porque alguém quer, ao nível da ordem, então as coisas não estão bem definidas. Portanto, não é jogo, é um jogo condicionado, é um jogo forçado, em que o jogador não é livre, é um robot, o jogador só faz aquilo que o treinador pede”. O mesmo autor corrobora dizendo que quando as coisas estão bem feitas, crê que existe ordem, organização, liberdade para que sucedam coisas novas, porque o jogo contem sempre novidade, nunca é algo definido, existe sempre algo de novo. Este pensamento de que quanto mais Qualidade, isto é, informação relevante e essencial, oferecer uma Ideia, é mais provável que possam surgir ações de qualidade e a emergência, na continuidade, de Jogadores de qualidade superior, é visível nas palavras do nosso Entrevistado C (Anexo 4) quando nos diz que, “face à lógica ou padrão que está implementado (...) esta permite ainda mais que a criatividade, neste caso os jogadores, se expresse mais ou menos”. Isto leva-nos a concluir que, a proposta para o nosso jogar, deve e tem sempre de permitir uma propensão diversa, ou seja, permitir as máximas possibilidades na concretização, pois só assim é que vamos respeitar a singularidade do Eu de cada criança, assim como permitir o desenvolvimento de um entendimento abrangente do Futebol. Acreditamos que somente com esta forma de atuar é que não comprometemos o futuro das crianças no Futebol e criamos condições para que a Criatividade possa emergir, pois consideramos, e tendo em conta o que os Entrevistados referem, que a tendência é não permitir que haja a liberdade necessária devido ao receio, por parte dos treinadores, de sentirem que não controlam o que está a acontecer. No entanto, temos de ter a consciência de que o jogo das crianças é inicialmente anárquico, fruto das poucas vivências que têm com o Futebol, o que representa um menor conhecimento. Porém, como todos os Entrevistados referiram também, para deixar de vir a sê-lo, têm de ter liberdade para criar, inventar, experimentar, explorar todas as potencialidades que o Jogo proporciona. Ainda

que inicialmente surja muita “irresponsabilidade”, mas que facilmente se “endireita” fruto de uma auto-organização que não é imposta mas que emerge, com emoção e sentido, pela confrontação com a lógica interna do Jogo.

Em suma, quando falamos de Qualidade daquela que é a nossa Ideia de jogo, não estamos a falar de aumentar o conteúdo de informação da mesma, mas na contemplação de variáveis de qualidade, que serão necessariamente as que respeitam a lógica do Jogo, e as que promovem a emergência da Criatividade. No entanto, para isso, pelas declarações dos nossos Entrevistados e por aquilo que fomos pesquisando, é importante serem garantidas determinadas condições nesta Ideia, tais como, a liberdade para criar em todo o momento, o risco e as possibilidades de responder de uma forma diversa.

“Eu normalmente comparo uma ideia de jogar a uma cor, em que digo aos jogadores para jogarem através da cor azul. Agora, eu tenho de ter a consciência de que a quantidade de tonalidades de azul é quase infinita. E porque cada jogador tem experiências com a cor azul, vai interpretar a cor azul que eu transmito, de forma muito diferenciada. E a interação dessas tonalidades todas vai dar uma tonalidade final que eu não sei qual é, nem quero saber (...). Agora, não pode é ser vermelho, verde, mas pode ser um azul com uma tonalidade que eu nem sequer conheço.”

(Entrevistado A, Anexo 2)

4.2.3.4.4 Treino

Se “o treino é um processo de adaptabilidade”, cujo objetivo é tornar os indivíduos, que a este se submetem, capazes de expressar um determinado jogar (Marisa Gomes, in Maciel, 2011), este deve contemplar tudo aquilo que pretendemos que aconteça no jogo. Isto é, se queremos que o nosso jogar expresse diversidade, a variabilidade contextual que permite essa mesma diversidade deve estar contemplada em todos os momentos. Assim, se a Criatividade é sustentada em algo que já existe, o treino tem o papel de criar um padrão de informação, rico, e por isso de Qualidade, que vai servir de suporte ao ato criativo. Mas porque a Criatividade é um fenómeno complexo e emergente, deverão ser criadas determinadas condições para essa facilitação.

“A primeira coisa fundamental é tentar resgatar, ir lá dentro deles (Jogadores) e voltar a trazer o entusiasmo, a alegria, a paixão e o prazer de jogar. Para isso, era determinante construir uma determinada atmosfera, ou seja, no fundo gerar uma forma de estar no treino que era 100% implicado emocionalmente naquilo que eles faziam” (Entrevistado C, Anexo 4). Podemos perceber, pela declaração do nosso Entrevistado, a importância e a necessidade de se fazer gerar um determinado ambiente para que se gere uma determinada implicação, um envolvimento emocional, e posterior Aprendizagem.

Como vimos anteriormente, o prazer está relacionado com o desenvolvimento da Criatividade, sendo que esta se desenvolve de forma tanto mais evidente quanto mais prazerosa for a atividade, o que vai ao encontro daquilo que é referido pelo mesmo Entrevistado e pelos demais, quando se referem que o Processo deve estimular sempre, e desde as primeiras vivências, o gosto e o prazer da criança pelo Jogo. O Entrevistado B (Anexo 3) diz-nos mesmo que a criança aprende, e que o processo criativo é muito mais eficiente quando está emocionalmente envolvido com a atividade. Isto é, quando estamos envolvidos com prazer, fazemos coisas diferentes, exploramos ao máximo esse mesmo contexto.

Noutros pontos do trabalho, já foi referida a importância da necessidade de haver um ambiente estimulante e desafiante para solicitar um necessário comprometimento, “estado de alma”, pois só assim é que o Corpo dos jogadores vai ser desafiado a solicitar as suas máximas capacidades, e assim, ter a possibilidade de se transcender. É a partir desta estimulação do “instinto biológico de sobrevivência” que somos “obrigados” a ter de engendrar, de uma forma espontânea, uma resposta inovadora para tentarmos superar o obstáculo colocado. Porém, esta engendração, a Criatividade, só acontecerá se, primeiramente, existir, como abordado previamente, uma Cultura de Jogo que contemple o Risco, que os desafie a ir “mais além”, pois caso contrário poderão estar sempre aquém das potencialidades, do Jogo e do seu próprio Desenvolvimento. No entanto, este Risco, porque somos levados a explorar e a descobrir inúmeras possibilidades que até aí são desconhecidas, acarreta uma maior probabilidade de aparecimento do erro (Entrevistado D, Anexo 5).

Mas é nesse momento que o treinador se torna importante, na medida em que permite e dá liberdade para que se experimente e explore, apesar da incerteza de sucesso que isso acarreta, pois, a Aprendizagem é tanto mais rica quanto o tipo de intervenção do ensino for menos congelante, menos castradora. Algo que é defendido também por Punset (2008) quando afirma que, se perspetivarmos a criatividade como pensar em algo de diferente sobre qualquer assunto quanto possuímos a mesma informação que os restantes, os fatores externos tanto podem estimular como podem enfraquecer o desenvolvimento da mesma se na escola (Treino) e em casa forem recompensados comportamentos de obediência ou pensamentos igualitários e alheios. Daí podermos depreender, e como sugere o Entrevistado D (anexo 5), que o nosso Processo, deve valorizar sempre aquilo que consideramos importante para o seu Desenvolvimento, ainda que sejam coisas menos visíveis, menos perceptíveis, porque são menos valorizadas pelos demais, como é o caso de uma tentativa de fazer algo difícil mas com concretização falhada. Por esse motivo é que foi referenciado no ponto 5.3 a necessidade de o nosso Processo ser sustentado por uma Cultura de Desenvolvimento que promova a aculturação a um determinado tipo de valores que consideramos importante.

O Entrevistado B e C dizem mesmo que aquilo que importa, primeiramente, é haver estimulação daquilo que é o nosso instinto primário de conhecimento, a curiosidade, pois motivando as crianças à exploração, dando liberdade para descobrir, todas estas ferramentas que possibilitam o desenvolvimento da criatividade serão desenvolvidas naturalmente e de uma forma espontânea. Ideia que converge com as opiniões de L'Ecuyer (2017), Robinson (2010, 2016) e Judkins (2016), na medida em que esta liberdade de exploração e experimentação, como dissemos, acarreta Risco, incerteza, logo uma maior probabilidade de surgir erro. Porém, o erro, à luz do Desenvolvimento, é uma informação única e útil para se conhecer o que podemos melhorar; uma oportunidade de crescer. “Não quer dizer que errar seja a mesma coisa que ser criativo mas, se não estás livre para poder errar nunca vais conseguir produzir nada original. E é exatamente isso. Tem de existir um contexto onde se contemple a possibilidade de errar para que eles consigam ir engendrando as melhores soluções em cada momento.” (Entrevistado C, Anexo 4). Contudo, alguns treinadores, por não reconhecerem isso, “acabam por não permitir que a criança explore uma panóplia de situações que à partida podiam ser indutoras de aprendizagem; aquilo que o treinador refere como sendo um erro, muitas das vezes não é um erro, é uma tentativa de aperfeiçoamento” (Entrevistado B, Anexo 3). Desta maneira, o feedback (informação de retorno) fornecido pode e deve acontecer no sentido de estimular os Jogadores a adquirirem a capacidade de descobrir os seus próprios erros. A redução e/ou atraso do feedback extrínseco, ao permitirem criar maior autonomia e menor dependência do praticante, podem beneficiar a aprendizagem. Fonseca e Garganta (2006) dizem-nos que, quando emitido, o feedback deve ser usado no sentido de aumentar a potencialidade de exploração do jogador, sendo que o feedback interrogativo parece ser a melhor forma de responder a esta necessidade, uma vez que estimula a análise da situação e conseqüentemente a reflexão e o entendimento do Jogo. Assim, podemos perceber que o Jogador deverá ser entendido, cada vez mais, como um ser ativo e construtor da sua própria aprendizagem e que o erro cumpre um papel integrante e até estruturante no processo de ensino-aprendizagem e na promoção da Criatividade.

Se queremos promover o desenvolvimento de ferramentas que possibilitam o desenvolvimento da criatividade no Jogador, sejam elas conceptuais ou referentes ao lado da concretização, o treinador não pode determinar possibilidades à partida, limitando muitas outras que não conhece, porque se isso acontecer, poderá inibir o desenvolvimento da capacidade de imaginação, auto-engendração e auto-organização. Ainda que a curto prazo, uma determinada resposta lhe garanta sucesso, a longo prazo, pelo definhamento de determinadas capacidades, importantes no processo criativo, provocadas pela não estimulação, poderá não permitir responder de uma forma criativa a um problema colocado em que essas mesmas soluções já não sirvam. Portanto, segundo aquilo que nos foi sendo referenciado, em geral, pelos Entrevistados, é a importância da existência de uma “variabilidade cultural”, em que as adversidades, desafios, têm de ser sempre diferentes, e por isso um processo de experimentação rico, “pois quanto mais diversos forem os contextos, mais possibilidade de se gerar coisas diferentes” (Entrevistado A, Anexo 2); de liberdade para pensar, autonomia para decidir e liberdade para agir, explorar e experimentar, para criar a todo o momento. Aquilo que foi referido pelos Entrevistados parece ir ao encontro daquilo que nos diz Alencar (2007), quando afirma que a Criatividade surge quando todos os envolvidos no processo ajudam o aluno/Jogador a pensar de maneira autónoma, flexível e imaginativa. Abominando tudo aquilo que possa inibir a expressão do potencial criativo, como por exemplo, a ênfase sobre a reprodução e memorização mecânica do conhecimento, exercícios que admitem uma única resposta, fortalecendo a dicotomia entre o certo e o errado e cultivando em demasia o medo do erro e do fracasso, não valorizando as formas alternativas de resolver problemas.

Desta forma, “esta possibilidade do Processo contemplar a exploração e descoberta da solução desconhecida, assume-se como uma necessidade na Formação de um jogador com qualidade superior, os mesmos que, posteriormente, no instante do jogo são capazes de manifestar uma solução para além das programadas à partida” (Fonseca & Garganta, 2006, pp. 192/193).

Se uma das características dos Jogadores de qualidade superior é a sua capacidade de adaptação às mudanças, podemos fazer a analogia entre isso e

o que nos diz Koestler (in Fonseca & Garganta, 2006) quando aborda o processo adaptativo na aprendizagem motora. O autor defende que a adaptação às mudanças exige padrões flexíveis de movimento, isto é, padrões que possuem um aspeto invariável governado por regras fixas (ordem, consistência) e um aspeto variável dirigido por estruturas flexíveis (desordem, variabilidade). Assim, é possível inferir que para se adquirirem padrões flexíveis de movimento, que melhor se adaptem às novas situações ou tarefas motoras, é necessário proporcionar uma certa liberdade na escolha das respostas durante o processo de aprendizagem, e encorajar os sujeitos a explorarem as suas potencialidades de movimento. Pois quando se elimina essa liberdade, tornando a aprendizagem demasiado dirigida, a ênfase é colocada apenas no aspeto invariável da habilidade, contribuindo para a formação de padrões de movimento mecanizados e, portanto, de baixa adaptabilidade.

Desta maneira, como todos os Entrevistados referiram, a Liberdade deverá ser “presença assídua” no Processo, o que vai ao encontro daquilo que nos dizem Alencar e Fleith (2003), que consideram fundamental a existência de um ambiente que proporcione liberdade de escolha e de ação para que se promova e desenvolva, num processo de autorrealização, o potencial criativo de todos os sujeitos. Duarte Araújo, em entrevista a Fonseca e Garganta (2006), sustenta exatamente que essa autorrealização deve partir de uma exploração individual, para se atingir determinados objetivos, e que ela é tanto mais rica quanto mais estiver de acordo com as características únicas que cada indivíduo e cada situação têm. Estas declarações ajudam-nos a afirmar que Processo, só é efetivamente de Qualidade se for sempre respeitador da Singularidade da criança, dando-lhe autonomia para que ela possa descobrir as soluções, em função das suas características momentâneas e as que aspira a desenvolver, e a situação específica que está a vivenciar naquele instante.

Em suma, por tudo isto, parece-nos importante que, desde muito cedo, o jovem Jogador seja estimulado a ler e a interpretar o jogo, a pensar; que possa experimentar diferentes formas de encarar o Jogo, pela variabilidade cultural que lhe é possibilitada, para que possa aprender a encontrar diferentes soluções para os problemas e a explorar soluções desconhecidas. Assim, autonomamente, o

Jogador irá detetar e corrigir o erro mediante a exploração do feedback intrínseco. Só desta forma é que lhe vai ser possibilitado o desenvolvimento de competências, ao nível do processamento da informação, que o ajudarão na resolução e solução dos problemas, adaptando-se mais facilmente sem perda de Singularidade. Isto acontecerá pelo aumento de conhecimento que ele vai tendo, do próprio Jogo e do seu Eu, fruto das vivências com o Jogo de Futebol, o Jogador será mais capaz de descobrir e criar os melhores caminhos para atingir, com maior eficiência e eficácia, o objetivo do próprio Jogo (Entrevistado E, Anexo 6). No entanto, voltamos a fazer referência que este saber não é um saber académico, teórico, é um saber que se adquire na prática, jogando, vivenciando, pois como salienta um dos nossos entrevistados, “enquanto quisermos bater nesta lógica dominante que é a do ensino, a primazia no ensino, e não na Aprendizagem, isto é, o treinador querer ensinar o jogo, é a maior falácia que se pode querer vender, de que os treinadores é que vão ensinar o jogo. Não. Os jogadores é que vão aprender a jogar e vão fazendo jogando” (Entrevistado C, Anexo 4). Portanto, “todo o Processo tem de estar, permanentemente, sintonizado e em harmonia para que todo o seu potencial criativo se possa desenvolver e manifestar com qualidade e assertividade” (Entrevistado E, Anexo 6).

4.2.3.5 A Quantidade da Qualidade

Falamos anteriormente da necessidade da existência da prática como condição fulcral para que ocorresse Aprendizagem, e se atingissem níveis de desempenho superiores mas, de acordo com os nossos Entrevistados, esta quantidade de prática não está diretamente relacionada com o número de horas de exercitação, dado que a quantidade, embora condição necessária, não é suficiente para se atingir níveis superiores de desempenho pois não é porque se pratica mais que se joga melhor, ou se aprende mais rápido. Assim, como nos diz Duarte Araújo (in Fonseca & Garganta, 2006, pp.141), “trata-se de uma questão cuja complexidade transcende o número de horas de prática”.

Desta maneira, esta Quantidade torna-se uma necessidade se for sustentada numa determinada Qualidade, que por sua vez é balizada por uma determinada Ideia, como temos vindo a tentar explicar. No entanto, e porque o Desporto não é imune ao envolvimento, estando sujeito ao que de menos bom existe nas sociedades, o “desafio da competitividade” que impera nas sociedades interfere assim o Desporto, neste caso, o Futebol. Todos querem vencer, todos querem ter sucesso, por vezes não importa como o atingimos, o importante é lá chegar. E são esquecidos, ou colocados em segundo plano, ou talvez terceiro ou quarto numa hierarquização de prioridades, aquilo que realmente importa: o desenvolvimento de competências para podermos lidar da melhor forma, “tentar sobreviver”, a esses desafios que o mundo nos vai colocando.

Este mundo cada vez mais competitivo é um dos responsáveis por determinados problemas que florescem no seio das sociedades, com efeitos perniciosos ao Desenvolvimento, neste caso, ao desenvolvimento do potencial criativo que todos temos. Este mundo competitivo gera ansiedade, em que constantemente para não perdermos tempo, tentamos comprimir o mesmo na tentativa de acelerar todo o processo.

Vivemos no tempo da pressa, em que “queremos e concebemos um determinado produto e queremos chegar rapidamente a esse mesmo produto”, o que faz com

que, muitas vezes, hipotéquemos o processo e o normal crescimento e desenvolvimento de uma Criança. A vontade de ganhar e o desejo de obtenção de resultados a curto prazo podem levar a que se procure atalhar determinados caminhos, nomeadamente formas de treinar e de ensinar que não permitam o desenvolvimento do Jogador na sua plenitude (Entrevistado F, Anexo 7). “Porque, se de facto, uma das características que nos identifica, e que torna extremamente peculiar o Ser Humano, é a capacidade que temos de aprender. E essa capacidade de aprendizagem traduz-se na capacidade que temos em nos ajustarmos, por uma elevada adaptabilidade, ao contexto. Mas esta aprendizagem tem uma desvantagem que muitas vezes as pessoas esquecem: é que ela é lenta, demora tempo e exige um processo” (Entrevistado B, Anexo 3). Esta ideia é sustentada com a opinião dos restantes Entrevistados, em que nos dizem que esta sociedade competitiva induz-nos uma ânsia de querermos determinar, a todos os níveis, e numa fase muito precoce, todo o processo de Formação, talvez por uma sensação ilusória de controlo, o que acaba por ser condicionador e castrador de uma série de questões relacionadas com a Criatividade.

O facto de se dar demasiada importância ao produto, o resultado, leva a que se olhe para a Formação com uma lógica imediatista, em que o foco se direciona para aquilo que é imediato, revelando-se, esta “vertigem da pressa”, num estado de impaciência que não apresenta quaisquer virtudes pedagógicas (Entrevistado G, Anexo 8). Porém, como vimos, o processo humano é lento, o seu processo de maturação requer tempo e espaço para se poder desenvolver em toda a sua plenitude. Tudo isto, pelo contrário, leva a que as crianças sejam obrigadas a crescer rapidamente, em que são obrigadas a viver em função dos ritmos dos adultos, o que implica uma redução no tempo e nas oportunidades que elas têm para se poderem desenvolver de uma forma natural e espontânea, muito, e essencialmente, através da brincadeira. Desta maneira, cada vez mais vemos crianças a comportarem-se como pequenos adultos, com tudo de mal que isso tem (L’Ecuyer, 2017; Robinson, 2010, 2016; Ginsburg, 2007; Neto, 2015). Isso, no entender dos Entrevistados, reduz substancialmente a possibilidade de desenvolvimento do espírito criativo e da própria espontaneidade, traços que,

consideramos, mas também os próprios Entrevistados, enriquecem significativamente o Futebol.

Esta pressa revela-se, portanto, altamente perniciosa para a qualidade do Desenvolvimento, e da própria Criatividade, pois muitas vezes não tem cuidado, nem respeita, os períodos sensíveis do desenvolvimento, em que há uma maior propensão à aprendizagem em determinados momentos, ainda que se possa desenvolver mais tarde, graças as nossas capacidades adaptativas, haverá sempre o risco de perdas na sua potencialidade; nem se dá o devido tempo para que se estabeleçam ligações cerebrais, que se fortaleçam outras e se descubram outras mais, que aconteça Aprendizagem, em que se gere verdadeiramente e efetivamente conhecimento, ao invés de “colagens” e memorizações mecânicas que acabam por surgir e não ter um Sentido (lógico e emocional).

Este desejo insano de fazer aprender de forma rápida, para se poderem alcançar objetivos imediatos, tem enfatizado uma “vertigem pelo piloto automático” na tentativa de fazer acelerar a aquisição de comportamentos (Entrevistado G, Anexo 8), mas que leva a um encarrilar de comportamentos formatadores, porque estereotipam e normalizam atitudes, pensamento e ações, que inibem e destroem a autonomia e a criatividade das crianças/Jogadores. Acabam por retirar aquilo que de mais interessante tem a Natureza, a diversidade, tornando tudo muito igual, semelhante, conduzindo os Jogadores, e o Futebol, para uma esterilização, formatação e standardização de comportamentos; uma tendência para a homogeneização. Posto isto, podemos-nos questionar como surgirá a novidade, a expressão individual e a singularidade no meio desta uniformização que não dá espaço e tempo para a exploração.

Desta forma, segundo os nossos Entrevistados, a falta de tempo necessário parece limitar o pensamento e levar a resultados triviais. O que vai ao encontro daquilo que nos diz Ximendes (2010), quando refere que a criatividade parece ter dois momentos essenciais de atuação: o momento em que recriamos a realidade percebida e o momento em que exteriorizamos o nosso conhecimento fruto dessas recriações para apresentarmos soluções inovadoras. O que,

naturalmente, se manifesta num processo que requer tempo. Tempo para poder conhecer, recolher informação, para depois, fruto desse conhecimento e através das nossas ferramentas mentais, fazer emergir uma solução, inovadora, para a situação.

“Mas ele está a pensar, ou melhor, não pensa, ele está a agir em milésimos de segundo, por isso, aquilo já é uma ação inconsciente mas que resulta de um hábito, mas que resulta de um hábito rico de aprendizagem que lhe permitiu uma exploração de uma certa informação que o tornou cada vez mais perito na identificação dessa informação contextual”, como podemos ver nas declarações do Entrevistado B (Anexo 3), e como já fizemos alusão, no ponto 5.4.1.3, relativamente à necessária estimulação da percepção às variáveis de qualidade, para gerarmos uma sensibilidade às mesmas, só poderemos criar se conhecermos bem o assunto que estamos a tratar e, portanto, “... são desenvolvidos com o tempo e precisa, evidentemente, de estímulos de qualidade que promovam o aparecimento regular e constante, no fundo, de detalhes de qualidade” (Entrevistado D, Anexo 5). Como podemos perceber, pelas declarações de ambos os Entrevistados, este hábito é resultado daquilo que nós fazemos e da forma como o fazemos ao longo do tempo. A aquisição de hábitos, motores ou mentais, necessita de uma repetição sistemática, ou seja, que os jogadores sejam sujeitos a uma elevada quantidade de estímulos relacionados com a atividade que desempenham. Assim, e como refere Vitor Frade (in Fonseca & Garganta, 2006), a Quantidade é uma necessidade se for balizada por um critério de Qualidade.

Desta forma, a Quantidade surge aqui como algo que permite sustentar, sedimentar e consolidar, uma determinada Qualidade, que por sua vez vai permitir a emergência da Criatividade. E, portanto, se hoje as crianças, por todas as circunstâncias que fomos referindo, já não têm as mesmas possibilidades que antigamente tinham, as crianças da mesma idade, importa-nos, fundamentalmente, pensar o que pode ser feito para reverter isso e potenciar aquilo que efetivamente controlamos: o nosso Processo de treino.

4.2.3.6 Estado atual da Formação

Todos os entrevistados de uma forma geral identificam que a Formação inicial de jovens futebolistas em Portugal não está muito boa e que “a tendência, neste momento, é no sentido de piorar” (Entrevistado C, Anexo 4). Porém, numa fase mais avançada do processo de formação isso já não se verifica, pois, sustentando-nos nas opiniões dos Entrevistados A, E e G, somos competentes e formamos equipas muito boas fruto, essencialmente, dos desenvolvimentos metodológicos que fomos tendo nos últimos anos. O que nos tem permitido desenvolver muitos talentos, ainda que com uma reduzida quantidade de jogadores comparativamente a outros países da Europa e do mundo. “Conseguimo-nos bater com eles sem grandes problemas porque a qualidade de jogo que evidenciamos perante essas equipas é muito grande” (Entrevistado A, Anexo 2). No entanto, o mesmo entrevistado apesar disso, face à cultura desportiva que impera no nosso país, que é uma cultura, fundamentalmente, de vitória, em que aquilo que interessa é a equipa ganhar e não tanto promover a evolução do jogador, isso é, muita das vezes, extremamente nefasto para a formação do próprio jogador. Então, podemos dizer, segundo a ideia dos Entrevistados, que essa lógica “resultadista” que impera também na Formação, no sentido que sobrepõe o resultado desportivo sobre tudo o resto, dever-se-ia abolir, levando-nos a preocupar, seriamente e exclusivamente, com o desenvolvimento dos jovens jogadores. Assim, sabemos que uma equipa vai manifestar mais, ou menos, qualidade, quanto maior, ou menor, for também a qualidade individual do jogador; e tudo é, necessariamente, fruto da perspetiva com que vemos o Jogo, e consequentemente a Formação. Podemos dizer que o Futebol está demasiado “robotizado” porque os treinadores cada vez mais pretendem ter uma intervenção excessiva relativamente à equipa (ordem), de forma a poderem “controlar mais as coisas”, mas que na verdade não é mais do que uma ilusória sensação, mas que torna o jogo estereotipado, empobrecido, em que há pouco espaço para a surpresa. No entanto, devemos recordar que quem transita para o escalão de sénior, estando mais próximos de atingir o “palco principal”, isto é, Rendimento Superior, são os jogadores, e não as

equipas (Entrevistado A, Anexo 2); por aquilo que são capazes de fazer e não pelos resultados acumulados. Duarte Araújo (in Fonseca & Garganta, 2006) salienta exatamente a importância da existência de estímulos abertos, inerentes ao processo, em detrimento de estímulos fechados, inerentes ao produto, pois aquilo que motiva a criança são objetivos relacionados com o processo "... como são o sentir prazer, o esforçar-se, o estar em interação, ou dominar a situação com as habilidades futebolísticas"; em que a criança, se não estiver intoxicada com pensamentos relacionados com o produto, desfruta e tira prazer daquilo que faz para tentar atingir um resultado, que não sabe qual é à partida, mas que, naturalmente, quer que seja positivo. Porém, como vimos anteriormente, positivo pode ser sempre, se o esforço estiver orientado e balizado por esta Ideia de Desenvolvimento, que naturalmente, respeitando a essência do Jogo, é sempre para ganhar!

"Se o Futuro é o elemento causal de todo o Processo" (Frade, in Maciel, 2011), sendo no futuro onde reside a base do significado e do projeto que cada um tem, o ponto a que desejamos chegar deve ser uma projeção feita no presente (Lourenço & Ilharco, 2007), como tal, acreditamos então que o papel do treinador passa, essencialmente, por trazer Qualidade aquilo que efetivamente controla, o seu treino, o seu Processo. Mas também, tentar, de certa maneira, interferir indiretamente, pelo sentimento, sobre determinadas variáveis que são menos controláveis mas de extrema importância para o Processo de Formação, como é o caso dos pais, pela sintonização de quem esta consigo, do Jogador, e do contágio aos demais, podendo assim orientar e guiar, minimamente, no caminho "certo"; mas, essencialmente, despertar, consciente ou inconscientemente, no Jogador, aquilo que tem que estar presente para que o seu Desenvolvimento se acelere, ou seja, que o levem a ver, ouvir e sentir aquilo que acontece à sua volta à luz desse sentimento, isto é, com os "óculos do desenvolvimento", para que, assim, as variáveis que não dizem respeito ao treino propriamente dito concorram também para o futuro que se aspira.

Desta maneira, e pensando que "a melhor escola" era o Futebol de Rua, por tudo aquilo que o fenómeno envolvia, mas também porque sabemos que foi um processo que esteve na base de muitos jogadores que atingiram patamares

superiores de qualidade, podemos/temos de pensar quais eram os seus ingredientes, os essenciais, os traços caracterizadores que permitiram e possibilitaram que isso acontecesse, para que possamos aprimorá-los nos Processos dos próprios clubes e assim tentar incrementar a Qualidade do Desenvolvimento. Esta ideia foi defendida por todos os Entrevistados, e parece ir ao encontro daquilo que nos diz Vitor Frade (in Fonseca & Garganta, 2006) quando afirma que é urgente que os clubes equacionem o que se tem feito dos cinco, seis anos, até aos catorze, uma vez que, sistematicamente, os jogadores que mais se evidenciam e atingem posteriormente um patamar superior de rendimento nesses clubes, chegam aos mesmos por volta dos catorze anos, vindo exatamente de "... um processo sem qualquer tipo de preocupação, onde jogam três vezes por semana e andam a jogar na rua". Urge, portanto, a reflexão profunda daquilo que era a essência deste fenómeno que tanto ajudou tanta gente.

Quando questionados sobre aquilo que podia ser feito na tentativa de melhorar a Formação em idades mais precoces, os Entrevistados sugeriam algumas mudanças como, alterações nos contextos competitivos que prevalecem nas diferentes associações de futebol; alterações ao nível dos processos de seleção e identificação de talentos, ao nível da prospeção; alterações ao nível da formação dos próprios treinadores e da sua posterior colocação no mundo de trabalho, pois como refere o Entrevistado B (Anexo 3), muitos treinadores que estão nos contextos formativos têm a ambição de atingir o futebol sénior e para isso, tem determinadas preocupações que inibem, ou não facilitam, o desenvolvimento dos jovens jogadores; alterações ao nível das políticas desportivas; enfim, diversas alterações, umas mais plausíveis que outras pela possibilidade de concretização a curto prazo, mas que a essencial mudança que deve acontecer, porque é aí que tudo começa, passa pela alteração da perspectiva com que se olha a Formação.

“Cabe a nós, com esta postura reflexiva perante o mundo que nos rodeia, não nos deixarmos intoxicar por alguns malefícios que poderão prejudicar o Futebol.”

(Entrevistado E, Anexo 6)

5 Desenvolvimento Profissional

Todos os fenômenos em que atua o Ser Humano, seja a Educação ou o Desporto, colocam-nos o desafio da Complexidade. É fundamental entender que jamais poderemos deixar de intervir, refletir e atuar de um modo complexo. Esta foi uma das primeiras ideias que me foi sendo reforçada e estimulada, obrigando-me a colocar constantemente os “óculos da complexidade”.

Vivenciar não é viver, vivenciar é experimentar. E apenas uma correta e qualificada riqueza dessas vivências é que poderá ser determinante no desenvolvimento de qualquer conhecimento. Como treinadores, devemos possuir um vasto leque de competências, porém, dado que estas não resultam automaticamente da experiência, verifica-se a necessidade de formação e reflexão sobre a prática (Garganta, 2006). Desta forma, uma das riquezas que poderá advir dessa vivência passa pela reflexão sobre a prática. No entanto, esta, revela-se como um processo natural e crucial para o desenvolvimento das competências para uma ação cada vez mais responsável.

Apesar do meu estágio se ter realizado no escalão de Sub-11 da Escola de Futebol Dragon Force Custóias, tive também a oportunidade de ter a experiência de acompanhar o processo do escalão de Sub-13 da mesma escola. Foi importante para o meu crescimento enquanto treinador pois, ter desempenhado o papel de treinador-assistente fez-me perceber a importância das funções que ia tendo que, por vezes, pareciam secundárias, mas que se revelam um papel determinante para o Processo ser efetivo. Seja, por exemplo, na forma como poderia amenizar o ambiente, tornando-o mais positivo, num momento de maior tensão ou tristeza; ou na tentativa de sintonização com aquelas que eram as ideias do treinador-principal através do relacionamento, necessariamente, diferente com os jogadores; mas sendo que tudo era facilitado pela existência de uma relação de maior proximidade com eles. Apesar de, por vezes, não me identificar totalmente com as mesmas, para poder haver coerência, e assim fluidez, no Processo que se queria de crescimento, elas tinham de ser defendidas. No entanto, sempre existiu espaço para reflexão conjunta, em que

havia partilha e discussão de ideias, uma contribuição de todos os elementos técnicos para que isso fosse possível de ser conseguido.

Enquanto treinador-principal, a experiência permitiu-me desenvolver e melhorar algumas competências, nomeadamente, ao nível da comunicação e gestão de conflitos. Tive oportunidade de adquirir novas competências, mas aquela em que senti que mais desenvolvi foi a capacidade de reflexão e autoavaliação. O desenvolvimento destas competências ofereceram-me a possibilidade de, na ação, construir uma identidade profissional, como também, ajudar-me numa reconstrução de um determinado perfil de postura pessoal, a minha personalidade.

Este estágio permitiu-me também compreender melhor a figura do treinador que, fundamentalmente ao nível da formação, não se pode limitar a preocupar-se com o que quer ver na equipa e jogadores. Deve sim haver uma preocupação sobre o desenvolvimento integral da Criança. Portanto, ser treinador é mais que um tecnocrata do Futebol, deverá ser acima de tudo um pedagogo. Como tal, esta vivência, e o próprio estudo que decidi incluir no relatório de estágio, fizeram-me ficar sensível à existência de muitas outras áreas de conhecimento que até então eram desconhecidas para mim.

Este trabalho foi um Processo que necessitou de tempo para se ir construindo e reconstruindo; necessitou de espaço para se poder experimentar e explorar as suas potencialidades, o que resultou em diversas tentativas falhadas, ou as necessárias, para chegar a esta proposta final; precisou de variabilidade o que se materializou na diversa e diferente bibliografia consultada; exigiu uma constante reflexão sobre tudo aquilo que íamos estudando, lendo, escrevendo, na tentativa de melhorar aquilo que de menos bem estávamos a dizer; precisou e surgiu, também, de uma inter-relação de cooperação, por parte de todos que me ajudaram ao longo da feitura deste trabalho, em busca da melhor resposta para um objetivo traçado; nasceu da paixão, pela área do desenvolvimento e do treino de crianças e jovens; requisitou um espírito de sacrifício, fruto da mesma paixão, para fazer perdurar os esforços no tempo; de superação constante, na

tentativa de ir um pouco mais além; e de todo o prazer que íamos, e fomos, tendo ao longo da execução deste trabalho.

Tudo isto, fazendo a analogia concretamente com este trabalho, foi exatamente um Processo de Formação, onde inicialmente, através de um estímulo que despertou a nossa curiosidade, e assumida com autonomia e liberdade, recolhemos informação que foi sendo interpretada e ligada com sentido (sensibilidade), para chegar e fazer emergir uma resposta, inacabada talvez pela complexidade da problemática, para a pergunta inicial; certa ou menos certa, foi a resposta que encontramos à luz do conhecimento que dispomos atualmente. Foi um caminho que necessitou e exigiu o desenvolvimento de determinadas capacidades para que pudéssemos responder, da melhor maneira possível, à circunstância.

No final, deu-me ainda mais responsabilidade pois, através dele, reconheci ainda mais a importância de tomarmos convenientemente as “rédeas” do Processo de Formação, sabendo que, de certa maneira, como educadores, temos de ter um grande conhecimento daquilo que é o Jogo de Futebol, daquilo que é realmente Aprendizagem e como a podemos verdadeiramente efetivar. Mas fundamentalmente, ter um enorme conhecimento daquilo que é uma Criança, as suas necessidades e como ela aprende, para assim, podermos criar as condições favoráveis para o seu Desenvolvimento.

Percebemos, através daquilo que íamos estudando, que a mentalidade é o motor de todo o Desenvolvimento. Como tal, temos um papel enorme na promoção de uma determinada atitude mental, porque efetivamente, como treinadores, temos de ter a consciência que somos um agente educativo a quem eles dão uma outra importância pelo simples facto de sermos alguém que está com eles naquilo que eles mais gostam de fazer. Desta forma, temos sempre o papel de influenciar, positivamente, os aspetos do carácter de quem temos à nossa frente, tentando criar as condições certas, desde logo, para que possamos fazer emergir, na continuidade, uma mentalidade orientada para o desenvolvimento.

A feitura deste trabalho permitiu-me ter a consciência que, como treinadores de futebol de crianças e jovens, temos a tarefa de contribuir para a desmistificação

de algumas “verdades”, relacionados com esta temática, que têm afetado o Desporto, e em particular a Formação de jovens Jogadores de Futebol. A crença de que “já se nasce ensinado”, ou que só os “predestinados” é que são criativos, ou que estamos determinados geneticamente são mitos que toldam o desenvolvimento do potencial de cada um. É nosso dever orientá-los e estimulá-los a desenvencilharem-se desses mitos.

Fez-me perceber, ainda mais, dando-me responsabilidade em querer ir perceber e estudar mais sobre a existência de determinadas fases sensíveis de aprendizagem, ou aquilo a que os autores falam de “janelas de oportunidade”, que, se estas forem perdidas ou mal aproveitadas, dificilmente se podem recuperar ou compensar, na sua plenitude, no futuro.

Desta maneira, todo este trabalho e toda a necessária reflexão sobre as vivências deste ano, procuraram contribuir para que a minha atuação no futuro fosse mais positiva e enriquecedora pois, enquanto agentes educativos, temos efetivamente a responsabilidade de criar condições e oportunidades para que se desenvolvam determinadas capacidades; temos a missão de facilitar a emergência da Criatividade nas crianças e jovens. No fundo, tentamos ao máximo deixar de ser um estorvo ao Desenvolvimento, de todo o potencial que eles têm!

6 Síntese

“O nosso papel enquanto agentes formativos deve ser o de criar os cenários para que os jogadores se desenvolvam jogando. Enquanto quisermos bater nesta dominante que é a do ensino, a primazia no ensino, e não na aprendizagem, isto é, o treinador querer ensinar o jogo, é a maior falácia que se pode querer vender, de que os treinadores é que vão ensinar o jogo. Não, os jogadores é que vão aprender a jogar e vão fazendo-o jogando. E depois, em cada clube, tem de ser capaz de produzir o contexto, em termos das situações que vivencia, em termos da lógica que está presente, em termos da ideia de jogo que está por detrás, no sentido de o desenvolvimento deles ser máximo face à realidade. Mas fundamentalmente é isto, criar cenários em que eles vão jogar com a máxima implicação, de forma mais afetiva possível com o jogo, numa lógica de superação que é uma coisa natural.”

(Entrevistado C, Anexo 4)

O grande objetivo de um processo de formação é evidente, formar Jogadores e prepará-los para as exigências de um patamar superior de rendimento. Isto é, formar Jogadores de qualidade e inteligência superior, pois são esses que, perante um determinado problema, se adaptam de melhor forma, engendram uma solução para concretizar o objetivo maior. Para isso, é necessário que se desenvolvam determinadas capacidades inatas, e se efetivem competências, para que possam lidar com a natureza do jogo de Futebol, fundamentalmente uma Inteligência de Jogo que lhe permita entender e escolher qual a melhor opção a tomar em cada momento, por forma a aumentar as probabilidades de sucesso da sua equipa e assim, chegar ao objetivo do jogo: marcar golo e não sofrer. No entanto, esse aumento da probabilidade de sucesso irá acontecer quando mais diverso for o jogador na sua expressão. Isto é, quanto mais variável, flexível e adaptativo for o seu repertório de competências para gerar soluções, maior a probabilidade, em cada momento, de vir a ter, e assim ajudar também o coletivo a ter, sucesso.

Importa-nos, portanto, desenvolver pessoas muito criativas, resultado de usarem todos os recursos para atingir um determinado fim. Assim, a Criatividade, segundo Ximendes (2010), pode ser entendida como a capacidade de produzir algo novo e útil, fruto do poder flexível, adaptativo e consciente dos humanos, que adquirem novos padrões de comportamentos através da experiência individual e também capazes de construir temporariamente diferentes padrões comportamentais para resolver novos problemas. Isto é, os novos comportamentos, ou as novas ideias, nascem da recombinação de elementos improváveis com o conhecimento já existente.

Percebemos, através da pesquisa que fizemos, que todas as nossas capacidades inatas são treináveis, ou que podem ser estimuladas. Entendemos também que existem um conjunto de experiências e vivências importantes para a expressão qualitativa dos jovens jogadores no Futebol e que, por isso, deverão ser contempladas desde cedo nos Processos de exponenciação desses potenciais jogadores de elite, no sentido de os aproximar dessa confirmação à *posteriori*. Assim, o facto de as crianças começarem cedo a serem estimuladas pelo e no Futebol pode revelar-se determinante, desde que esteja coadunada com as necessidades momentâneas da criança.

Desta maneira, se queremos respeitar o natural e espontâneo desenvolvimento da Criança, e assim potenciar a sua expressão individual, para que tudo não seja forçado e se torne artificial, desprovendo as crianças da sua Singularidade, o Homem deverá ter o cuidado de preservar ou tentar recriar o mais fielmente possível os ambientes naturais em que os jovens se iniciavam no Futebol. Essa iniciação deverá fazer-se considerando um Processo de Ensino-Aprendizagem em que se contemple, e tenha em consideração, muita das atividades de infância realizadas por aqueles que posteriormente se revelaram como Jogadores de qualidade superior com expressão mundial. Atividades que tinham por base maioritariamente o Futebol de Rua, uma atividade que, no seu todo, continha determinados “ingredientes” que permitiam, na sua interação, a criação de condições propensas a um determinado Desenvolvimento. Assim, podemos concluir que, os Processos de Formação, de construção e exponenciação dos jovens Jogadores, devem-se centrar na criação das condições ideais, através do

aprimoramento dos tais ingredientes essenciais, que existiam no Futebol de Rua. Temos uma aproximação ecológica da Educação e do Treino.

Esta ideia enquadra-se com tudo aquilo que foi suprarreferido, remetendo-nos para a importância de considerarmos a Aprendizagem, e não o ensino, como o propósito a alcançar, pois o “Futebol não se ensina, aprende-se necessariamente”. Assim, a nossa preocupação deve centrar-se no propiciar de condições que contêm os ingredientes que consubstanciam uma determinada Qualidade. Esta Aprendizagem só acontecerá se, enquanto treinadores, conseguirmos criar contextos para que uma mentalidade orientada para o desenvolvimento floresça, pois é ela a catalisadora de todo o Desenvolvimento.

Entendendo o Jogador de qualidade superior como uma realidade potencial, que evolui e que nele se encontram implicadas inúmeras dimensões, isto é, uma realidade plural, que, por isso, se pode expressar de inúmeras maneiras, concluímos também que devemos entender a diversidade como um elemento essencial para a expressão qualitativa deste fenómeno. No entanto, para isso, temos de ter um conhecimento profundo daquilo que é ser Criança, como se dá o seu desenvolvimento, quais as suas necessidades, para que possamos possibilitar e facilitar a expressão do seu Eu.

Podemos dizer, em suma, que este Jogador deve emergir de um Processo que requisita um referencial de Qualidade – “o futuro a que aspiramos” - que será consolidado com e no tempo. Ou seja, é a Qualidade do Processo, conjugada com a Quantidade, que permite a distinção entre os indivíduos com desempenhos de excelência e os demais. Para tal, compete ao treinador a criação de contextos que propiciem a emergência da Criatividade, pois, pelo que pudemos perceber, ela é mais facilmente limitada do que facilitada.

Terminamos com a ideia de que o estudo da Criatividade é um conjunto de pontos de interrogação e que cada um daqueles que se atreve a investigar este fenómeno, tenta, de certa maneira, levantar mais um pouco o “véu”.

Quisemos trazer para aqui mais um pouco de luz.

“A pessoa que se quer tornar criativa deve buscar novos caminhos, ser inovadora, ousada, curiosa, apaixonada pelo que faz e correr atrás de sonhos”

(Oliveira, 2010)

Encerro aqui o meu 2º ciclo de estudos, no ensino superior. Todo este caminho foi longo e árduo, entusiasmante, cheio de desafios e oportunidades de desenvolvimento. Tentei encarar todos os momentos, que me foram proporcionados e que fui procurando ter, como possibilidades de aprendizagem, para assim crescer mais um pouco e chegar mais perto da utópica plenitude do nosso Ser. No entanto, o caminho não termina aqui e portanto, balizo toda a minha ação, na tentativa de gerar desenvolvimento na busca da excelência, em três questões: o que fiz de bem? O que aprendi? Como posso fazer melhor? Sinto, depois de fazer um balanço, que podia ter ido mais longe, ter feito mais e melhor. Acredito que é sempre possível fazer melhor! Mas aprendi, e muito. Todos os dias tentei absorver mais um pouco do Outro, de todos com quem partilhei esta jornada, retirar tudo de todos os desafios que me iam colocando e daquilo que todos eles me podiam dar em cada momento. Sim, nenhum caminho se trilha sozinho, ninguém se constrói no vazio, e é através desta partilha, de conhecimentos e vivências, com o tempo, que nos desenvolvemos e cultivamos enquanto Homem.

Estou certo que todas estas experiências vividas traduziram-se em novas aprendizagens. Mas, estou ainda mais certo que cada vez tenho mais questões, mais dúvidas e inquietações ligadas ao Processo de desenvolvimento de jovens jogadores de futebol. Porém, estou convicto de que este trabalho se assumiu como mais uma etapa que acabou de começar na busca da resposta para cada uma das minhas perguntas.

7 Referências

- Alarcão, I. (1996). *Ser Professor Reflexivo*. In Alarcão, I. (Org.), Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão. Porto: Porto Editora
- Alencar, E. M., & Fleith, D. S. (2003). Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19, 1-8
- Alencar, E. M. (2007). Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 45-49
- Alencar, E. M. (1998). *Promovendo um ambiente favorável à criatividade nas organizações*. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, 38 (2), 18-25
- Bento, J. (2004). *Desporto – Discurso e Substância*. Porto: Campo das Letras
- Capra, F. (2005). *Ponto de Mutação* (Á. Cabral, Trans. 31ª Edição ed.). São Paulo: Editora Cultrix
- Castro-Caldas, A. (2006). *As janelas do conhecimento*. Entrevista in *Revista Ser Saúde*, 2, 26-34
- Cavalcanti, J. (2006). *A criatividade no processo de humanização*. *Saber (e) Educar*, 11, 89-98
- Changeux, J. P. (2003). *A verdade e o cérebro – O Homem de Verdade*. Lisboa: Instituto Piaget
- Davids, K. & Baker, J. (2007). *Genes, Environment and Sport Performance - Why the Nature-Nurture Dualism is No Longer Relevant*. *Sports Medicine*, 37 (11)
- Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si – O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência* (6ª Edição). Mem Martins: Publicações Europa-América
- Damásio, A. (2011). *O Erro de Descartes – Emoção, Razão, Cérebro Humano*. Lisboa: Temas e Debates
- Díaz Martínez, C.; Llamas Salguero, F. & López Fernández, V. (2016). Relación entre creatividad, inteligencias múltiples y rendimiento académico en alumnos de

enseñanza media técnico profesional del área gráfica. Programa de intervención neuropsicológica utilizando las TIC. *Revista Academia y Virtualidad*, 9, (2)

Duckworth, A. (2016). *Grit: O Poder da Paixão e da Perseverança*. Lisboa: Vogais

Dweck, C. (2014). *Mindset – Atitude mental para o sucesso*. Lisboa: Vogais

Fonseca, H. & Garganta, J. (2006). *Futebol de rua - um beco com saída. Do jogo espontâneo à prática deliberada*. Lisboa: Visão e Contextos

Freire, P. (2012). *Pedagogia da Autonomia*. Lisboa: Edições Pedagogo

Gardner, H. (2005). *Inteligências Múltiplas – A teoria na prática*: Artmed Editora

Garganta, J. (2001). Futebol e Ciência. *Ciência e Futebol. Revista Digital Educación Física e Desportes*. Buenos Aires, 7 (40).

Garganta, J. (2005). *Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter) acção, para um Futebol com pés... e cabeça*. In O contexto da decisão: acção táctica no desporto, (p.179-190). Duarte Araújo (Ed.) Lisboa. Visão e Contextos

Garganta, J. (2006). Futebol: Uma arte em busca da ciência e da consciência? *Horizonte, Revista da Educação Física e Desporto*, XXI (123), 21-25

Ginsburg, K. (2007). *The importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds*. American Academy of Pediatrics, 119, 182-191

Goleman, D. (2006). *Inteligência Social – A Nova Ciência do Relacionamento Humano* (1ª ed.). Lisboa: Temas e Debates

Goleman, D. (2014). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates

Grant, A. (2016). *Originais: Como os Não-Conformistas Mudam o Mundo*. Lisboa: Vogais

Gruber, H. & Davis, S. (1988). *Inching our way up Mount Olympus: the evolving-systems*. In R. J. Sternberg (Ed.), *The Nature of Creativity: Contemporary*

psychological perspectives (pp. 243-270). New York: Cambridge University Press

Judkins, R. (2016). *A arte do pensamento criativo*. Lisboa: Temas e Debates

L'Ecuyer, C. (2017). *Educar na Curiosidade*. Lisboa: Planeta

Maciel, J. (2011). *Não o Deixes Matar. O Bom Futebol e Quem O Joga. Pelo Futebol Adentro Não é Perda de Tempo!* Lisboa: Chiado Editora.

Moreira, M. (2008). *Criatividade organizacional, uma abordagem sistémica e pragmática*. Tese de Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico na Engenharia. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Morin, E. (1991). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: INSTITUTO PIAGET

Nadal, T. (2015). *Todo se puede entrenar*. Barcelona: Alienta

Neto, C. (2015). *Estamos a criar crianças totós, de uma imaturidade inacreditável*. Entrevista ao jornal Observador 25 julho de 2015.

Oliveira, Z. M. F. (2010). *Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo*. Estudos de psicologia (Campinas), 27(1), 83-92.

Pacheco, J. (2017). *Procurem nas escolas professores que ainda não tenham morrido*. Entrevista ao jornal Notícias Magazine 3 de Abril de 2017

Plucker, J & Esping, A. (2015). *Intelligence and creativity: a complex but importante relationship*. Asia Pacific Education Review, 16, 153–159

Punset, E. (2008). *A Alma Está no Cérebro - Uma radiografia da máquina de pensar*. Alfragide: Dom Quixote

Robinson, K. (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora

Robinson, K. (2016). *Escuelas Creativas – La revolución que está transformando la educación*. Barcelona: Debolsillo

Runco, A. M. (2007). *Creativity, theories and themes: research, development, and practice*. San Diego: Elsevier

- Sá, E. (2015). *Hoje não vou à escola! – Porque é que os bons alunos não tiram sempre boas notas?* (3ª ed.). Alfragide: Lua de Papel
- Silva, Agostinho da. (2000a). *Textos Pedagógicos I*. Lisboa: Âncora Editora
- Silva, Agostinho da. (2000b). *Textos Pedagógicos II*. Lisboa: Âncora Editora
- Smith, J. M., & Szathmáry, E. (2007). *AS ORIGENS DA VIDA – Do Começo da Vida às Origens da Linguagem*. Lisboa: Gradiva
- Sternberg, R. (2005). *Inteligência de Sucesso: como a inteligência de sucesso e a criativa são determinantes para uma vida de sucesso*. Lisboa: Esquilo edições e multimédia, Lda
- Valdano, J. (2002). *El miedo escénico y otras hierbas*. Madrid: Aguilar
- Valdano, J. (2007). *Corpo mentiroso*. Jornal A Bola, 17 de fevereiro
- Valqueresma, A. & Coimbra, J. (2013). *Criatividade e Educação – A educação artística como o caminho para o futuro?*. Educação, Caminho e Cultura, nº40, 131-146
- Vygotsky, L. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Lisboa: DINALIVRO
- Tamarit, X. (2007). *Que és la “Periodización Táctica”? Vivenciar el «juego» para condicionar el juego* (1ª ed.): MCSports
- Tamarit, X. (2013). *Periodización Táctica vs Periodización Táctica*. MBFootball
- Tough, P. (2012). *Educar para o futuro – Persistência, Curiosidade e o Poder Desconhecido do Carácter*. Lisboa: Clube do Autor
- Ximendes, E. (2010). *As Bases Neurocientíficas da Criatividade – O contributo da neurociência no estudo do comportamento criativo*. Dissertação de Mestrado Educação Artística. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Anexos

Anexo 1: Guião Entrevista

1. A sabedoria convencional afirma que o Ser Humano nasce com potencial criativo e ele desenvolver-se-á se as condições assim o permitirem. Qual a sua opinião sobre a origem da capacidade criativa?
2. Segundo o professor Júlio Garganta, o Futebol é uma atividade complexa que se joga num ambiente de diversos constrangimentos e inúmeras possibilidades, onde o limite da ação ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade. O que é a criatividade num desporto coletivo como o futebol? E qual a sua importância?
3. O professor Manuel Sérgio refere que “o desporto atual reproduz e multiplica as taras da nossa sociedade, centrada na medida, no rendimento, na eficácia”. Se o futebol é negócio, como vários autores o expõem, este só recompensa os “vencedores”. A rápida necessidade de “produção” para o rendimento competitivo e/ou económico influencia o desenvolvimento do jovem jogador? Que implicações terá na formação de jogadores criativos?
4. Quais são as principais preocupações que deveríamos ter, ao nível da formação, para promover a criatividade nos jogadores?
5. No seu entendimento, a forma como muitos treinadores concebem atualmente o jogo, potencia ou “castra” o potencial criativo do jogador?
6. Valdano refere que “tudo no Futebol, incluindo a criatividade, necessita apoiar-se numa ordem”. Na sua opinião, que ordem deverá ser esta?
7. Onde estão os jogadores criativos? É defensor que hoje não se “produzem” ou que ficam, como diz Valdano, reféns de tarefas automáticas? Como identifica a expressão criativa de um jogador?
8. De que maneira poderá o treino ser um promotor e potenciador, ou um inibidor da criatividade? E o papel do treinador, qual deverá ser?
9. Alguns autores afirmam que o prazer, na atividade desenvolvida, parece também ser um importante catalisador da criatividade. Qual é a sua opinião?
10. Parece-lhe que o jogo de Futebol caminha para uma redução da imprevisibilidade dos comportamentos dos jogadores? (Que implicações pode isso ter no treino e na formação de futebolistas?)
11. Tendo em conta a sua experiência, como classificaria o estado atual da formação de jovens futebolistas? (O que alteraria, de forma a promover um melhor desenvolvimento do jovem jogador?)

Anexo 2: Entrevistado A

Francisco Andrade (FA): A sabedoria convencional afirma que o Ser Humano nasce com potencial criativo e ele desenvolver-se-á se as condições assim o permitirem. Qual a sua opinião sobre a origem da capacidade criativa?

Entrevistado A: Eu não sei e nascemos com potencial criativo. Eu sei é que, para ser criativo, nós temos de dar condições às pessoas para elas potenciarem essa criatividade. E o que se refere ao treino de futebol, para que um jogador possa ser criativo, o processo de treino tem de ter algumas características que lhe permitem ser criativo. Por um lado tem de que lhe permitir ser ele a decidir e não serem os treinadores a decidirem. Por outro lado isso tem de ser em situações em que a variabilidade dele seja grande para que ele possa escolher aquilo que tem de fazer e escolher a forma de resolver os problemas que permanentemente o jogo solicita. Se o processo de treino evidencia essas características, o contexto que ele tem para ser criativo é um contexto rico. Nessas circunstâncias estamos a potenciar a criatividade. No entanto, aquilo que também é a minha experiência e aquilo que me tem mostrado é que os jogadores criativos são jogadores que melhor percebem o jogo. Ou seja, que têm um conhecimento maior de jogo, que a criatividade só é realmente efetiva quando alguém entende aquilo que está a fazer; olha para aquilo que está a fazer e arranja soluções adequadas para resolver de uma forma eficiente os problemas que o jogo traz. Há aqui duas ou três coisas que funcionam permanentemente para que as soluções dos jogadores sejam criativas e haja uma promoção da criatividade. Por um lado, o contexto que lhes criamos que tem de ser um contexto rico, tem de ser um contexto em que eles possam escolher várias coisas. Mas por outro lado eles têm de ter um conhecimento de jogo para que aquilo que eles escolhem fazer seja adequado às circunstâncias do próprio jogo. Por isso eu não vejo um jogador criativo se não entender aquilo que está a fazer. Por isso penso que a criatividade está relacionada com o conhecimento de jogo pois só um jogador que tem um conhecimento de jogo é que pode ser criativo. Claro que, quando nós estamos a falar de conhecimento de jogo temos que ajustar ao escalão etário e à competência que ele tem neste momento. Porque um jogador pode ser Iniciado e ser muito criativo dentro do contexto onde está a jogar com os colegas e um jogador Sênior pode ser muito criativo mas também nesse contexto, não há possibilidade de comparações entre os dois contextos, pois são completamente diferentes. Mas são criativos, nesses contextos onde estão a jogar com colegas em situações mais ou menos idênticas.

FA: Segundo o professor Júlio Garganta, o Futebol é uma atividade complexa que se joga num ambiente de diversos constrangimentos e inúmeras possibilidades, onde o limite da ação ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade. O que é a criatividade num desporto coletivo como o futebol?

Entrevistado A: Quando se está a jogar nunca existe uma única solução para resolver os problemas que vão sendo colocadas ao jogador. O jogador tem normalmente várias possibilidades de resolver o problema, tanto ao nível individual como ao nível coletivo. A forma como ele entende que pode resolver aquele problema pode ser mais ou menos criativa em função das diferentes opções que ele tem, mas também na forma como ele resolve esse mesmo problema. O que muita das vezes aquilo que acontece é que os jogadores perante determinada situação fazem sempre as mesmas coisas. Os jogadores mais criativos tentam enganar os adversários, procuram soluções diferentes, para tirar mais proveito deles próprios e para a equipa. Em determinadas circunstâncias, toda a gente está a espera que um jogador faça um passe de 10 metros e ele não faz esse passe, retém a bola para ganhar espaço para que, entretanto, determinado colega se desmarque para ele dar a bola e o colega ficar em vantagem sobre isso. Um jogador criativo vê mais do que outros jogadores perante os cenários que o jogo evidencia; ele consegue ver mais além. Ou seja, consegue ter outra abrangência de jogo que os colegas não têm e isso só se consegue através de um conhecimento grande de jogo, através de uma interpretação muito boa daquilo que são as circunstâncias e o envolvimento, dentro de todos os constrangimentos que o jogo tem ele consegue jogar com eles de uma forma que outros não conseguem. Por isso, o jogador criativo tem uma quantidade, normalmente, de soluções maior que o jogador menos criativo. Depois joga com essas soluções de uma forma muito assertiva porque a criatividade só tem sentido quando está associada à eficácia e à eficiência. Normalmente, os jogadores criativos buscam soluções que muitas vezes não são as mais previsíveis mas têm, associada a essas soluções, essa eficácia e eficiência tanto a nível individual como a nível coletivo.

FA: Considera-a importante?

Entrevistado A: É imprescindível e muito importante para a qualidade de um jogador e de uma equipa.

FA: O professor Manuel Sérgio refere que “o desporto atual reproduz e multiplica as taras da nossa sociedade, centrada na medida, no rendimento, na eficácia”. Se o futebol é negócio, como vários autores o expõem, este só recompensa os “vencedores”. A rápida necessidade de “produção” para o rendimento competitivo e/ou económico influencia o desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado A: Eu acho que o grande problema que se coloca atualmente é o facto de os miúdos já não terem o mesmo contexto formativo que tinham há uns anos. Em que jogavam durante muitos anos na rua onde o desenvolvimento deles e a aprendizagem era muito por ver os outros a fazer, por copiar os outros. Jogavam em contextos de muito diversidade, onde jogavam com miúdos mais velhos e mais novos, onde não tinham ninguém a dizer-lhes o que tinham de fazer, onde tinham de se desenvolver num contexto de imitação, num contexto muito diferente daqueles que têm nos clubes. Neste momento, aquilo que se passa, é que não existe esse contexto muito rico mesmo para muitas competências, competências não só técnicas e táticas na formação de um jogador mas também competências mesmo psicológicas como a procura do imprevisto, o ser mais “malandro” do que o que se pede porque nós somos muito pequeninos a jogar contra miúdos muito mais velhos, começamos a ver aquilo que eles fazem, começamos a imitá-los, começamos a ter um conjunto de competências psicológicas que ele não têm neste momento. Então, aquilo que se passa, é que as escolinhas de futebol, neste momento, não conseguem... porque é perfeitamente normal isso. Não conseguem dar essas competências às crianças e aos jovens jogadores. Por outro lado, também, todas as escolinhas são escolinhas pagas em que os miúdos vão para lá e o facto de serem pagas, os pais quase exigem que determinados tipos de procedimentos sejam feitos. Todas essas coisas levam a que a formação evidencie algumas características que não são muito adequadas àquilo que é a formação de um jogador criativo, a formação de um jogador com uma identidade própria em que foi construindo isso ao longo da sua infância e juventude, a ver e a imitar os outros a criar a sua própria identidade. Depois isto leva a que, mais tarde, eles apareçam e sejam jogadores muito parecidos uns com os outros, que fazem as mesmas coisas. Porque o processo de aprendizagem inicial deles não foi um processo experimental rico, não foi um processo variado, não foi um processo em que as adversidades eram sempre diferentes. Os treinos são todos muito parecidos, em que os colegas, com quem eles jogam, são sempre os mesmos, não existe experiência permanente por parte deles, não existe liberdade de experimentação. E isso, não é bom numa fase inicial porque quanto maior for a variabilidade, quanto maior forem as experiências, quanto maior for a diversidade nos contextos, maior é a possibilidade de gerar jogadores com uma certa criatividade.

FA: Que implicações vai ter na formação de jovens criativos?

Entrevistado A: Numa fase inicial vai ter pois aquilo que se passa é que se tenta acelerar muito tudo o que não é bom para o desenvolvimento do jogador. Eu penso, por tudo aquilo que conheço, que o período da infância... (interrompidos)

FA: Quais são as principais preocupações que deveríamos ter, ao nível da formação, para promover a criatividade nos jogadores?

Entrevistado A: Numa fase inicial, com miúdos de 4, 5, 6 anos, deveríamos permitir uma liberdade de experimentação quase total aos jogadores. Oferecer uma diversidade de experiências extremamente grande para que eles explorassem e sentissem perfeitamente o corpo deles. Começassem a conhecer todas as suas potencialidades através do corpo, direcionado sempre para o futebol. Mas através de uma grande diversidade porque nota-se que, quando os miúdos entram para as escolinhas de futebol, começam logo a ter treinos muito direcionados mas nem conhecem o corpo deles, não sabem correr, não sabem chutar... não têm noção do corpo. E era, muito importante, eles terem esse relacionamento com a bola. Porque normalmente aquilo que acontece, e na nossa infância, em tudo aquilo que fazemos, o trem inferior é para locomoção não é para manipulação de objetos. Quando lhes é colocada uma bola nos pés, a descoordenação vem toda ao de cima. Existe, portanto, a necessidade de criar uma riqueza coordenativa específica de futebol muito grande. Eles precisam de experimentar, precisam de ser, numa fase inicial, muito direcionados para a experimentação. Depois, quando eles já têm essa riqueza motora toda, temos de lhes criar contextos ricos de exploração de problemas. Cada vez mais e acredito mais nisso que o jogo de futebol é um jogo de problemas. Mas não é fazer contas, 2+2, não! É um jogo de problemas. Criar problemas simples, do mais simples até ao mais complexo. E permitir que eles comecem a perceber de futebol, resolvendo esses mesmos problemas. Se nós conseguirmos formar jogadores assim, formamos jogadores ricos em termos de conhecimento de jogo e formamos jogadores criativos em termos de, perante os problemas, terem várias soluções para o resolver e depois também terem a capacidade de escolher em função da situação, terem também a capacidade de enganar os adversários com as soluções que escolhem. Eles sabem que querem ir para a direita, então vão levar o adversário para a esquerda para abrir espaço na direita e depois entrar... porque depois começam a compreender o jogo, começam a saber como devem enganar os adversários, começam a saber como os adversários pensam que eles vão fazer e eles simulam as coisas e fazem outras. Começam a ter um entendimento de jogo muito mais lato, muito mais abrangente e começam a ter decisões muito mais criativas que é isso que nós queremos dos jogadores.

FA: No seu entendimento, a forma como muitos treinadores concebem atualmente o jogo, potencia ou “castra” o potencial criativo do jogador?

Entrevistado A: Há muitos treinadores que realmente promovem a criatividade e permitem que ela se expresse. Mas também há muitos que não permitem e, fundamentalmente, na formação, o que é extremamente prejudicial. Porque enquanto, na formação, se direciona, orienta e guia as decisões dos jogadores não estamos a promover o conhecimento do jogo nem sequer a criatividade. Quando nós estamos no treino e ouvimos permanentemente os treinadores a dizerem ao João para passar ao Manel e para o Manel se desmarcar para fora e para o Francisco jogar para a direita para o Manel para depois passar para o António... Tudo isso são situações que não estão a promover a autonomia dos jogadores. O que está a acontecer é que são os próprios treinadores que estão a decidir aquilo que os miúdos têm de fazer. Ao fazer isso não estamos a promover a criatividade, não estamos a promover conhecimento de jogo, não estamos a promover nada. É o treinador que está a treinar e é o jogador que está a fazer o que o treinador manda. E isto é evidente que não promove a qualidade do jogador nem a qualidade do jogo.

FA: Valdano refere que “tudo no Futebol, incluindo a criatividade, necessita apoiar-se numa ordem”. Na sua opinião, que ordem deverá ser esta?

Entrevistado A: A criatividade só tem sentido quando está apoiada nalguma organização, porque senão é uma criatividade abstrata. E a criatividade deve ser sempre contextualizada. Nesse sentido concordo completamente porque nós não podemos fazer aquilo que queremos no jogo, o jogador não faz aquilo que quer. Um jogador tem de jogar em função de uma ideia coletiva de jogo. E dentro dessa ideia coletiva ser criativo. Eu normalmente comparo uma ideia de jogar a uma cor, em que digo aos jogadores para jogarem através da cor azul. Agora, eu tenho de ter a consciência que a quantidade de tonalidades de azul é quase infinita. E porque cada jogador tem experiências com a cor azul, ele tem a capacidade de identificar a cor azul que eu transmito de forma muito diferenciada, onde ele vai interpretar. E a interação dessas tonalidades todas vai dar uma tonalidade final que eu não sei qual é, nem quero saber. Porque tem que estar aberta à criatividade deles, àquilo que eles colocam nessa cor azul. Agora, não pode é ser vermelho, verde, mas pode ser um azul com uma tonalidade que eu nem sequer conheço. É um pouco isso, tem de haver uma ordem e é a cor azul, mas agora as tonalidades não me interessam. Ao não exigir a tonalidade não estou a ser rígido, estou a ser flexível, estou a permitir que os diferentes jogadores coloquem nessa cor tudo aquilo que de melhor têm. E ao colocarem o melhor deles, eles sentem-se bem, dão mais à equipa em termos individuais e coletivos. E a equipa, em termos coletivos, também cresce o que lhes permite que em termos individuais possam crescer. E é esta dicotomia permanente que tem de acontecer: o crescimento da equipa e do jogador em paralelo.

FA: Há pouco falamos da não promoção, por parte do treinador, da autonomia do jogador. Onde está essa dicotomia que fala? É defensor que hoje eles ficam reféns de tarefas automáticas, como diz Valdano?

Entrevistado A: Sim, isso está relacionado com o tipo de treino que os treinadores, muitas vezes, promovem. Um treinador gosta de uma determinada tonalidade de azul e não permite que os jogadores tenham outras tonalidades, exigem e querem aquela. E isso é extremamente prejudicial ao jogador. Querem tudo automático. E o jogo de futebol não é nada automático. É automático se o mesmo treinador treinasse as duas equipas porque uma fazia uma coisa e... mas não, o treinador não treina as duas equipas, portanto o jogo é absolutamente aleatório. Um jogador faz um passe para a direita e a partir desse momento que fez o passe para a direita o jogo vai ter umas características particulares, se ele fizer um passe para trás o jogo vai ter um caminho completamente diferente, ou se fizer uma finta, se fizer um remate. Por isso, o jogo, é completamente imprevisível naquilo que vai acontecer pois o jogo está a acontecer, por aquilo que criamos no momento. Por isso não sabemos aquilo que vai acontecer e se fomos nós que os criamos em função daquilo que nós decidimos, e nós decidimos em função daquilo que o adversário nos está a colocar naquele momento, daquilo que os nossos colegas estão a fazer naquele momento, por isso, as nossas decisões estão relacionadas com os problemas que os adversários nos colocam e com a ajuda e aquilo que os nossos colegas estão a fazer. Porque se eu decido fazer um passe para a direita ou decido rematar à baliza quase do meio campo é em função de onde estão os meus colegas, de onde estão os adversários, em função daquilo que eu perceciono que é o guarda-redes da equipa adversária, ou seja, um conjunto de situações que eu tenho, na altura, perceciono e decido em função disso. Por isso, aquilo que tem de acontecer é o treino promover todas essas potencialidades, todas essas capacidades, e não ser um conjunto de regras que eles têm de seguir. Devemos dar orientações e promover que eles resolvam em função dessas orientações, mas que sejam criativos e que sejam autónomos.

FA: Como é que, dentro disso, identifica então a expressão criativa do jogador?

Entrevistado A: Quando eu dou esse azul e ele começa a pintar o quadro com tonalidades que eu nem sequer pensava existirem. Quando eu digo que quero que eles andem nesta direção e ele vão buscar caminhos para concretizar que nem eu sabia que existiam. Isso faz de nós, treinadores, muito melhores porque atingimos patamares, até de compreensão das coisas, diferenciado mas permite também, aos jogadores, atingirem patamares muito superiores dada liberdade.

FA: De que maneira poderá o treino ser um promotor e potenciador, ou um inibidor da criatividade?

Entrevistado A: O treino e o jogo são o que determinam tudo. Porque o jogo de futebol é, fundamentalmente, uma atividade motora. E sendo uma atividade motora não é por aquilo que nós dizemos que passamos a ser mais ou menos criativos mas sim por aquilo que fazemos. Por isso, a inteligência, a criatividade é, fundamentalmente, uma atividade motora. Quero com isto dizer que é através do corpo-mente, pois temos de pensar aquilo que se fazemos, que se manifesta aquilo que faz. Portanto, através das experiências permanentemente que ele tem no treino... Eu vejo o treino muito como a criação de cenários ou de experiências, em que eles têm de experienciar a resolução de problemas. E crio problemas muito diversificados para que eles solucionarem. Eles, ao tentarem solucionar essa diversidade de problemas, vão começando a ter uma capacidade de olhar e tentar resolver esses mesmos problemas muito grande. Quando acontecem coisas, problemas, com as quais nunca se depararam eles, como estão habituados a olhar para o jogo e a resolver problemas, começam a pensar como irão resolver e muitas das vezes resolvem de uma forma assertiva. Se o jogo não fosse resolver problemas mas sim só fazer coisas que pede determinado aspeto, quando surgisse um problema, que não conhecem, não conseguem nem sabem como as coisas se resolvem.

FA: E o papel do treinador, qual deverá ser?

Entrevistado A: O papel do treinador é criar esses cenários de diversidade de problemas, cenários sempre muito diversificados, sempre com complexidade diferenciada, de modo a que os jogadores potenciem essa capacidade de leitura, de interpretação e criatividade. Deve ser promotor disso, não deve ser castrador desse tipo de coisas. Se for promotor, eu estou convencido que os jogadores crescem nessa lógica e conseguem ser criativos, cultos. Se não for assim, têm dificuldades, acabando por estar sempre à espera que seja o treinador a decidir ou o colega a dar uma solução.

FA: Alguns autores afirmam que o prazer, na atividade desenvolvida, parece também ser um importante catalisador da criatividade. Qual é a sua opinião?

Entrevistado A: Claro que sim, é evidente. Porque quando nós estamos a fazer aquilo que gostamos... Até em termos fisiológicos, não sei se o termo é fisiológico ou é biológico, é exatamente assim. Quando estamos a fazer determinado tipo de coisas que gostamos a quantidade de emoções positivas é grande, portanto são libertadas determinado tipo de hormonas ao nível do nosso cérebro que nos permite e facilita a ação criativa, o tomar decisões acertadas. Aquilo que acontece é que se nós temos prazer naquilo que fazemos estamos mais abertos a sermos criativos.

FA: Parece-lhe que o jogo de Futebol caminha para uma redução da imprevisibilidade dos comportamentos dos jogadores?

Entrevistado A: Quanto maior é o nível menos isso acontece. Realmente num nível menos evoluído isso é evidente. Num nível mais evoluído isso não é propriamente assim porque os jogadores são extremamente criativos, onde conseguem ser muito imprevisíveis. Agora, o meu receio é, por causa do contexto inicial de formação, que cada vez mais isso possa acontecer. Que cada vez mais se encontre menos uma quantidade grande de jogadores criativos e muito mais jogadores que fazem só aquilo que lhes é dito. Isso admito que sim. E por isso a falta de experiências, numa faixa etária mais baixa, em que eles não têm as experiências que há uns anos tinham de grande diversidade, de imitar os outros... Claro que os problemas vão sendo sempre resolvidos. Atualmente existe uma coisa que não havia antigamente e que poderá facilitar isso que é a quantidade de jogos que se vê na televisão, onde se vê os melhores jogadores. Mas a quantidade de jogos, onde nós vemos os Cristianos Ronaldo, os Messis, os Neymares, é uma coisa e nós jogarmos e vivenciarmos com jogadores mais velhos no pátio das escolas, nas ruas, é outra completamente diferente. Pois, embora, na rua não existissem os Cristianos e os Neymares, existiam os jogadores mais velhos que nos transmitiam determinadas coisas. Víamos, e até nos explicavam, como eles controlavam a bola, como rematavam à baliza e como fintavam, víamos como eles eram “malandros” em determinadas coisas. Claro que agora vê-se na televisão outras coisas mas falta este contacto com essa diversidade, falta esse contacto sem preocupações de alguém que está de fora a dar outras orientações, de organização em que, em faixas etárias muito baixas, se privilegiam muito mais a organização do que a experimentação, a vivência de experienciar, o fazer por fazer. E do meu ponto de vista, isso não é positivo!

FA: Que implicações pode isso ter no treino e na formação de futebolistas?

Entrevistado A: Falta de qualidade no jogo, tanto a nível individual como coletivo.

FA: Tendo em conta a sua experiência, como classificaria o estado atual da formação de jovens futebolistas?

Entrevistado A: Numa fase inicial acho que a formação deveria alterar-se significativamente. Devia ser uma formação muito mais livre, chamemos assim. Noto perfeitamente que os treinadores já pensam muito em ganhar, já pensam muito na organização, não permitem que os jogadores tenham uma liberdade numa fase muito inicial. Depois, também, penso que isso acontece, e é mau, porque normalmente os treinadores que estão nos escalões mais baixos são os menos experientes e ao serem os menos experientes não entendem, muitas vezes, o que é a criança, como ela aprende, como é que determinado tipo de decisões que eles têm influenciam positiva ou negativamente a formação da criança. E isso leva a que, numa fase inicial, a criança

seja mal direcionada em termos daquilo que vai ser as suas competências criativas, de jogo. Depois, numa fase mais avançada na formação, eu penso que estamos relativamente bem porque temos bons treinadores, somos competentes e formamos equipas muito boas. Mesmo com a quantidade reduzida de jogadores que temos comparativamente a outros países da Europa e do mundo. Conseguimo-nos bater com eles sem grandes problemas porque a qualidade de jogo que evidenciamos perante essas equipas é muito grande. No entanto, também penso que, face à cultura desportiva que impera no nosso país, que é uma cultura, fundamentalmente, de vitória, em que aquilo que interessa é a equipa ganhar e não tanto promover a evolução do jogador, muita das vezes isso é extremamente nefasto para a formação do jogador. E porquê? Porque os jogadores para evoluir precisam de estar sempre nos limites das suas capacidades, das suas competências. Quando os jogadores estão numa zona de conforto em que os problemas que têm para resolver, ou a sua complexidade, já são muito fáceis, as suas capacidades não estão em desenvolvimento, não evoluem enquanto jogadores mas também não evoluem em termos mentais. Vou-te dar um exemplo para podermos perceber um pouco melhor aquilo que eu quero dizer. Eu tive um jogador que toda a gente conhece, o Rúben Neves, que na altura era sub-16 e era titular nos sub-17. O jogo de sub-17 era tão fácil, tão fácil, tão fácil para ele que apesar de dar o seu máximo, o seu desenvolvimento era reduzido. Imaginemos o seguinte, nos sub-17 o tipo de operações que tinha de fazer era de somar, subtrair, multiplicar, ele já fazia operações com cosenos, com tangentes, com uma complexidade muito maior. Por isso, os outros faziam dez operações dessas de menor complexidade em 10 minutos, ele era capaz de fazer 100. Mas aquilo era tão fácil que as 100 que ele fazia não permitiam que a evolução acontecesse, porque ele precisava de um patamar de complexidade muito superior. Precisava de fazer só 10 mas de coseno, de senos, de tangentes, dessas coisas todas. Ele aplicava-se ao máximo, fazia 100, fazia 200 em 10 minutos, enquanto os outros faziam 10. Mas não era suficiente em termos de complexidade para ele estar no limiar dele. Então, eu senti-me na obrigação de dizer para que o levassem para um escalão de complexidade superior, pois só assim é que ele evoluía, só assim é que ele crescia. Nós, em Portugal, não privilegiamos esse tipo de coisas. Porque se o Rúben Neves saísse dos sub-17, como nós dizíamos, as probabilidades de nós ganharmos reduzia-se substancialmente. Ou seja, estavam preocupados em serem campeões, em ganhar, e não estavam preocupados no desenvolvimento da qualidade de um jogador. E isso é extremamente prejudicial para a evolução dos jogadores, porque só se pensa nas equipas, só se pensa em ganhar. Quando não são equipas que vão ser formadas para chegarem aos seniores, são jogadores. E nós devemos ter em consideração isso, devemos ter a perceção da qualidade dos nossos jogadores e permitir que eles estejam, como eu digo, na “border line”, no limite dele para que esteja sempre a crescer. Quando ele está em zona de conforto deixa de crescer porque é tudo muito fácil.

FA: O que alteraria, de forma a promover um melhor desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado A: Alteraria o tipo de treino, tinha muito cuidado com o tipo de treino que se faz numa fase inicial. Tentaria sempre a promoção de jogadores inteligentes onde, os jogadores é que têm de decidir. Nós treinadores devemos atuar muito mais no pós-decisão do que no pré-decisão. Questioná-los permanentemente, obriga-los e levá-los a pensar. Fazia com que isso fosse um aspeto importante para a evolução deles. Fazia também com que se pensasse muito no jogador, isto é, não se pode formar grandes jogadores sem grandes equipas mas também não se pode formar jogadores se só se pensar na equipa. Pelas razões que há pouco evidenciei, os jogadores têm de estar sempre nos limites deles, não pode estar na zona de conforto. Portanto, quando um jogador está numa equipa em que tudo para ele é simples, esse jogador, já tem de passar para outro patamar. Também, uma outra coisa que tinha em consideração é o treino técnico onde, cada vez mais, está a ser muito negligenciado pelo facto do jogo, ou de situações jogadas, dar tudo. E realmente é o mais importante, sem qualquer sombra de dúvidas, mas existem algumas particularidades que se não forem treinadas de uma forma diferente, a qualidade de alguns jogadores não atinge um patamar muito elevado. Por exemplo, se nós formos ver a quantidade de finalizações que um jogador tem através do jogo, nós vemos que é uma quantidade muito reduzida. E isso não permite que a qualidade de finalização de um jogador atinja um patamar muito elevado. Claro que essas situações de finalização em situação de jogo são as mais importantes porque ele tem de decidir em função do contexto e daquilo que está a acontecer permanentemente. Mas se não tiver qualidade para o fazer, a execução nunca vai ser uma execução que permita acontecer os golos, falha-se muito. Portanto, existem determinado tipo de habilidades que, ou são treinadas de uma forma exaustiva fora do contexto de jogo, para que nesse contexto de jogo se atinja a excelência, ou então nunca se a atinge. Eu apercebi-me disso, fundamentalmente, quando tive oportunidade de treinar o Cristiano Ronaldo. E o Cristiano Ronaldo que, anos e anos, marca golos atrás de golos. Quando tive oportunidade de o treinar e vi a quantidade de vezes que ele pós-treino está a finalizar, onde faz normalmente 40/50 remates com o pé direito, 40/50 remates com o pé esquerdo todos os treinos, onde só nas vésperas de jogo e pós-jogo é que não o faz. E eu pergunto-lhe porquê que ele o faz e ele diz-me que tem de ser perito em finalizar, tem de ter confiança, ter qualidade, tem que ter tudo. Depois percebemos porquê que determinados jogadores têm essa capacidade e outros, se calhar, não têm. Isso está relacionado com a quantidade de vezes que eles fazem e a importância que eles atribuem a isso, porque no jogo e no treino a quantidade de vezes que ele executa essas habilidades são muito reduzidas para se chegar à perfeição. E há uma quantidade, não é muito grande, de habilidades em que isso é muito importante. A receção, o remate, o cabeceamento, o passe longo. Fundamentalmente estas são habilidades que acontecem poucas vezes num jogo para que elas possam, efetivamente, ter níveis de excelência para aqueles jogadores que necessitam delas permanentemente. Agora, como é que se deve treinar essas habilidades para se atingir um patamar elevado? O treino técnico deve ter um determinado tipo de características pois caso

contrário, se for aquele treino técnico onde eles estão a fazer por fazer, em que não há objetivos, em que não há diversidade, em que não há complexidade diferenciada, também não interessa. Porque existem vários estudos onde dizem que as habilidades, fundamentalmente, no futebol, porque são habilidades abertas, evoluem quando há objetivos, quando há complexidades ajustadas ao nível dos jogadores, quando há uma diversidade muito grande. Por exemplo, uma situação muito simples, nós vemos um jogador qualquer, um finalizador por exemplo, um Lewandowski, um Cristiano Ronaldo, e vemos-lo a fazer um remate em que a bola vem de um passe que está a 1 metro do chão, onde eles rematam e a bola sai enquadrada com a baliza; sai um remate fantástico, um golo, uma grande defesa, o quer que seja. Se nós olharmos para aquilo e pensarmos quantas vezes ele fez um remate daqueles na vida, se calhar nunca o fez, com a velocidade com que a bola vinha e o grau de direcionamento do jogador, se calhar nunca o fez. Então, o que é que lhe permite ele fazer aquilo? O que o permitiu foram as milhares de vezes em que ele rematou à baliza e o corpo dele experienciou coisas boas e coisas más, para depois ter a perceção de como é que o corpo tem de estar equilibrado para rematar de uma forma eficaz. Ou seja, aquilo que está a acontecer é que, não ele de uma forma consciente mas o corpo dele de uma forma não consciente, se coordenou todo, de um modo que consiga ser eficaz a rematar aquela bola, apesar de nunca ter rematado uma bola nas mesmas condições. E isto é feito por experiência, pela quantidade de vezes que ele o experimentou. Isto não se ganha a fazer uma ou duas vezes, ganha-se a fazer milhares e milhares de vezes, e está comprovado. Por isso, este tipo de coisas, se nós queremos para determinadas habilidades, aconteça nos jogadores, só temos é que dar condições ao jogar para fazer isto milhares de vezes, para que quando isto acontecer, eles serem realmente bons a fazer isto. Caso contrário não se atinge a excelência. Por isso, penso que na formação há algumas coisas que têm de ser alteradas e modificadas para nós atingirmos sempre patamares elevados. Se nós formos às biografias dos grandes jogadores de futebol, aqueles que eram grandes marcadores de livres, todos eles dizem que passavam dezenas de horas a marcar livres. Se formos perguntar igualmente aos grandes cabeceadores, aos grandes passadores, aos grandes rematadores, eles dizem a mesma coisa, que o fizeram milhares de vezes. Mas se formos perguntar também a todos porquê que os dribladores fintam tão bem, eles vão-nos dizer que os treinadores na formação lhes permitiam pegar na bola e fintar três, quatro colegas e vir para trás e fintar mais três ou quatro. Porque isso é que lhes dá a capacidade de finta e a confiança para tal. Agora, se os treinadores os obrigassem a jogar a um, dois toques, aonde e como é que eles podiam fintar? Nós temos de ter muito cuidado na formação para que determinado tipo de competências sejam desenvolvidas para quando eles chegarem aos seniores terem essas mesmas competências desenvolvidas. Eu quando tive a felicidade de treinar seniores, vi, muitas vezes, alguns jogadores a pedirem ajuda para treinar determinadas coisas que faziam permanentemente. Por exemplo, o Cristiano como disse, fazia remates à baliza regularmente; os médios, alguns deles, o caso do Tiago, do João Moutinho, o Raúl Meireles, juntavam-se os três para fazerem determinado tipo de passe, porque era aquele tipo de passe que eles regularmente faziam, depois variavam em função do pé forte do colega

para lhe facilitar a vida. E eram esses pequenos pormenores... O Nani a pedir aos defesas para lhe fazer frente, para que ele o pudesse enfrentar num 1x1, onde variava a sua saída, para experimentar e ganhar confiança. Se, ao mais alto patamar necessitam deste tipo de coisas, porquê que na formação não necessitam? Nascem ensinados? Por isso, eu acho que na formação o treino técnico, nesse sentido, também é importante. Mas sempre um treino técnico não no abstrato mas sim direcionado por determinadas características porque senão não tem interesse absolutamente nenhum.

Anexo 3: Entrevistado B

Francisco Andrade (FA): A sabedoria convencional afirma que o Ser Humano nasce com potencial criativo e ele desenvolver-se-á se as condições assim o permitirem. Qual a sua opinião sobre a origem da capacidade criativa?

Entrevistado B: Não tenho dúvidas que de facto essa afirmação corresponde inteiramente à verdade, na medida em que quando deixamos uma criança muitas vezes estar só, em idade muito precoces... e hoje sabe-se muito relativamente ao desenvolvimento do próprio cérebro do bebé; de facto a criança através de uma série de atividades autónomas ela tem uma enorme capacidade de criar algo diferente e isso é visível, não apenas no jogo, mas fundamentalmente numa série de atividades ou de brincadeiras que ela própria consegue despoletar a partir de um objeto, de qualquer coisa que parece não existir, do mundo imaginário da criança, mas onde a partir daí ela consegue, de facto, criar sempre algo de novo, a reinventar sempre qualquer coisa. Por isso não tenho qualquer dúvida que essa capacidade criativa existe. O que muitas vezes acontece, resultado de um determinado processo de formação, de desenvolvimento, de um contexto, é essa capacidade ser inibida. Daí eu entender que na sua origem essa capacidade existe e o processo *à posteriori* vai condicionando-a.

FA: Segundo o professor Júlio Garganta, o Futebol é uma atividade complexa que se joga num ambiente de diversos constrangimentos e inúmeras possibilidades, onde o limite da ação ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade. O que é a criatividade num desporto coletivo como o futebol?

Entrevistado B: Como falaste, aquilo que caracteriza o jogo é uma enorme variabilidade, uma enorme aleatoriedade. No entanto, nós também sabemos que existe um lado determinístico. Ou seja, existe também um lado onde o treinador procura, em determinado momento, que ele seja previsível. Aquilo que muitas vezes é interpretado na criatividade... eu não me cinto na criatividade apenas ao nível da execução mas também ao nível da intenção, pois também ela é uma manifestação de criatividade. Muitas vezes tendemos a olhar para a criatividade apenas num prisma do jogador que tem bola, mas o jogador pode ser extremamente criativo por exemplo no momento defensivo. O jogador pode ser extremamente criativo no momento em que não tem bola, mas que com uma tomada de decisão, inteiramente acertada, com uma simulação consegue de facto criar as condições necessárias, pelo espaço ou linhas de passe... No fundo, consegue, fundamentalmente, ajustar a sua tomada de decisão a um determinado constrangimento contextual. Por isso, o ser criativo no jogo, na minha opinião, é ser um jogador que consegue efetivamente ajustar de forma rápida e, muitas vezes, acima do entendimento comum. Consegue ver aquilo que não está tão visível aos olhos dos restantes colegas e por isso

consegue, sobre um determinado contexto, agir em conformidade mas procurando sempre ter um fim. Ou seja, toda a ação criativa não pode ser vista apenas como um fim em si mesmo mas como um meio para. E se é um meio para, vive de interações e de relações. Porque o jogo, como falaste, é um sistema complexo onde a sua complexidade se traduz, quer na quantidade, quer na qualidade de interações que se estabelecem no jogador que joga com os restantes colegas, adversário, etc. Por isso, a questão da ação criativa consegue-se perceber obviamente quando um jogador faz algo que está para além do entendimento daquilo que é o entendimento normal num determinado momento. E se essa tomada de decisão ajustada consegue ser efetiva, ou seja, consegue ser eficiente, é uma manifestação de criatividade.

FA: E qual a sua importância?

Entrevistado B: Na minha opinião é brutalmente importante. Contudo, é importante que entendamos o que é a criatividade neste tipo de contexto. Ou seja, o jogador, de facto, age de uma forma individual mas tendo sempre por referência uma determinada ideia de jogo. Agora, essa ideia de jogo quanto mais rica, quanto mais qualitativa for, na minha opinião, mais vai deixar abertura para que este detalhe, para que o inesperado, para que o lado do individual, consiga acrescentar qualitativamente à ordem coletiva. E aquilo que muitas vezes acontece é que esta organização, concebida pelos treinadores, acaba por ser extremamente fechada, não permitindo este acrescento. Não permite essa abertura, essa riqueza do detalhe, que muitas vezes o jogador consegue trazer ao jogo. No entanto é importante que ele perceba... por isso é que nós falamos sempre que o jogo é “um pensamento coletivo...que quando um jogador está agir, ainda que aja de uma forma criativa, é importante que haja um entendimento comum dos restantes colegas. Ou seja, ele está a fazer algo de diferente, a tomar uma decisão circunstancial, mas que nunca é em si individual, porque ela está sempre suportada por uma intencionalidade coletiva, uma ideia de jogo. Existe uma intenção prévia coletiva que permite criar as melhores condições para o aparecimento desse detalhe. E é isso que representa, fundamentalmente, a riqueza tática do jogo de algumas equipas. Na minha opinião, é aqui que está a diferença: no nível organizacional, e na sua qualidade organizativa, das diferentes equipas. Mas, em alguns momentos, tendemos a querer condicionar e a querer fechar demais o sistema, mas que em momento algum deve ser fechado.

FA: O professor Manuel Sérgio refere que “o desporto atual reproduz e multiplica as taras da nossa sociedade, centrada na medida, no rendimento, na eficácia”. Se o futebol é negócio, como vários autores o expõem, este só recompensa os “vencedores”. A rápida necessidade de “produção” para o rendimento competitivo e/ou económico influencia o desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado B: Sim, concordo. Aquilo que nós sabemos também é que vivemos numa sociedade, muitas vezes, catalogada, que vive do vírus da pressa. Ou seja, queremos um produto sem passar pelo processo. Nós queremos avançar o caminho. Queremos e concebemos um determinado produto e queremos chegar rapidamente a esse produto. E muitas vezes hipotecamos o processo e o normal crescimento e desenvolvimento de uma criança. Porque, se de facto, uma das características que nos identifica e que torna extremamente peculiar o Ser Humano é a capacidade que temos de aprender. E essa capacidade de aprendizagem traduz-se na capacidade que temos em nos ajustarmos, por uma elevada adaptabilidade, ao contexto. E nós próprios somos capazes de, também, mudar o próprio contexto. Ou seja, nós adaptamo-nos mas também somos capazes de criar novos contextos. Mas esta aprendizagem tem uma desvantagem que muitas vezes as pessoas esquecem: é que ela é lenta, demora tempo e exige um processo. Se nós olharmos também para um dos direitos da criança e da infância... e por isso, nós somos o único animal que temos um período de infância mais longo no tempo. Um período que é destinado à imaturidade, à falta de responsabilidade. Ou seja, aquilo que caracteriza uma criança. Enquanto um adulto tem de ir trabalhar, uma criança tem que brincar. Vai chegar a um momento em que de facto vai ter de deixar de brincar para se preocupar em trabalhar. Mas durante este processo de crescimento, que muitas vezes é muito mais que crescimento onde podemos falar quase num processo de metamorfose. Não podemos olhar a criança numa perspectiva de apenas vir a ser humana, mas sim de transformar, a todos os níveis. E neste momento, quanto maior forem as possibilidades de intervenção, de ação, melhor. E nós não podemos afastar aquilo que é a realidade do jogo daquilo que é a realidade da sociedade atual. E por isso que fui buscar a questão da dinâmica do brincar e da infância, porque aquilo que nós muitas vezes estamos a condicionar... Estamos sistematicamente a padronizar as brincadeiras, estamos recorrentemente a criar as chamadas “crianças de agenda”. Em que elas entram, de manhã à noite, em tarefas e atividades, mesmo que sejam atividades extra-curriculares como muitas vezes se designam... e eu também estou num contexto de escola onde elas acontecem... É importante que tenhamos consciência de uma coisa, são atividades extra-curriculares em que, muitas vezes não é propriamente a escola em si, mas são atividades na mesma orientadas, são atividades que não permitem que a criança faça aquilo que de facto quer fazer. Por isso é também importante... Existe um livro extremamente interessante que nos alerta para um tema, que se intitula “A Sociedade do Cansaço”, onde o autor retrata que a maior parte das doenças neuronais resultam de uma aceleração constante, do desgaste, da falta de uma vida reflexiva, contemplativa. Ou seja, de não temos tempo para fazer aquilo que verdadeiramente queremos. E este é um tempo que a criança tem. E se nós hoje estamos muito constrangidos a este nível, a criança não poderá estar. E neste registo a dimensão do brincar, na minha opinião, é determinante. Daí, como dizes, o rápido acelerar para um produto... vivemos numa era do fast-food a todos os níveis, ou seja, onde queremos tudo pronto-a-vestir. E nós próprios vivemos disto, queremos informação, informação, informação e que no final poderá não se traduzir em conhecimento. Queremos, também, projetar na criança tudo aquilo que achamos

que vai ser determinante para ela atingir um determinado rendimento ou a excelência numa determinada área, esquecendo que não é pelo entupir com mais mas que é pelo permitir que a criança desfrute em cada momento daquilo que efetivamente está a fazer. O prazer é determinante. Daí eu achar que, e muitos autores o dizem, a criatividade nasce do tédio. Não tenho dúvidas nenhuma que o não ter nada para fazer acaba por despoletar comportamentos criativos. Nesse sentido eu concordo com a ideia do professor Manuel Sérgio quando ele fala disso porque, de facto, esta sociedade competitiva induz a que nós queiramos determinar, a todos os níveis, todo o processo de formação numa fase muito precoce, o que acaba por ser condicionador e castrador de uma série de questões.

FA: Que implicações poderá ter isso na formação de jogadores criativos?

Entrevistado B: Toda, porque quanto mais, em idades precoces quanto mais nós deixamos... Ou seja, a criança deve agir de acordo com o maior número de possibilidades. E se nós estamos desde logo a condicionar, desde o tempo até às atividades, mas também na própria intervenção do treinador que acaba por ser ela também dirigida... Temos de ter isto muito presente: hoje o tempo de prática que uma criança tem é muito, mas muito, inferior aquele que uma criança teve quando se fala do “futebol de rua”. Isto é, as crianças no “futebol de rua” estavam 8, 7, 6, 10 horas por dia a jogar. E estavam a jogar de forma livre, de uma forma espontânea. Numa prática dirigida, auto-gerida, auto-construída, auto-organizada por eles. E onde, de facto, o dominante era a dimensão emocional. Ou seja, o “estado de alma”, que o professor Vítor Frade falava muitas vezes, que é o prazer no seu mais alto nível, digamos assim. Então, nós temos de perceber relativamente a este constrangimento do tempo, que ao nível da aprendizagem, o treinador tem de ser um catalisador do aproveitamento do tempo, do potencial para a aprendizagem. Ou seja, efetivar o tempo é muito importante. E isto passa por nós termos a capacidade de, muita das vezes, determinar os momentos de intervenção no treino com informação relevante que, de alguma forma, ajude, oriente ou guie a criança. Quando digo guiar não digo no sentido de conduzir mas sim um guiar que permita que a criança, em determinados contextos, ela própria vá conseguindo descobrir e vá conseguindo, ela também, atalhar, se calhar em alguns momentos, alguns caminhos ao nível do entendimento do jogo. Eu falo disto porque quando nós olhamos, por exemplo, para as redes neuronais de uma criança, em idades muito precoces, elas têm uma série de vias. Um mapa complexo com muitas vias, uma espécie de mapa com ruas muito estreitas, onde existe ali uma imensidão de ruas. À medida que vamos crescendo, à medida que vamos deixando de utilizar umas vias, vão sendo fortalecidas umas e vamos tornando então... numa ideia figurativa, vias de maior dimensão mas muito menos vias. O que eu acho importante é que nós, não queiramos criar desde muito cedo este mapeamento de desenvolvimento de apenas algumas vias. Ou seja, ele vai acontecendo naturalmente. Mas é importante que em idades mais baixas nós consigamos garantir que este mapeamento das redes neuronais, que acaba por existir, permita a exploração de uma série de caminhos, sabendo

depois que com o tempo, e é aqui que depois a intervenção do treinador tem de ser obviamente importante, acabe por, em função daquilo que são a utilização mais frequente de umas, estas vão acabar por se fortalecer e as outras acabam por ir desaparecendo.

FA: Quais são as principais preocupações que deveríamos ter, ao nível da formação, para promover a criatividade nos jogadores?

Entrevistado B: Pergunta pertinente mas cujo a resposta se faz, fundamentalmente, na operacionalização. E quando eu digo que se faz fundamentalmente na operacionalização passa desde logo por entender, por exemplo, o que é que nós temos como ideia de talento. Ou seja, nós perdemos muito tempo à procura, a tentar identificar e a seleccionar talento. Quando, ao invés, aquilo que nós sabemos é que a excelência é um caminho longo e um caminho que se faz ao longo de muitos anos. E por isso, muitas vezes, perdemos muito tempo à procura de talento, mas o que é isto de talento? O que é que tu procuras quando procuras talento? Ou seja, o que é que nós queremos procurar? E se calhar mais interessante do que procurar talento é procurar contextos que promovam o desenvolvimento do potencial talento. Porque de facto não existe registo de jogadores de excelência que não tenham tido um processo de aprendizagem e um processo de desenvolvimento de longos anos, cujos trajetos normalmente têm uma série de particularidades, têm uma série de dominantes que muita das vezes não são visíveis: como oportunidades extraordinárias, como vantagens; como questões de local de nascimento, questões familiares, episódios que acontecem num determinado momento, o clique que é dado por um treinador que muita das vezes acaba por ser o despoletar de uma paixão que leva a que haja um vínculo emocional muito grande com a modalidade. E por isso, o que é que nós temos de fazer para promover? Desde a intervenção do treinador... Este entendimento daquilo que eu quero, este entendimento que de facto o processo de desenvolvimento do jogador se faz de forma contínua. Obviamente que nós podemos aqui dizer que existe um potencial para, mas esse potencial só se vai traduzir depois do treino, nunca antes. A história, e o que nós sabemos é que... Eu tenho aqui um dado, que ainda recentemente retirei e que acho que é interessante. Nós, em 1996 tínhamos, essencialmente, cerca de 95700 jogadores federados e em 2015 existe um registo de 162000. E se formos ver, no prazo destes 20 anos, se calhar a qualidade por jogador, do ponto de vista daquilo que é ao acrescento individual do detalhe ao jogo, se calhar diminuiu. Quer na quantidade quer na qualidade. Obviamente depois tem de haver uma visão que guie todo um processo por forma a gerar uma cultura. Uma cultura de operacionalização, uma cultura de intervenção. Ou seja, a forma como o treinador intervém, a forma como o treinador cria os contextos de aprendizagem. Contextos, muito mais que situações, muito mais do que pensarem em exercícios. Mas fundamentalmente viver o jogo, que a criança vá, de alguma forma, crescendo no jogo jogando. Evoluir fundamentalmente no domínio da habilidade, da agilidade, da proprioceptividade. São tudo preocupações que nós devemos ter presentes ao nível do jogo. Aumentar graus de liberdade naquilo que são também as ações de habilidade,

perspetivando a habilidade técnica, ou tática-técnica como quiseres entender, mas de uma forma fundamentalmente funcional, isto é, quando ela está inerente a uma ideia de jogo. Se formos pensar, o que é que trazia o jogo do “futebol de rua” para além deste estado emocional brutal que o era? A criança jogava, fundamentalmente, o jogo. Mas nunca jogava o mesmo jogo, eram diferentes futebolis jogados pela criança. Ou seja, a criança crescia no jogo através do jogo. Temos de perceber a variabilidade que existia, e que eu penso que deve ser rica também ao nível do contexto, onde a instabilidade, o lado mais aleatório do contexto esteja presente, onde o sujeito seja o agente indutor da sua aprendizagem. Perceber que o futebol muito mais do que ensinado, ele é aprendido pela criança. E por isso, o processo terá de estar sempre focado e centrado no processo de aprendizagem da criança. É a criança que aprende. Temos de ter presente que a dimensão do lado competitivo deverá ser toda ela a orientadora de todo o processo de desenvolvimento da criança. Ou seja, em cada momento, nós tendo essa responsabilidade, devemos criar sempre contextos competitivos. Não deixar que esta dimensão competitiva, que também é inerente à dimensão humana, se vá descurando e se vá perdendo. Esta vontade de ganhar tem de vir de dentro. Deve vir de dentro, no sentido de ser uma vontade intrínseca de querer ganhar. A frustração... Ainda recentemente houve um vídeo que circulou também do Ronaldo a chorar depois do jogo do Real Madrid contra o Barcelona, em que o Real Madrid acaba por perder o jogo com um golo nos últimos segundos do Barcelona. Estamos a falar de um jogador que já ganhou tudo mas que, na minha opinião, é aquele comportamento que marca muito bem aquilo que é uma das razões pelas quais atingiu a excelência. Depois de ganhar tudo o que ganhou no ano passado, perde um jogo e chora. E isto, efetivamente, faz falta, faz falta esta dimensão competitiva. A paixão pelo ganhar mas também a frustração da derrota. A dimensão da resiliência, o ser capaz de crescer na dificuldade, o ser capaz de superar. O autor Nicholas Taleb, no seu livro Anti-Frágil, diz-nos que mais do que a resiliência, o ser capaz de não só superar mas crescer para além do estado anterior. E é interessante verificares isso, recentemente, numa entrevista rápida do Zlatan Ibrahimovic, onde ele diz que vai regressar ainda mais forte do que antes. Ou seja, esta capacidade de perante a dificuldade, se superar. Estou aqui a divagar um pouco, mas são de facto uma série de particularidades que devem estar sempre presentes nesta ideia de desenvolvimento de jogadores, e não de desenvolvimento de equipas. Nós temos de perspetivar, e por isso recentemente surgiu uma notícia de que o Ajax, literalmente, leva os miúdos para a rua. Onde faz alusão ao facto dos miúdos de diferentes idades vão jogando de forma partilhada, que era o que acontecia no futebol de rua também. O eu ter uma referência, o eu querer chegar onde o meu colega já está, esta referência vai-nos induzir uma vontade muito grande de aperfeiçoamento, de crescimento que parece que toda ela é importante. Obviamente que depois, na minha opinião, todo o tipo de situações e contextos devem ter os ingredientes do jogo como a diversidade das bolas, dos contactos com a mesma, dos pisos, tudo isso me parece importante, mas não é por aí que residia a essência do futebol de rua. A essência do futebol de rua era, muitas vezes, nós olharmos e percebermos a dimensão emocional que estava marcadamente naquelas situações e daí muitas vezes o professor ou

treinador acaba por ser um estorvo na forma como intervém, na forma como gere, na forma como regula este processo de aprendizagem. Simplesmente porque o entende que muito mais do que aprendizagem é de ensino. Repara que frequentemente falo de um processo de aprendizagem muito mais do que ensino, porque acho que muita das vezes esse é esse o equívoco, onde nós, efetivamente, estamos muito mais preocupados apenas em ensinar do que perceber aquilo que efetivamente é uma criança em cada momento e de que forma é que ela aprende em cada momento. E aquilo que a criança tem, são necessidades circunstanciais. Mas que não são de todo limitadoras, antes pelo contrário. Acho que nós muita vezes, descuroamos de facto todo o potencial da criança no processo de aprendizagem em idades precoces porque estamos muito preocupados, se calhar, que ela manifeste algum tipo de comportamentos que são mais resultado do ensino do que da aprendizagem.

FA: No seu entendimento, a forma como muitos treinadores concebem atualmente o jogo, potencia ou “castra” o potencial criativo do jogador?

Entrevistado B: Sim porque eu acho que, essencialmente, aquilo que faz falta é que as pessoas conheçam primeiramente o jogo e que conheçam aquilo que é o desenvolvimento de uma criança. Acho que aquilo que também faz falta é treinadores que pensem realmente o processo de aprendizagem da criança, muito mais do que o crescimento da equipa. Quero dizer com isto que nós, muitas vezes, estamos demasiado preocupados com aquilo que é o feedback sobre a minha equipa a jogar. Ou seja, como estamos filtrados por referenciais do futebol de excelência queremos vê-los traduzidos rapidamente nas nossas equipas, em idades muito precoces. Se calhar, porque muitos treinadores estão mais preocupados naquilo que... E eu acho, e não quero nunca descurar, que de facto, com uma determinada ideia, com um determinado nível de organização, estamos mais perto de, obviamente, ganhar. Mas sem nunca descurar, na minha opinião, aquilo que é o individual. Quando eu digo individual é na perspetiva de trazer sempre o detalhe, um crescente qualitativo, a uma determinada ordem, uma determinada organização que por si só é potenciadora deste detalhe. E muitas vezes os treinadores acabam por castrar, acabam por inibir o erro sobre o seu processo de aprendizagem. Acabam por não permitir que a criança explore uma panóplia de situações que à partida podiam ser indutoras de aprendizagem; aquilo que o treinador refere como sendo um erro, muita das vezes não é um erro, é uma tentativa de aperfeiçoamento. Algumas das vezes estão a afastar-se daquilo que seria o padrão de referência mas que é uma interpretação, também ela, individual de um determinado contexto, habilidade, etc. Acho que é importante que se perceba também, o que pretendemos dos 4-8 anos, o que queremos dos 8-10, dos 10-12, dos 12-14, do que queremos depois dos 14... e efetivamente perceber aquilo que a criança nos pede em cada um destes momentos é diferente. Por isso, a intervenção do treinador deverá ser, também ela, diferente. A hierarquização dos conteúdos deverá ser e ter também preocupações diferenciadas. Uma outra coisa que eu também acho muito importante é a sensibilidade que os treinadores devem ter para gerir em

cada momento. Temos de perceber que a própria comunicação dirigida a cada criança, ou a cada momento, deverá ser manifestamente diferente. Não somos todos iguais. Por isso, esta capacidade também é ela importante. Se nós pedimos uma enorme adaptabilidade da criança ao contexto de jogo, nós devemos também ser capazes de tentar fazer uma comunicação dirigida e ajustada para cada indivíduo. Depois há uma outra capacidade que eu acho que, mais do que tudo deve estar presente, é a capacidade de observação. Não raras vezes, e já me aconteceu, nós tendencialmente queremos e estamos a gerir e a tentar orientar no jogo e somos tentados a dar uma informação... e num determinado instante a criança toma a decisão contrária. E nós pensamos/dizemos “também serve”, porque até deu golo. Mas à partida não era essa a resposta que estava pré-concebida no nosso mapeamento de decisão. Por isso, esta capacidade para parar e observar é determinante. Porque muitas vezes a criança vai nos surpreender, vai fazer coisas que de facto nós não fomos capazes de identificar. E isto é o que caracteriza os melhores jogadores do mundo. É nós vermos o Iniesta ou o Messi a fazerem coisas que nós próprios na televisão estamos com dificuldades em as encontrar e eles no próprio jogo encontram esses caminhos... mas só os encontram porque alguém lhes permitiu que, em idades muito precoces, eles pudessem explorar. Porque se, nessas idades, as pessoas comessem a dar caminhos, comessem a dar auto-estradas de decisão, inibindo muitas vezes aquilo que era a sua capacidade para ler, e assim ajustar, ao contexto, condicionaria aquilo que... Repara no primeiro golo do Messi no último jogo contra o Real Madrid, é uma coisa fabulosa. A capacidade que ele tem de ajustar a sua tomada de decisão e a sua execução naquele instante... E estou a dizer isto porque aquilo parece fácil. Mas ele está a pensar, ou melhor, não pensa, ele está a agir em milésimos de segundo por isso aquilo já é uma ação inconsciente mas que resulta de um hábito, mas que resulta de um hábito rico de aprendizagem que lhe permitiu uma exploração de uma certa informação que o tornou cada vez mais perito na identificação dessa informação contextual. Por isso, esse tipo de preocupação tem de estar presente porque é aí que vai levar o jogador para a dimensão do transcendental, caso contrário se nós estivermos sistematicamente a limitar o próprio jogador, para além de entrar num ciclo, na minha opinião, de menor prazer, ele próprio vai deixar de explorar o jogo. Vai começar, então, a jogar o jogo que o treinador quer mas não vai jogar o jogo dele. Por isso, há outra preocupação que devemos ter muito presente, mesmo a nível de futebol sénior, o jogo é do jogador não é do treinador. E isto parece ser determinante mesmo ao nível sénior.

FA: Valdano refere que “tudo no Futebol, incluindo a criatividade, necessita apoiar-se numa ordem”. Na sua opinião, que ordem deverá ser esta?

Entrevistado B: O jogo é extremamente complexo e vive de estados de organização. E os estados de organização mais complexos, os de maior qualidade, não são fechados. Permitem que o jogador esteja a agir sempre longe do equilíbrio, digamos assim. Ou seja, estamos a falar de estruturas que sabemos que têm um determinado padrão, mas esse padrão é potenciador

porque suporta toda a decisão dentro de um entendimento coletivo. Por isso, esses estados de organização são determinantes para a decisão criativa. Para que ela, efetivamente, traga acréscimo qualitativo ao jogo, ela não pode ser criativa para o jogador e imprevisível para os colegas de equipa. Ou seja, deverá ser sempre mais imprevisível para o adversário do que propriamente para a equipa. Por isso, os estados de organização do jogo têm de permitir que haja uma intervenção do jogador para que consiga que a dimensão de organização vá evoluindo e vá passando para níveis superiores de organização. Por isso que se fala muito em princípios de jogo que obviamente não são um fim. Deve ser fundamentalmente o princípio de algo. E sendo um princípio, é de facto uma referência que permite a identificação coletiva com algo que, eventualmente, vai acontecer, a tal intenção prévia. Mas depois tem inevitavelmente que deixar em aberto para o instante e o momento seja do acréscimo do individual do jogador. Muitas vezes, falamos do critério... Que aquilo que identifica os melhores jogadores é o critério. Mas é, de facto, o princípio que suporta o critério. Que é o momento em que nós somos capazes de identificar e orientar todas as escolhas dos jogadores em função daquilo que está a acontecer em campo em cada momento. Por isso é que as ações individuais nunca são realmente individuais porque elas têm sempre fruto de interação e de relação entre todos os jogadores e intervenientes em jogo.

FA: Onde estão os jogadores criativos? É defensor que hoje não se “produzem” ou que ficam, como diz Valdano, reféns de tarefas automáticas?

Entrevistado B: Inevitavelmente, mas isso é o caminho escolhido pelo treinador. Porque efetivamente é muito fácil perceber que aquilo que o jogador faz em determinados níveis de organização e numa determinada ideia de jogo... o mesmo jogador, quando muda de clube ou quando vai para um contexto de seleção nacional, em que a ideia e os níveis de organização que estão subjacentes são mais pobres ou mais ricos, ele próprio tem intervenções completamente diferentes e, fundamentalmente, desempenhos completamente distintos. E obviamente isto tem, muitas vezes, a ver com o entendimento que se tem de organização. Talvez de uma forma mais rica e por isso perspetivam-no com um aparente maior risco mas que resulta desta abertura. No entanto, o treinador tem presente esse lado determinístico do jogo, de controlar, mas que ele no fundo sabe que não o vai controlar no seu todo. Mas é notoriamente importante que não seamos sempre tentados a querer condicionar. Portanto como diz Valdano ficam reféns em determinadas ideias de organização de jogo e na minha opinião, não são melhores ou piores, são sim mais pobres.

FA: Como é que, dentro disso, identifica a expressão criativa de um jogador?

Entrevistado B: Pela capacidade de encontrar... Nós temos sempre a ideia de que o jogador criativo é um jogador que vai criar sempre algo com a bola. O Zidane, grande parte das vezes,

com apenas uma simulação de corpo, nem tocava na bola, era extremamente criativo. E conseguia retirar adversários, conseguia criar contextos facilitadores de decisão para o colega. Da mesma maneira que um defensor na forma como coloca os apoios, orienta o portador da bola, na forma como inibe que ocorra uma transição, ele próprio está a ser criativo. Não nos podemos focar a dimensão criativa no jogador que tem bola. Obviamente é tentador fazê-lo porque esses momentos são momentos de expressão de maior visibilidade porque estão centrados na bola e em quem decide. Mas a capacidade do jogador de, em cada instante e momento, ajustar a sua tomada de decisão efetiva, tirando daí o melhor resultado, acaba por ser uma manifestação de criatividade. O Jardel, não sei se te recordas, é um ponta-de-lança que raramente dava mais de três toques para fazer golo, mas fazia-o de todas as formas e feitios. Se calhar, aparentemente, é difícil encontrar ações criativas, segundo uma ideia pré-concebida errada de criatividade, no Jardel ou no atual ponta-de-lança do Sporting, o Bas Dost. Aparentemente eles não fazem coisas que pareçam muito diferentes dos restantes. No entanto, a capacidade que eles têm para fazer golos é por si só diferente dos restantes, porque os outros não o fazem com a mesma facilidade. Por isso, são criativos onde? Na criação dos espaços, na ocupação dos espaços, no fugir... no fazer de conta que não está e de repente aparece e está, nos timings decisivos, nos timings antecipatórios. Por isso, quero desmontar aqui um pouco a ideia de que a ação criativa, muitas das vezes, se esgota no jogador que tem bola. Sim esse também o é: um passe fabuloso do Xavi ou do Iniesta, um passe que ninguém está a ver... Sim isto é obviamente uma interpretação criativa pois ele está a criar qualquer coisa. E esta capacidade de criação é, na minha opinião, muito mais do que aquele jogador com bola.

FA: Já fomos falando um pouco disto mas de que maneira poderá o treino ser um promotor e potenciador, ou um inibidor da criatividade? E o papel do treinador, qual deverá ser?

Entrevistado B: Primeira premissa: o processo é, nomeadamente, de aprendizagem logo devem ser criados contextos ricos de aprendizagem, contextos que sejam vinculares da dimensão emocional. O que nós sabemos é que a criança aprende e que o processo criativo é muito mais eficiente quando está emocionalmente envolvido com a atividade. Isto é, quando estamos envolvidos com prazer, no contexto, fazemos coisas diferentes, exploramos ao máximo esse contexto. E isto vai-me levar para níveis de desempenho necessariamente diferentes. Portanto, a intervenção do treinador, na minha opinião, é determinante, sendo que muitas das vezes ela é uma não-intervenção. Mas uma não-intervenção intencional. Uma intervenção pontual intencional. Uma intervenção mais direcionada em alguns momentos mas também ela intencional. A intervenção sobre aquilo que é a intervenção dos pais é determinante por exemplo. Na forma como nós também temos que ser capazes de fazer passar a mensagem de quanto a sua intervenção poderá ser prejudicial no desenvolvimento e no crescimento do jogador. E a intervenção do treinador, na minha opinião, faz-se muito no criar contextos de aprendizagem ricos. Ou seja, ser capaz de criar contextos onde a criança aprenda pelo jogo. Isto é, ser capaz

de perceber que a criança não precisa de muita informação para poder evoluir e para poder, digamos, vivenciar o conteúdo que o treinador pensou para um determinado momento. E por isso, nós, se formos capazes de perder mais tempo em criar de contextos do que em, propriamente, intervir, na minha opinião, estamos a ganhar muito. E isto, para mim, é um detalhe fundamental, onde devemos pensar nos contextos de aprendizagem como potenciadores e direcionadores de todo o processo de desenvolvimento de uma criança. Sendo que, obviamente, a partir de um determinado momento, em idades mais avançadas, onde a intervenção e o direcionamento, aquilo que é o acrescento e aquilo que é a informação que vai ser dada à criança, necessariamente terá de ser maior, em função da também evolução da própria ideia de jogo. As crianças não jogam sem ideias, agora, aquilo que eu entendo, é que a forma como nós vamos conseguindo construir e criar as situações, constrangimentos, ao nível do jogo, vamos conseguindo criar contextos de desenvolvimento ricos na vivenciação da criança. E por isso, aquele futebol que as escolinhas trazem é a vivenciação hierarquizada de alguns conteúdos. Mas o treinador tem de ser capaz de o trazer e de o conseguir articular com aquilo que é o momento de desenvolvimento de cada criança. E muita das vezes isso nem sempre é contemplado, na minha opinião.

FA: Alguns autores afirmam que o prazer, na atividade desenvolvida, parece também ser um importante catalisador da criatividade. Qual é a sua opinião?

Entrevistado B: Concordo absolutamente e como já fomos falando, aquilo que observamos e vemos no “futebol de rua”, onde vemos a criança a jogar oito horas, sabendo que ao final dessas oito horas ainda ia levar uma “malha” dos pais porque chegava atrasado... Mas aquilo não era inibidor para que depois no dia seguinte voltasse a jogar, porque de facto este estado emocional, de prazer, conseguia se sobrepor a tudo o resto e por isso, aquilo que na minha opinião falta nas escolas de futebol, matamos muita das vezes a paixão que a criança tem pelo jogo, onde não somos respeitadores desta dimensão emocional. Achamos que a criança tem de aprender independentemente da paixão que tem inerente. Aquilo que nós sabemos é que nós aprendemos e vinculamos muito mais... o professor António Damásio fala-nos dos marcadores somáticos, dos registos emocionais. Quando eles são positivos nós tendemos a querer repetir e quando eles são negativos nós evitamos. E daí eu achar que é importante que nos centremos nesta questão. Perceber que, de facto, o contexto de aprendizagem tem de alimentar a paixão da criança pelo jogo, a paixão da criança pela dimensão competitiva, pelo querer ser melhor. A paixão e o prazer inerente à própria atividade jamais poderá deixar de estar presente. Mas isto, na minha opinião, não é só apenas nos contextos de formação porque quando vimos e sentimos que os jogadores estão comprometidos, focados... Este foco emocional existe também a top e os treinadores que o conseguem... O exemplo do Chelsea. Na forma de jogar, o envolvimento emocional, que a equipa manifesta em jogo, não tenho dúvidas que é um prolongamento do estado emocional do próprio treinador. Será e é resultado daquilo que é o processo de treino. Quando pensamos em

alimentar a paixão e o criar prazer em idades mais precoces... Não tenho dúvidas que nós a top, libertando e apaixonando o jogador, vamos também criar um vínculo e o tal foco que resulta do prazer que os jogadores muitas vezes manifestam a top. O Messi, na minha opinião, joga o que joga e continua a jogar, e o Xavi e o Iniesta e o Ronaldo, porque continuam apaixonados pelo jogo, porque continuam a desfrutar e a ter prazer em jogar. Ainda recentemente, e porque é importante que reflitamos sobre outros exemplos, o Rúben Amorim, que abandonou recentemente a carreira, e outro jogador, que não me recordo agora do nome, que dizia que nunca mais se divertiu ou jogou com a paixão que jogou na rua... O próprio Rúben Amorim, à medida que foi crescendo, diz que lhe foi sendo retirado a alegria que tinha de jogar. E por isso, até se vê obrigado a ter de acabar a carreira de uma forma precoce, uma carreira que se podia prolongar um pouco mais. Mas perdeu a paixão pelo jogo, por causa de tudo, desde a intervenção que se fazia extra futebol até ao nível da sua intervenção no próprio jogo. Um dos critérios que, para mim, deve ser de "avaliação" do desempenho do treinador, se realmente existe algum, é perceber quantos jogadores, quando ainda são novos, iniciam a época com esse mesmo treinador e quantos terminam. Se nós formos ver, há um frequente abandono, em benjamins por exemplo, da prática. Porquê que isto acontece? Em que contextos isto acontece mais? Não é coincidência quando nas equipas de determinados treinadores, as crianças abandonam mais frequentemente que noutros. Por isso, não tenho muitas dúvidas que este é um dos critérios basilares de identificação da intervenção da qualidade do próprio treinador.

FA: Parece-lhe que o jogo de Futebol caminha para uma redução da imprevisibilidade dos comportamentos dos jogadores?

Entrevistado B: O jogo está muito diferente. Não podemos negar esta evolução do jogo. Eu creio que ainda existem manifestações de elevada qualidade a esse nível. Se começam a rarear mais, eventualmente. Mas por outro tipo de constrangimentos. Como fomos falando, pelos processos de formação, etc. Mas por exemplo, um lado que nós não podemos descurar é o facto de um jogador hoje, a top, faz o dobro dos jogos que se fazia há uns anos. Isto é indutor de fadiga, de uma fadiga mental, de saturação, que obviamente, na minha opinião, em alguns momentos, pode tirar a capacidade, mesmo em determinadas ideias ricas de organização, já não estou a falar das outras, mesmo nessas ideias qualitativas, essa densidade e a incapacidade do jogador recuperar de jogo para jogo, acaba por... pois sabemos que a fadiga mental é também ela inibidora da boa e ajustada tomada de decisão mas também da capacidade do jogador estar envolvido para criar algo de diferente. São múltiplos os fatores, as variáveis, que estão aqui a comprometer e a condicionar essa redução da imprevisibilidade nos comportamentos. Um dado, o número de treinadores que foram despedidos. Repara, não podemos ser alheios a tudo isto. Um treinador, na procura incessante de resultados imediatos, porque corre o risco de ser despedido, acaba por, ele próprio, muitas vezes, ser condicionado a pensar o jogo de outra

forma, a querer reduzir alguma imprevisibilidade... o medo está a atulhar não só o jogador mas também o próprio treinador quer na formação, quer a nível top.

FA: Tendo em conta a sua experiência, como classificaria o estado atual da formação de jovens futebolistas?

Entrevistado B: Globalmente a faltar uma série de preocupações importantes que não estão presentes. Acho que houve uma evolução muito grande nalguns registos mas depois perdeu-se muitas outras. Existem naturalmente exceções, de grande qualidade, e por isso elas próprias são fábricas de talentos, que são os ambientes qualificadores do talento como o Daniel Coyle falava no seu livro Código de Talento. E esses são objetivamente contextos em que quem lá entra está mais próximo de atingir a excelência. E não é por acaso. Porque quando nós olhamos para determinados casos, determinados clubes, parece que quando lá entras já estás mais perto de tornares excelente.

FA: O que alteraria, de forma a promover um melhor desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado B: Muito daquilo que já fomos falando. Em idades precoces trazer a rua... mas não é a rua de os colocar a jogar com bolas diferentes e lhes tirar os coletes, porque isto não era a essência do "futebol de rua". Um treinador apaixonado pois só apaixona quem está apaixonado, só envolve quem está envolvido, só consegue focar-se na aprendizagem da criança quem conhece e como se dá o desenvolvimento da criança, quem conhece o jogo para saber o que é essencial despertar através da criação de contextos para que a criança aprenda. Mudava muitas coisas. Mudava os contextos competitivos, e quando falo em contextos competitivos são o jogo que é muitas vezes jogado em idades mais baixas, nomeadamente no futebol de 7 e na transição que é feita para o futebol de 11. Mudava, efetivamente, a intervenção que é feita pelos diretores e dirigente, mudava muita coisa... Mas nós temos essencialmente de pensar naquilo que controlamos e somos capazes de modificar. E o que nós podemos, efetivamente, mudar é a nossa intervenção ao nível do processo de aprendizagem na criança. Porque nós, os responsáveis por esse processo, acabamos por ser um estorvo nesse desenvolvimento. E nós não podemos pensar naquilo que não controlamos quando não mudamos aquilo que está ao nosso alcance. Se calhar perder muito menos tempo em desenvolver sistemas para selecionar talento e perceber efetivamente que o talento, por vezes, está lá, existe, e nós temos é de ser capazes de criar contextos para promover o seu desenvolvimento. Refletir porquê que muitos dos jogadores, e aqui entram outras questões obviamente, são internacionais durante a sua formação, deixam depois de estar a top ao nível do futebol sénior. Porquê que muitos que nunca fizeram um registo de seleção nacional depois atingem a excelência? Perceber porquê que nós, nas seleções nacionais, e há aí estudos que comprovam isso, temos 80% dos jogadores selecionados no primeiro semestre com uma grande ênfase no primeiro trimestre. Ou seja,

resultado do efeito da idade relativa, onde tendencialmente os modelos de seleção acabam por escolher, num determinado momento, aqueles que são maiores e mais fortes e não necessariamente por valorizar aquilo que é a intenção, execução e tomada de decisão, isto é, outros critérios. Mudaria obviamente aquilo que nós próprios como entendimento daquilo que é a dimensão competitiva, ou seja, no sentido em que, nós achamos, que o formar é quase contraditório ao ganhar. Ou seja, não é preciso ganhar para formar. Isto também, para mim, entupiu e acabou por também desvirtuar as coisas. Obviamente não vamos ganhar a qualquer custo mas ganhar uma cultura de vitória, ganhar uma cultura de derrota mas de frustração também pois isto é catalisador e potenciador de aprendizagem. Procurar, muita das vezes, no desenvolvimento das habilidades contextualizar. Mas, fundamentalmente, que consigamos respeitar cada criança, a sua singularidade, no desempenho dessas habilidades. Pensar uma aprendizagem mais diferencial no desenvolvimento dessas habilidades, do que numa aprendizagem mais padronizada, mais mecanizada...

Muitas vezes o que eu sinto, da mesma forma que o “futebol de rua” é como um “estado de alma” para o jogador, também esta capacidade que nós queremos, deve ser um “estado de alma” do treinador, ou seja, em cada momento o treinador deve estar a sentir o desenvolvimento das crianças. Muitas das vezes, os treinadores estão na formação com perspectiva de vir a atingir o futebol sénior. Não existem treinadores apaixonados exclusivamente por aquele instante, por aquilo que estão efetivamente a fazer, que é tornar o jogador melhor jogador. Muita das vezes querem é tornar melhor apenas e só o seu jogo. E quando eu digo tornar melhor os jogadores, é crescer individualmente numa ideia que eu tenho de jogo. Obviamente o jogador vai melhorando, dando mais qualidade a essa ideia porque ela própria vai ter uma base onde este detalhe vai aparecer e vai-me trazer riqueza.

Anexo 4: Entrevistado C

Francisco Andrade (FA): A sabedoria convencional afirma que o Ser Humano nasce com potencial criativo e ele desenvolver-se-á se as condições assim o permitirem. Qual a sua opinião sobre a origem da capacidade criativa?

Entrevistado C: Eu acho que a criatividade, ou a capacidade criativa, é uma coisa que se desenvolve naturalmente. Tu não tens que fazer nenhum esforço extraordinário para que uma criança desenvolva naturalmente essa capacidade. Porque é uma coisa natural. As crianças, desde que nascem, têm tendência inata, se assim quisermos dizer, para a transcendência, para a superação, para a invenção de múltiplas formas de ultrapassar os obstáculos e de lidar com todas as situações da vida. Eu tenho duas filhas e consigo constatar isso numa base diária, a tendência natural para desenvolver soluções e lidar com as situações do dia-a-dia. Portanto, a criatividade desenvolve-se numa base de espontaneidade, da engendração natural. Mas, ela desenvolve-se desde que tu não faças um esforço num sentido de impedir que ela se desenvolva. Agora, da mesma forma que o ambiente pode ser castrador do desenvolvimento da criatividade, ele também pode potenciador. Isto é, se tu criar contextos com estímulos para que isso aconteça.

FA: Segundo o professor Júlio Garganta, o Futebol é uma atividade complexa que se joga num ambiente de diversos constrangimentos e inúmeras possibilidades, onde o limite da ação ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade. O que é a criatividade num desporto coletivo como o futebol?

Entrevistado C: A criatividade é a capacidade de tu, face aos problemas que vão sendo colocados no jogo, conseguires engendrar no ato, ou seja, no imediato, soluções para atingir o objetivo natural do jogo que é progredir, chegar à baliza, que é marcar golo, ou de recuperar a bola quando tu não a tens. Portanto, se tu permitires que o contexto em que a criança, desde pequenina, seja levada a experimentar, a explorar nas mais diversas condições o jogo, a criatividade vai-se desenvolver de uma forma espontânea, de uma forma natural como dizia há pouco. Agora, o contexto pode ser mais estimulante ou pode ser mais castrador, mas ela vai sempre acontecer de uma forma natural desde que tu não a impeças.

FA: E qual a sua importância?

Entrevistado C: É determinante. Porque não há futebol de qualidade, não há jogo de qualidade, num contexto que não seja amplamente criativo. Ainda recentemente, quando vês o jogo do Real Madrid contra o Barcelona da semana passada, é que tu percebes que existem jogadores de grande nível mas... depois existe este nível extra que é o da criatividade expressa com aquele grau de perfeição extraordinário. Claro que, mesmo dentro deste nível de top, face à lógica ou padrão de jogo que está implementado de um lado ou do outro, esta permite ainda mais que a criatividade, neste caso os jogadores, se expresse mais, ou menos. Mas claro, a este nível, todos eles, ao longo do seu crescimento, desenvolveram uma capacidade criativa que é dos foras-de-série.

FA: O professor Manuel Sérgio refere que “o desporto atual reproduz e multiplica as taras da nossa sociedade, centrada na medida, no rendimento, na eficácia”. Se o futebol é negócio, como vários autores o expõem, este só recompensa os “vencedores”. A rápida necessidade de “produção” para o rendimento competitivo e/ou económico influencia o desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado C: Claro que sim. Repara, a criança desde que nasce e, fundamentalmente, nos primeiros anos de vida, aquilo que é concreto para ela em termos de substância de aprendizagem são os exemplos. Isto é, são os contextos onde ela vive e está inserida, muito mais do que a consciência, que é uma coisa que só vem a desenvolver-se mais tarde. Mas, essencialmente, dos contextos e dos exemplos que ela vivencia. Exemplos em termos dos pais, em termos das pessoas que vivem no seu envolvimento, dos seus amigos. E portanto, tudo isso vai moldando um bocadinho aquilo que é o modo de ser de uma criança. A forma de pensar, a mentalidade que ela depois vem a desenvolver. No caso concreto do jogo, a forma de ela jogar; se é mais propenso ao diverso... E agora vivemos num tempo que temos uma série de taras que têm a ver com a vertigem da pressa, do estandardizado. Portanto isso, está a afetar de uma forma terrível aquilo que é o desenvolvimento dos miúdos no futebol.

FA: Que implicações isso tem na formação de jogadores criativos?

Entrevistado C: É fácil constatar quando vais ver treinos ou jogos de miúdos e percebes claramente o empobrecimento que estão a gerar no jogo e nos jogadores. É tu veres um jogo em que não há simulação, em que tudo é previsível, logo não há criatividade, não há engano. Portanto um jogo sem imprevisibilidade, sem engano, sem criatividade é um jogo naturalmente estéril. Ainda há pouco tempo, no clube onde estava a trabalhar, a dada altura estávamos a ver um jogo, salvo erro, de sub-10 com o Bruno Amaro, que foi jogador da primeira divisão muitos anos, e a dada altura, já iam para aí 20 minutos de jogo, e digo assim, oh Bruno já viste alguma

simulação ou algum miúdo a enganar outro ou a fazer alguma coisa de diferente, onde ele me diz que não, que realmente não vi nada de diferente. E este contexto, que tem a ver com o processo, com a forma como se treina, com a estigmatização do erro por causa da tal tara da pressa e do querer tudo já feito... Do achar que o futebol do miúdo tem que ser o futebol do adulto mas em miniatura, quando é absolutamente ridículo esse tipo de pensamento porque o desenvolvimento do jogador faz-se jogando, faz-se experimentando, vivenciando as coisas. Mas a partir do momento em que tu punes muito o erro... o Ken Robinson diz uma coisa muito interessante acerca disso quando ele fala da questão do pensamento divergente e do vislumbrar múltiplas possibilidades; com isto ele não quer dizer que errar seja a mesma coisa que ser criativo mas, se não estás livre para poder errar nunca vais conseguir produzir nada original. E é exatamente isso. Tem de existir um contexto onde se contemple a possibilidade de errar para que eles consigam ir engendrando as melhores soluções do jogo em cada momento. Esse é um requisito fundamental e que existe cada vez menos quando vais ver um treino. Outro requisito é a paixão.

FA: Quais são as principais preocupações que deveríamos ter, ao nível da formação, para promover a criatividade nos jogadores?

Entrevistado C: A paixão, a liberdade para errar, são requisitos incontornáveis e fundamentais. Basta que tu, e já houveram estudos que fizeram isso, entrevistar os melhores jogadores... o que eles encontram é um padrão em termos da história que eles contam. Que foi o quê? Começaram a praticar desde muito cedo; na paixão com que vivenciavam cada momento e que os levava a praticar muitas horas, porque ninguém consegue fazer nada durante muitas horas a fim e a dias consecutivos se não uma elevada paixão; o viverem com a adversidade; quase todos eles mencionam o facto de que eram novos mas que normalmente já jogavam com os mais velhos. Todos esses requisitos são decisivos e sem os quais não se pode atingir o nível que te falava há pouco quando falávamos no Real Madrid-Barcelona. Esses requisitos são essenciais, não são sequer acessórios, portanto sem isso os miúdos não conseguem desenvolver a qualidade do seu jogo e por isso a criatividade é fundamental.

FA: No seu entendimento, a forma como muitos treinadores concebem atualmente o jogo, potencia ou “castra” o potencial criativo do jogador?

Entrevistado C: O cenário generalizado, aquilo que é a norma, do meu ponto de vista, tem castrado. Portanto o cenário está longe de ser ótimo. Durante os últimos anos tem-se debatido e falado muito a importância do “futebol de rua”, pois sabe-se que uma das suas características era o não existir treinador. Porquê que isso comporta uma vantagem neste caso? Parece até um

paradoxo... onde me podes questionar se estou a fazer a apologia para não existirem treinadores. Não, apenas acho que entre ter um mau treinador ou de ter treinador é preferível não ter treinador. E o “futebol de rua” compreendia essa liberdade de agir, essa liberdade de explorar e essa paixão. E um dos grandes problemas do treino é que tu agora vais ver que 90% dos treinos dos miúdos, sub-8, sub-10, sub-12, sub-14, e a atmosfera do treino não contem paixão, não encontras prazer. E isso é a coisa mais nefasta que pode existir para o desenvolvimento dos miúdos se tornarem melhores jogadores. E porquê que os miúdos estão no treino e não sentem paixão, gosto e prazer? É essa a questão que as pessoas devem colocar porque, a partir do momento em que tu os destituis de liberdade para agir, em que tu estás constantemente a parar o treino, estás sistematicamente a penalizar o erro e a impor o tal jogo de adulto em miniatura, que é uma coisa que não faz sentido nenhum, o produto que daí pode sair só pode ser prejudicial, só pode ser castrador.

FA: De que maneira poderá o treino ser um promotor e potenciador, ou um inibidor da criatividade?

Entrevistado C: Eu há um ano atrás tive a oportunidade de estar num clube onde o coordenador era o Tiago Moreira, onde fez uma proposta de gerar desenvolvimento que eu acho que é um modelo que nós temos que seguir se queremos gerar verdadeiramente desenvolvimento no futebol de formação. Estrategicamente definiu que a primeira coisa fundamental é tentar resgatar, ir lá dentro deles e voltar a trazer o entusiasmo, a alegria, a paixão e o prazer de jogar. Para isso, era determinante construir uma determinada atmosfera, ou seja, no fundo gerar uma forma de estar no treino que era 100% implicado emocionalmente naquilo que eles faziam. Como é que se fez isso na altura? Durante as primeiras três semanas da época, os jogadores juntavam-se numa determinada hora, eram desafiados a construir as equipas. A partir dali existia um torneio, com fase de grupos, com uma fase a eliminar, onde o objetivo era chegar à final e ganhá-la porque quem chegasse a esse momento fazia mais jogos do que aqueles que ficavam pelo caminho. Não havia qualquer intervenção da parte dos treinadores. Aquilo que nós fizemos foi, minimamente, moldar o contexto para, desde logo, direcionar para a proposta de jogo que iria ser adotada, neste caso no clube. Tinha apenas a ver com a bola ter de ser repostada, por parte do guarda-redes, no meio campo defensivo, esta não podia ser colocada diretamente no meio campo ofensivo e para poder ser golo, todos os jogadores, à exceção do guarda-redes, tinham de estar no meio campo ofensivo para ir moldando a ideia de a equipa viajar junta quando estava no ataque. Mas, fora essas duas regras que estavam assumidas desde o início, não havia qualquer intervenção dos treinadores e mesmo na própria “arbitragem” do jogo, a nossa intervenção era só mesmo em casos em que eles não estivessem a gerir o conflito. Era, portanto, quase liberdade máxima. Bem, a forma como eles ao longo dessas três semanas, diariamente, abraçaram e se entusiasmaram com aquilo, foi uma coisa deliciosa porque a forma como eles

se vão ajustando, reajustando, na feitura das equipas, na forma de jogar, na forma como eles vão para o ataque sem se deixarem atrás desguarnecidos porque se uma vez foram todos para o ataque mas sofrerem um contra-ataque... e a forma como eles falam uns com os outros, se reajustam em função disso, como geram e engendram aprendizagem entre eles próprios, sem que tu tenhas de estar a intervir, foi absolutamente fantástica (autonomia). E repara, inicialmente, desafiarmo-los a irem duas ou três vezes, mas nós estávamos lá todos os dias por semana, onde inicialmente eram uns escalões mais num dia e outros mais noutra, e quando demos por ela, todos eles já queriam vir todos os dias... uma coisa impressionante e deliciosa. E tu assistires e perceberes que aquilo é evolução, é auto-organização, é crescimento apenas com coisas, aparentemente e são, simples... o grau de desenvolvimento que tu assistes... é impressionante. Foi excepcional. (O papel do treinador deverá ser então...) O de criar os cenários para que os jogadores se desenvolvam jogando. E enquanto quisermos bater nesta lógica dominante que é a do ensino, a primazia no ensino, e não na aprendizagem, isto é, o treinador querer ensinar o jogo, é a maior falácia que se pode querer vender, de que os treinadores é que vão ensinar o jogo. Não, os jogadores é que vão aprender a jogar e vão fazendo jogando. E depois, em cada clube, tem de ser capaz de produzir o contexto, em termos das situações que vivencia, em termos da lógica que está presente, em termos da ideia de jogo que está por detrás, no sentido de o desenvolvimento deles ser máximo face à realidade. Mas fundamentalmente é isto, criar os cenários nos quais eles vão jogar com a máxima implicação, da forma mais afetiva possível com o jogo, numa lógica de superação que é uma coisa natural.

FA: Há pouco falávamos da ideia de jogo. O Valdano refere que “tudo no Futebol, incluindo a criatividade, necessita apoiar-se numa ordem”. Na sua opinião, que ordem deverá ser esta?

Entrevistado C: O jogo é coletivo. Portanto, se é coletivo, naturalmente pressupõe que todo o gesto só é adequado ou desadequado em função da sintonização, que tem a ver com a equipa toda. Portanto, tu só podes perguntar se este passe, que aconteceu, está certo ou errado... porque há esta vertigem da superficialidade, de olhar para o aparente e querer produzir conclusões se aquilo é adequado ou não. Mas o ser adequado no jogo tem a ver com a organização que se estabelece entre os jogadores. E o que é que determinada isso? É a ideia de jogo, o padrão de jogo que caracteriza uma determinada equipa. Logo, se o passe para ali ou para ali faz sentido ou não, tem a ver com o Sentido. E o Sentido é dado, neste caso, pelo padrão, pelos princípios que estão subjacentes. É, então, sempre pendurado numa determinada organização, pendurada numa determinada lógica de jogo, ideia de jogo ou padrão de jogo que os miúdos se desenvolvem no jogo. Portanto concordo a 100% com aquilo que o Valdano e o Cruyff diziam acerca dessa questão e da ligação natural e umbilical que existem entre o gesto e o sentido desse mesmo gesto.

FA: Onde estão os jogadores criativos? É defensor que hoje não se “produzem” ou que ficam, como diz Valdano, reféns de tarefas automáticas?

Entrevistado C: Há pouco tempo li um artigo em que falava da mudança de flanco do jogo onde até, na altura, escrevi um comentário sobre esse mesmo artigo dizendo que percebia a ideia que estava subjacente ali mas que, e falando na realidade concreta que eu conheço que é Portugal e a formação em Portugal, isto porque o artigo era brasileiro, essa ideia nasce da necessidade de ir à procura dos espaços livres para se poder progredir. Mas isso de virar o jogo, de mudar o flanco foi uma ideia que se quis evangelizar de tal forma em Portugal, no treino, que passou a ser um dogma e passou a ser objeto de empobrecimento do jogo porque começou-se a vincular nos miúdos, desde excessivamente cedo, a ideia de que se a bola vem da esquerda ela tem de ir para a direita e se ela vem da direita ela tem de ir para a esquerda. Isso, para além de dar um sentido obrigatório ao jogo, é destitui-los de estar a viver, a vivenciar, estar com os sentidos postos no jogo e não na ideia pré-concebida de que é preciso... Mas como te estou a falar desta questão do virar o jogo, agora o jogo está cheio destas imposturas porque o jogo tem de “ser assim ou assado”. E cada vez mais. Porque as pessoas adotam as coisas por moda ou por celoma. É como a história do guarda-redes ter de sair a jogar curto para os defesas. Pois, mas o adversário do outro lado também está a jogar o jogo e se ele começa a ver que o guarda-redes joga para o defesa uma vez, duas vezes, três vezes, ele também se ajusta. Só que, a dada altura, o que é que acontece? E vejo isso nos jogos dos miúdos. A outra equipa já está acantonada em cima da área, porque já sabe que eles vão passar a bola para os defesas e o guarda-redes continua a meter a bola nos defesas... Mas ele não identifica que o espaço que está disponível agora não é ali e é se calhar 10 metros mais à frente? Pois, mas se nós os habituamos à ideia de que... Eu, mais que ninguém, defendo uma saída a jogar a partir de trás, isto é, uma saída limpa que faça chegar a bola em boas condições mais à frente mas tu não consegues fazer chegar a bola à frente em boas condições se estás a dar a bola sistematicamente ao defesa que tem um atacante em cima dele. Portanto, o problema é exatamente este de destituir os miúdos de raciocínio normal no jogo. Qualquer miúdo instintivamente, não sentindo boas condições num espaço, vai à procura de outro espaço. Quando ele não faz isso, quando ele persiste numa situação que, claramente, não tem sucesso é porque está ali qualquer coisa que tem a ver, normalmente, com imposições do adulto. Porque a criança, naturalmente, espontaneamente, e se sentir livre para agir, quando não sente sucesso, antecipa e começa a engendrar outras soluções. Portanto, esse é um dos grandes problemas. Estou a dar-te dois exemplos, mas é como a ideia do chegar à linha de fundo é obrigatório cruzar... cruzar que na maior parte dos casos não é passar a bola para quem está na área mas despejar a bola para a área, onde normalmente até está mais adversários do que colegas da própria equipa. Mas pronto, o futebol foi-se enchendo deste folclore que no fundo leva a destituir o jogador, que até ainda está em desenvolvimento, de estar a interagir com o jogo. Ele está a agir no jogo mas não está a interagir. Sai tudo de piloto automático, portanto é impossível ter um jogo de qualidade assim.

FA: Como é que, dentro disso tudo, identifica a expressão criativa de um jogador? Sabendo que ela, naturalmente, se expressa de diferentes formas.

Entrevistado C: A criatividade é tu seres capaz de engendrar, para atingir um propósito qualquer no jogo, podendo ser roubar a bola, ganhar um espaço livre para receber, ultrapassar um adversário, para rematar à baliza... ou seja, ela expressa-se de todas as formas possíveis e imaginárias no jogo, em que tudo aquilo que tu fazes no jogo a criatividade está presente. Repara, só para fazer uma analogia, estes programas recentes de televisão que são o “Got Talent”, eu acho piada porque é um programa, efetivamente, sobre o talento. Podemos perguntar se é um programa de música por exemplo, mas não, ele é um programa de tudo. Porque tu ali consegues vislumbrar a forma como as pessoas desenvolveram o talento nas mais diversas áreas possíveis e imaginárias, porque, de facto, a forma como cada pessoa olha para o mundo é diferente. Tirando agora a analogia, a forma como cada jogador vivencia o jogo é diferente e isso faz com que cada miúdo manifeste desde muito cedo uma determinada singularidade e eu, como já tenho há alguns anos, começo a ter a ser capaz de vislumbrar isso porque quando tu vês um miúdo aos 10 anos, a forma de ele jogar já manifesta uma dada singularidade e passado 10 anos quando ele já é profissional e já joga, como é o caso do Rúben Neves, do João Félix, a forma como eles, as singularidades que eles manifestam, são exatamente as mesmas. Porque tem a ver com a forma com e o tipo de caminhos que eles procuram no jogo. E a criatividade manifesta-se, então, de todas as formas. Na forma de tu atacares, na forma de defender... Porque isso tudo surge em adequação, ao longo do teu desenvolvimento, até ao nível das tuas características físicas. Porque se tu és mais pequeno, ou se és mais magro, tens de ir à procura do espaço livre, mesmo livre, para poderes fugir ao raio de ação dos outros jogadores; se és um jogador mais lento tens de usar a velocidade mental, tens de antecipar muito mais rapidamente. Portanto, essa engendração vai-se fazendo, desde muito cedo e em todas as coisas no jogo, na forma como disputar a bola com a cabeça, com o pé, a forma de receber, de dar o primeiro toque, em tudo, em tudo.

FA: Há pouco falava do prazer na atividade desenvolvida. Alguns autores afirmam que ela parece, também, ser um importante catalisador da criatividade. Qual é a sua opinião?

Entrevistado C: Nos momentos em que tu estás a fazer qualquer coisa com prazer, com a máxima implicação emocional, que o teu corpo... Muitos estudos falam do cérebro, mas não é o cérebro, é todo o corpo estar maximamente implicado seja no que for. Portanto, é através do cultivar da paixão pelo futebol que tu consegues, ou seja, os momentos de emergência mais marcantes na criatividade surgem precisamente nessas alturas. E eu há pouco contava a história que aconteceu na Sanjoanense, quando o Tiago Moreira era o coordenador, que nesses torneios que nós fazíamos, em que os jogadores jogavam até chegar às meias-finais e finais, em que não havia intervenção por parte dos treinadores, eles eram livres de agir, nos momentos do aperto,

nos momentos em que, às vezes, estavam empatados, em que nós a única coisa que usávamos, no sentido de “incendiar” pela positiva esse lado da emotividade, era, quando faltava um 1 minuto por exemplo, dizíamos que faltava exatamente 1 minuto, e com o jogo empatado... Às vezes, surgia cada lance, surgia cada golo mais imprevisível, cada momento de transcendência de um jogador, que o ponto de partida até era mais baixo, de sair com uma jogada, com um golo ou desarme incrível, impressionante! Ou seja, eram as condições propícias para aparecer o altamente inesperado, mas o altamente inesperado no sentido produtivo, no sentido do jogo.

FA: Parece-lhe que o jogo de Futebol caminha para uma redução da imprevisibilidade dos comportamentos dos jogadores?

Entrevistado C: Sim, está a caminhar nesse sentido. Mas eu espero que as pessoas, que mais possibilidades têm de alterar este rumo, que o percebam e que comecem a tomar medidas que sentido contrário a esta tendência. Mas sim, infelizmente aquilo que eu tenho visto nos últimos anos é um empobrecimento cada vez maior. Mas isto repara, deveria fazer as pessoas refletir porque, então, nós cada vez temos centros de treino do mais bem apetrechados, temos as melhores condições, supostamente as melhores condições, a melhor tecnologia de ponta para formar os jogadores que temos cá, mas cada vez mais vamos buscar jogadores estrangeiros e a países em que as condições são exatamente contrária às que estamos a colocar aqui. Portanto, as pessoas têm de ver o explícito paradoxo que existe nisto. Repara, eu no FCPorto lembro-me de muitas vezes recebermos jogadores africanos em que, aquilo que tu percebias era que, até aos 14 anos os jogadores tinham-se desenvolvido numa base de futebol de rua, de futebol espontâneo. Portanto, não passaram por nada daquilo ou nada das condições que estávamos aqui a criar para os jogadores que cá tínhamos, mas chegavam aqui, e às vezes, eram muito melhores do que os jogadores que cá tínhamos. Isto tem de nos fazer, no mínimo, questionar o nosso processo.

FA: Que implicações poderá ter essa redução da imprevisibilidade nos comportamentos dos jogadores no treino e na formação de futebolistas?

Entrevistado C: Ter jogadores com cada vez menos qualidade, cada vez mais previsíveis, cada vez mais dóceis no mau sentido do termo. Demasiado dados com pouco espírito crítico. Ainda há pouco tempo o Sampaoli, o treinador do Sevilla, tocava um bocado nesse assunto, e o Lillo também fala disso, em que o jogador muitas vezes é extremamente dócil no mau sentido, não questiona as coisas, não se questiona. A revolução que o futebol precisa nesta altura é uma revolução que pode e deve também partir do jogador. Eu sinto que o jogador de formação e também tive esse sentimento quando trabalhei com o jogador profissional, que mesmo o jogador profissional é um jogador reprimido e deprimido, é um jogador destituído de prazer, um jogador amarrado afetivamente ao jogo em termos de variabilidade e espontaneidade. E onde é que tu

notas isso? No futebol, e no futebol profissional, existe muito esta prática que é, por exemplo, na véspera do jogo, fazer aquela “peladinha” em que os defesas podem jogar a ponta-de-lança se quiserem, o guarda-redes joga a frente. E quando muita gente joga a “peladinha”... Quando estive no Vizela, fizemos até uma experiência porque nós até tínhamos algumas dificuldades em ter relvado com qualidade para treinar e muitas vezes a opção que nos ofereciam era ir para o sintético, mas nós tínhamos um campo pelado e conseguimos convencer os jogadores, jogadores profissionais de futebol, em fazerem uma “peladinha” no campo pelado. E o facto de ter sido no pelado e o facto de os terem transportado até para algumas memórias de infância, trouxe um libertar, um extravasar... bem, pareciam crianças autênticas a jogar. Foi uma coisa deliciosa. A surgirem jogadas de envolvimento e de jogadas de imprevisibilidade, de engano, que nos treinos, e o nosso contexto de treino era um contexto de situações muito abertas mas que nunca aparecia tanto como aparecia nessas situações. Ou seja, em que eles se sentiam profundamente libertos de poder agir. Bem, apareciam jogadas, pontapés-de-bicicleta, coisas incríveis. Mas pontapés-de-bicicleta não destituídos de sentido, ou seja, pontapés-de-bicicleta quando não dava para chutar de outra maneira. E eu acho que se nós não formos capazes de voltar a dar esse sentido de revolução ao treino e ao jogo, ele vai ser cada vez pior.

FA: Considera então que o estado atual da formação de jovens futebolistas está má?

Entrevistado C: O estado não é nada bom e a tendência, neste momento, é no sentido de piorar.

FA: O que alteraria, de forma a promover um melhor desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado C: Eu às vezes costumo brincar com os meus amigos a dizer que isto só funciona se comprar um clube. Porque de facto as forças sociais, quando falávamos há pouco das taras: a vertigem da pressa e do estandardizado acabam por empurrar os pais, os diretores, os médicos, os roupeiros, os treinadores, os psicólogos, todos para esta tendência que empobrece o jogo. Portanto, quando eu digo que tem de ser a comprar um clube e juntar um grupo de pessoas que já se sintam familiarizadas com esta forma de entender o processo de desenvolvimento dos jogadores é que tu consegues. Eu digo isto porque já vivenciei uma série de contextos onde o conseguimos fazer e a evolução que tu encontras nos jogadores, atendendo ao ponto de partida e àquilo que eles são 4 ou 5 anos depois... e nós vivemos isso no Dragon Force, é uma coisa assustadora. Recordo-me perfeitamente nós, no Dragon Force, tínhamos miúdos cujo o ponto de partida, ou seja, aquilo que eles expressavam em termos de qualidade de jogo quando chegaram, era um ponto de partida, de grosso modo, médio ou médio-baixo e alguns desses jogadores ao fim de 4, 5, 6 anos naquele processo são miúdos que agora jogam campeonatos nacionais de iniciados, juvenis e juniores, são miúdos que eram dessas gerações que apanhamos nessas gerações que lá estivemos, geração de 98, 99, 2000, 2001, 2002, e que acabaram por disputar campeonatos nacionais, com pontos de partida até baixos alguns deles mas que o processo lhes foi permitindo o desenvolvimento e acabaram por superar muitos

miúdos que, se calhar, na mesma altura, quando tinham 8/9 anos, mas em processos diferentes, acabaram por ser superados por estes que, se calhar, tiveram um processo que lhes permitiu muito mais.

Anexo 5: Entrevistado D

FA: A sabedoria convencional afirma que o Ser Humano nasce com potencial criativo e ele desenvolver-se-á se as condições assim o permitirem. Qual a sua opinião sobre a origem da capacidade criativa?

Entrevistado D: Eu acredito, e isso está cientificamente comprovado, que a capacidade criativa está nos genes e nas condições que o meio oferece. Tenho algumas dúvidas em acreditar em percentagens e dizer que 10% é genético e 90% é contexto, ou o contrário, porque acho que não deve ser fácil encontrar uma equação que determine isso de uma forma exata. Agora, estará, certamente, nessas duas dimensões: nos genes e no contexto. Com isto quero dizer que acredito perfeitamente que uma criança nascida no Bangladesh, se vier para Espanha, para Portugal ou Itália, e começar a jogar futebol desde cedo na escola, com os amigos, a ver jogos, a ser inundada por futebol, por exemplo na comunicação social, etc., tem as mesmas possibilidades de vir a ser jogador e a vir desenvolver esse talento para jogar futebol que uma criança espanhola que nasça em Espanha ou um português que nasça em Portugal. Isso parece-me mais ou menos claro. Acredito também nos genes porque, efetivamente, há um certo jeito que se tem, ou então não. Claro que quando não se tem jeito podemos claramente melhorar. Porém, dificilmente chegaremos a um patamar alto. Vejo isso, por exemplo, em relação a mim com a dança. Sou péssimo dançarino, isto é, tenho imensa dificuldade em memorizar coreografias, em articular os braços com os pés, não tenho harmonia nenhuma. Neste momento ando, eventualmente, a ter aulas de dança, pelo facto de ir casar. Passo imenso tempo a treinar para poder fazer uma dança no dia do meu casamento e por muitas aulas que tenha, efetivamente, não tenho jeito. Claro que eu já me começo a desenvolver e a memorizar a coreografia, começo a saber onde tenho de ter e colocar os pés e as mãos em cada momento, mas aquilo nunca me sai de uma forma fluida. Realmente estou muito melhor mas sinto, desde pequeno, que não tenho jeito para aquilo porque não nasci orientado para esse tipo de coisa. É evidente que se eu fizesse dança desde os seis anos, poderia, hoje em dia, dançar bem. No entanto, tenho certeza que nunca poderia ser um bailarino profissional. Conheço pessoas que o são e tenho noção que quando eles tinham quatro, cinco e seis anos tinham uma predisposição, um swing natural do corpo que, obviamente, precisa de ser desenvolvido. Porque mesmo esses que nascem com isso têm, depois, de trabalhar para poder atingir um patamar alto. Uma coisa é ser capaz de ir, de vez em quando, à danceteria e fazer uns passos de dança, outra é ser capaz de entrar numa companhia como a Gulbenkian ou ir até para fora. Portanto, parece, mais ou menos, claro que são as duas coisas, sendo que muito tem a ver com a forma como esse contexto promove, ou não, esse desenvolvimento. Claro, que no meio disto tudo, se estamos a falar no desenvolvimento de um talento, com perspectiva de o fazer chegar ao alto nível, isto é, ao alto rendimento, a oportunidade certa na altura certa, quando estamos no nosso melhor, tudo isso conta para podermos afirmar isso.

FA: Segundo o professor Júlio Garganta, o Futebol é uma atividade complexa que se joga num ambiente de diversos constrangimentos e inúmeras possibilidades, onde o limite da ação ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade. O que é a criatividade num desporto coletivo como o futebol?

Entrevistado D: A criatividade, num desporto coletivo como o futebol, passa muito por um necessário desenvolvimento das nossas ferramentas tático-técnicas, que inevitavelmente ocorre de uma forma gradual, com tempo, numa crescente adaptabilidade àquilo que é a realidade do jogo. Ou seja, não perspetivo a criatividade no futebol como um pontapé-de-bicicleta ou um passe-de-letra, ou outra coisa qualquer como nós vemos como sendo algo genial no abstrato, mas vejo-a num desenvolvimento sustentado daquilo que são exigências do jogo, desde que somos pequenos e jogamos três contra três ou quatro contra quatro, ou até quando se joga a Liga dos Campeões em onze contra onze. É, no fundo, a capacidade que se tem para jogar. Isto é, o que é que um jogador extremamente criativo? É um jogador que joga muito bem, porque consegue criar as melhores soluções perante os problemas que lhe estão a ser colocados. É evidente que a criatividade no jogo de futebol é uma coisa difícil de ser definida, porque como diz a pergunta e bem, há uma infinidade de possibilidades em todos os momentos. Ou seja, nós não podemos criar, de uma forma fechada, uma cadeia de estímulo-resposta e preparar os jogadores para isso. Isso é possível com a tabuada, basta eu fixar que 2×7 é 14 e que 8×5 é 40, e quando me for questionado amanhã, eu por ter isso guardado, consigo dar essa resposta nesse momento. Isso no futebol não é, de todo, possível. Portanto, há que fazer com que os jogadores entendam o jogo de uma forma coerente, para que se consigam coordenar durante o mesmo. Ou seja, acaba por ser uma criatividade coletiva pois tem de haver articulação entre os pensamentos. Depois, em termos de execução motora, a criatividade, partindo dessa premissa de um entendimento comum, é sermos capazes de executar e que me permita levar a cabo essa intenção prévia coletiva que temos para o jogo. A criatividade passa, muitas vezes, por não tocar na bola ou por tocar na bola para fazer uma receção, ou então, em vez de a atacar, deixa-la correr um pouco e só tocar depois passado uns milésimos de segundo para enganar o adversário. Portanto, tem a ver com pequenos detalhes que são desenvolvidos com o tempo e precisa, evidentemente, de estímulos de qualidade que promovam o aparecimento regular e constante, no fundo, de detalhes de qualidade. Não a entendo tanto, como vulgarmente se fala e é vista, quando se marca um grande golo de chapéu por exemplo. Porque fazer um chapéu, numa situação em que um jogador vai isolado e pica a bola por cima do guarda-redes, como faz muito regularmente o Messi, não é uma execução difícil. Sim, é uma execução criativa pois o normal é apontarmos para um canto da baliza e tentarmos meter lá a bola. Mas o picar a bola, tu ou eu, que não somos jogadores de top, conseguimos fazê-lo. A criatividade, neste ponto, é identificar o timing, é saber esperar até ao momento em que o guarda-redes caia para poder fazer isso. E tu, como treinador, não consegues transmitir isso a um jogador. O treinador deve,

fundamentalmente, permitir que isso vá acontecendo e que o próprio jogador se vá sentindo cada vez mais confortável, percebendo que isso é uma solução válida e que tem capacidade de execução para tal. Mas não é a execução técnica em si que é repetível ou treinável. Posso estar cinco minutos a treinar isso, a picar bolas por cima de um caixote, mas não é isso que vai fazer a diferença. Da mesma maneira que qualquer guarda-redes suplente de uma equipa do distrital faz defesas ao ângulo superior da baliza, ou até defende penáltis, a questão aqui é que há bolas que vão ao ângulo que só os grandes guarda-redes é que conseguem defender. Se calhar, os outros conseguem, porque são remates de longe onde não há tanta necessidade de antecipar. Porque conseguir voar até ao ângulo todos conseguem. Agora, o que faz a diferença é a existência de indicadores que permitam antecipar aquilo que vai acontecer. A leitura desses indicadores só os melhores é que conseguem, fruto dos contextos que lhes permitiram desenvolver essas competências. Portanto, a criatividade passa menos pela execução técnica do que pelo resto, pela inteligência, pela capacidade de antecipar cenários e identificar e interpretar indicadores praticamente impercetíveis.

FA: E qual é a sua importância?

Entrevistado D: é máxima. Quando há uma diferença grande, na qualidade dos jogadores comparando as duas equipas, tem menos importância. Isto porque, numa equipa com melhores jogadores, essa, normalmente ganha. Quando todos são muito bons, vão ser os detalhes que farão a diferença. Exemplo disso, e ao pensarmos no alto nível, ou seja, o alto rendimento, quando estamos a ver uma final Olímpica dos 100 metros as diferenças, entre ganhar a medalha de ouro ou prata, ou até nenhuma, são de milésimos de segundo. Portanto, a importância, a top, é máxima.

FA: O professor Manuel Sérgio refere que “o desporto atual reproduz e multiplica as taras da nossa sociedade, centrada na medida, no rendimento, na eficácia”. Se o futebol é negócio, como vários autores o expõem, este só recompensa os “vencedores”. A rápida necessidade de “produção” para o rendimento competitivo e/ou económico influencia o desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado D: Eu acho que influencia mas não deveria influenciar. A resposta a essa pergunta, para mim, é muito linear, muito simples. O ganhar, no futebol, para mim é apenas o “ganhar” a top. Porque o ganhar nos sub-8, nos sub-12, nos sub-15 ou sub-17 não consigo ver, nem tem relevância. A única coisa que considero é que é melhor ganhar do que perder. Eu desenvolvendo as minhas equipas, os meus jogadores, num determinado sentido, vou tentar sempre fazê-lo a ganhar. Acreditando que a forma como os estou a desenvolver é direcionada para criar jogadores, equipas. Neste caso jogadores pois estamos a falar de formação, onde dificilmente

consegues levar uma equipa em bloco desde os infantis até aos séniores; É importante perceber que os grandes jogadores emergem das boas equipas. Agora, esse direcionamento do ganhar é para quando eles são séniores. O que é que me interessa a mim ter uma equipa que é campeã do mundo de sub-11? Eu sei perfeitamente que, mesmo treinando uma equipa do FCPorto ou do Rio Tinto ou do Real Madrid, é muito mais linear, para colocar essa equipa a ganhar, pôr o guarda-redes, quando tiver a bola, colocá-la diretamente na frente, não deixar a equipa jogar muito no nosso meio campo defensivo pois há um risco maior em perder a bola e acabarmos por oferecer golos ao adversário. Portanto, se o meu objetivo for ganhar, ser campeão de série ou do mundo de sub-11, simplifico o jogo: bola na frente, pois estando mais perto da baliza contrária, essencialmente com miúdos onde há sempre um ressaltado, um miúdo que perde a bola, tropeça ou porque basta ter um miúdo que chute mais forte que facilmente resolve os problemas, porque maior parte das vezes os guarda-redes não chegam à trave. Portanto, eu ganho. Mas estou a criar bases para quê? Para nada! Estou a desenvolver bases para quando eles forem séniores, jogarem em equipas com um futebol pobre e de baixa qualidade. E tem lógica formar com esse direcionamento? Acho que não faz sentido nenhum. É evidente que existem diferentes caminhos na formação, com diferentes perspetivas. Normalmente o que há mais até é a ausência de um direcionamento, onde cada um faz o que quer, onde o treinador da equipa x ou y quer é ir ao *sítio* da classificação e ver a sua equipa em primeiro, porque aquilo deixa-o satisfeito, não está preocupado com o facto daqui a dez anos os miúdos sejam jogadores vulgares. E mesmo nesses contextos, muita das vezes, emergem bons jogadores porque o que acontece é que, por exemplo, imagina um bom avançado numa equipa fraca, se a equipa tentar construir a partir de trás, como a maior parte das vezes não vai ter sucesso, esse miúdo não vai tocar muito na bola, portanto esse seu talento não vai ser bem potenciado; se a equipa estiver a jogar diretamente na frente onde ele tenha de correr muitas vezes, se calhar vai desenvolver ali algumas características que podem vir a ser úteis posteriormente. Mas o que estamos aqui a fazer é a direcionar um processo de formação em função de um jogador, o que faz pouco sentido. Nós temos 14 ou 20 miúdos e o nosso papel é tentar que todos eles tenham oportunidade de crescimento. No entanto, sabemos que isso nunca acontece, não têm todos o mesmo talento. Mas, se eu vou formar um jogador para jogar a Liga dos Campeões ou para chegar o mais longe possível, temos de perspetivar as coisas de forma diferente. As equipas que jogam essa competição, campeãs de Inglaterra, da Alemanha, de Espanha, de França, não são equipas que jogam à sorte para a frente, são equipas que jogam futebol, que sabem ter a bola, normalmente são dominadoras, que se sentem confortáveis a manter a posse da bola pelos diferentes espaços do campo, no setor mais defensivo, no médio ou ofensivo, conseguem ter muito tempo a bola no corredor central, têm uma reação muito rápida à perda. Claramente que há exceções, podemos lembrar da Grécia que foi campeã em 2004, mas lembramo-nos exatamente por causa disso por ser uma exceção. Mas normalmente são equipas dentro desta moldura que eu defini. Portanto, se isso é o fundamental nas equipas que ganham com muita regularidade, como o Ajax de 1980/90 e mais recente o Barcelona e o Bayern de Munique, e se acreditamos nisto, há-que

desenvolver equipas e jogadores que saibam jogar este jogo. Na perspetiva de eles poderem lá chegar. Então, temos de perspetivar as coisas para vencer, mas mais tarde, no entanto, também acredito que é perfeitamente compatível jogar assim e vencer na formação. E, se os jogadores que tivermos já são de um nível mais alto tanto melhor, pois quando são de um nível mais baixo, mais difícil será, porém há que acreditar para poder aproximá-los, o mais possível, deste perfil das equipas vencedoras.

FA: Que implicações poderá ter, essa ânsia e rápida necessidade de produzir para obter rendimento, na formação de jogadores criativos?

Entrevistado D: Depende muito da forma como vemos a formação. Isto é, depende se a vemos como uma urgência de ganhar de forma imediata ou se a balizamos em preocupações, em termos de resultados, a outro nível. Claro que é diferente chegar ao pé do presidente ou coordenador técnico do teu clube e dizeres que a tua equipa ficou em primeiro ou segundo ou então mostrares, com ajuda de vídeo e isso, que a tua equipa ficou em quarto ou quinto mas que estão a ser criadas bases para amanhã. Podemos ver isso na forma coordenada e fluída como a equipa se apresenta, a inteligência de jogo e as capacidades técnicas que os jogadores estão a desenvolver, se a equipa já se sente confortável a sair de pressão, se existem preocupações ao nível dos equilíbrios. Ou seja, é importante ter esses indicadores para poderem ser mostrados por forma a evidenciar o bom desenvolvimento em detrimento do simples resultado desportivo. Como normalmente, estruturas diretivas, não têm esta sensibilidade porque não têm formação, até podem ter muitas horas e muitos anos de futebol mas numa perspetiva meramente resultadista, transportam aquilo que é critério de sucesso de uma equipa sénior para a formação. Os critérios são, necessariamente, diferentes. Os critérios para jovens jogadores, que estão ainda em período de formação, têm de ser desenvolver bases para que eles possam vir a ser os melhores jogadores que conseguirem ser, do clube ou do mundo, mais tarde. Para isso é necessário ter sensibilidade e perceber o que é a formação. O mercado pode ser influenciado mas está a sê-lo de uma forma errada. O que é que me interessa ter um miúdo de 10 anos que marca 100 golos numa época se aquilo que ele faz é porque é um pouco mais maturado, nesse momento, que os outros, conseguindo pegar bem na bola e rematar junto à trave onde os guarda-redes não chegam? Isso vai servir-lhe quando ele tiver 15 anos, onde os guarda-redes já conseguem facilmente chegar à trave? Se ele não tiver outro tipo de competências isso não lhe vai servir de grande coisa. No entanto, isso vê-se muito hoje em dia. E dei este exemplo mas é igual ao miúdo que corre muito. Sim é fundamental correr muito no futebol, é importante, mas não chega para se ser o melhor do mundo. Chega em sub-11 ou sub-12 onde, numa ação individual, adianta a bola e ultrapassa-os a todos, mesmo que em dez vezes se isole e marque dois golos é bom. Existem outro tipo de competências que são cruciais, como ler e interpretar o jogo, saber relacionar-se e interagir com os colegas, para que ele depois, mais tarde, mesmo

que não seja o melhor do mundo, possa jogar num clube profissional. Os outros, tenho as minhas dúvidas pois é fundamental ter outro tipo de coisas.

FA: Quais são as principais preocupações que deveríamos ter, ao nível da formação, para promover a criatividade nos jogadores?

Entrevistado D: É desenvolver uma moldura coletiva que seja rica. Isto é, dentro daquela ideia de jogo que referi há pouco, que é mais complexa, que implica, necessariamente, interações mais ricas do ponto de vista de conseguirmos manter a bola em situações de pressão, de conseguir fazer a bola andar pelo campo todo e isto implica os jogadores saberem posicionar-se no campo e que se enriqueçam tecnicamente, isto é, que tenham capacidade de variar o seu jogo individual, de simular antes de receber a bola pois se jogamos em espaços curtos é importante sabermos enganar o adversário, de vermos e olharmos antes, e contemplarmos as diferentes possibilidades que o jogo nos dá. Portanto, tudo isso vai desenvolvendo a criatividade. Mas uma criatividade que interessa, não é aquela de fazer truques, do Freestyle. É a criatividade do fazer fluir o jogo num determinado sentido, dentro de uma determinada ordem que está pré-definida. Para mim, a criatividade é essa mais-valia para nos aproximarmos da eficácia.

FA: Valdano refere um pouco isso, que “tudo no Futebol, incluindo a criatividade, necessita apoiar-se numa ordem”. Podia explicar, na sua opinião, um pouco melhor essa necessidade de haver uma ordem?

Entrevistado D: A ordem é fundamental, mas a ideia que se tem disto no futebol é a de haver uma simplificação. Por exemplo, num jogo de sub-7, futebol de 5, se compararmos as equipas aqui da Dragon Force e as outras conseguimos perceber diferenças a este nível. Se eu quiser ganhar simplesmente o jogo, quando o guarda-redes tiver a bola, vou pedir para ele passar ao lado para o defesa? Isso, numa perspetiva de ganhar o jogo, não faz sentido nenhum. Talvez se colocarmos os nossos miúdos perto da baliza adversária e pedir para ele chutar a bola para a frente, se calhar ficamos mais perto de marcar golo, não digo ao primeiro ressalto ou remate, mas numa próxima será. O risco que corres a fazer a bola andar pelo campo, a procurar fazer triângulos, a procurar que sempre que os jogadores contemplem outras possibilidades e não apenas uma, implica muito erro. Agora, estes miúdos sub-7 que já começam a jogar assim, em sub-10 vão ser muito melhores a todos os níveis. Estes quatro anos, com um processo de qualidade levará, com certeza, estes miúdos, a desenvolverem muitas e diferentes competências. Claro que não nos podemos expor ao erro de uma forma completamente despropositada, até porque se nós estivermos sempre a errar não estamos a aprender, estamos simplesmente a insistir e a crescer no erro. Temos, então, de ter a capacidade de simplificar as coisas, para que eles também se sintam confortáveis no jogo pois a questão do prazer, aliado ao ganhar, é um fator muito importante. As reações, ou feedbacks, dos treinadores perante

pequenos detalhes, transmitem êxito e são muito importantes também. Isto é, se tenho um miúdo que faz uma receção orientada e me vou abraçar a ele congratulando-o, ele e os outros vão começar a perceber o que é valorizado. Porque marcar um grande golo, toda a gente reconhece, porque os pais, os treinadores, os outros colegas, batem palmas. Mas estes pequenos detalhes, que revelam essa criatividade também, de conseguir orientar uma receção para a zona que quero progredir, conseguir fazer uma simulação antes de receber e tiro um adversário do caminho, de eu conseguir com uma desmarcação arrastar um adversário para libertar espaço para um colega meu, tudo isto são detalhes criativos que têm de ser muito valorizados pelo treinador. E os miúdos, porque são inteligentes, começam a perceber isso e o que é importante. Daí que digo que o treinador é um catalisador de todo este processo, porque são coisas que se forem deixadas acontecer, podem elas até nem chegar a acontecer, mas que um bom treinador acelera.

FA: De que maneira poderá o treino ser um promotor e potenciador, ou um inibidor da criatividade? E o papel do treinador, qual deverá ser?

Entrevistado D: É fundamental porque há aquelas coisas que são valorizadas pelo “senso comum”. Se eu tenho um miúdo que é um grande driblador e ele tem vantagem a partir daí, tirando adversários do caminho e faz golo, o golo em si é universalmente valorizado. Portanto é uma coisa que toda a gente percebe qual é o critério de êxito. Mas nós, como treinadores, temos que ir muito além disso, e temos de ver aquilo que os outros não veem, valorizar aquilo que é importante mas que não é tão visível, os tais detalhes que falava há pouco. Um miúdo que, por exemplo, com uma determinada desmarcação abriu espaço para outro colega, ou uma ação de um miúdo que está a conduzir a bola e a ver o jogo ao mesmo tempo, isto, se for muito valorizado, vai orientar esse miúdo e os outros todos para aquilo que pretendemos, e se isto for feito de uma forma regular ao longo do tempo estes pequenos detalhes vão surgir muitas mais vezes. Por vezes chamam de maluco o treinador que festeja este tipo de coisas, mas ele apenas quer marcar somaticamente essa ação, de forma a que todos eles percebam que aquilo é importante, que aquilo é um critério de sucesso. Claro que ao fazer isto no treino, fazer isto em qualquer momento, cria-se uma cultura. E, a partir daí com equipas de miúdos de 8 anos, consegues ter equipas que sabem ter a bola, sabem fazer andar a bola pelo campo todo, os miúdos sabem quando devem abrir ou fechar, que não é proibido passar para trás, que esse passe atraia adversário, sendo meio caminho andado para ganhar espaço mais à frente e por onde queremos entrar e tentar fazer golo. Tudo isso é tarefa do treinador. Esse desenvolvimento da criatividade é muito potenciado pelo bom treinador, e isso é completamente diferente do treinador que simplesmente “deixar acontecer”. Claro que é melhor o “deixar acontecer” do que ter um treinador castrador. Isto é, um treinador que basicamente monta um exercício, que pode ter as suas intenções por detrás, mas que simplesmente deixe as coisas acontecer, deixa que os conflitos se resolverem sozinhos, é muito melhor do que teres um treinador que te diga os chavões típicos do futebol: atrás não finta, os lançamentos laterais têm de ser sempre para a frente, quando vai

à linha tem de sair cruzamento. Tudo isto são castrações, são obrigações que se incutem nos miúdos, e que tornam o jogo estéril e pobre. Ter isto, ou ter o tal futebol de rua e o treinador que não diz nada, é melhor pois pelo menos não estraga pois os miúdos vão errando e aprendendo sozinhos. Pode levar mais tempo ou até pode nunca vir a acontecer, mas pelo menos não têm ninguém a estragar. Porém, é muito melhor ter um contexto liderado por alguém que potencia as coisas boas. A questão do futebol de rua tem duas grandes vantagens que é: (1) número de horas que os miúdos passam a jogar, o que não se consegue em qualquer clube pois em termos logísticos isso não acontece, (2) e a ausência de treinadores maus. São estas duas vantagens.

FA: Há pouco falávamos em relação à ordem e do direcionamento por parte do treinador, considera-se defensor que hoje não se “produzem” ou que acabam por ficar, como diz Valdano, reféns de tarefas automáticas?

Entrevistado D: Sim, acho que há muito disso. Se a ordem for uma organização castradora, ou seja, for uma ordem de jogadas em vez de uma ordem relativa a uma ideia de jogo. Acho que esse é um risco real e vê-se que isso acontece. Aqui dentro da esfera da Dragon Force tentamos que isso não aconteça mas conseguimos perceber que isso, fora daqui, acontece.

FA: Podia discorrer melhor como identifica a expressão criativa de um jogador?

Entrevistado D: Identifico em tudo aquilo que é o detalhe e que dá fluidez ao jogo. Isso pode acontecer numa ação que é distante da bola, isto é, por exemplo, fazer uma quebra e encadeá-la com uma desmarcação num espaço que o jogador percecionou que está livre e que à partida não seria tão visível, ou se ele não fizesse aquela quebra não conseguiria enganar o defesa e aparecer sozinho nesse espaço. Como posso identificar isso num pontapé-de-bicicleta, sendo que esse pontapé tem de surgir de uma forma contextualizada. Ou seja, quando é que eu faço um pontapé-de-bicicleta? Quando existe um passe e a bola ficou um pouco mais para trás do que aquilo que seria desejado, e porque também tenho alguma agilidade e um reportório motor que me permite arranjar esse recurso para responder àquela situação. Mas isso é “apenas” uma genialidade que surge em função de um determinado objetivo. O golo que o Jackson marcou ao Sporting, de calcanhar, é um exemplo de um tipo de coisa que não é treinada. Pode ter surgido em diferentes momentos, no treino, mas o treinador não criou um exercício para desenvolver aquele tipo de aptidões, ou passes-de-letra. Agora, os jogadores em função do conforto, maior ou menor, que têm em fazer isto ou aquilo e em função do problema que surgir devem ser capazes de lhe responder. Não faz sentido eu fazer um pontapé-de-bicicleta se eu tenho a bola, à minha frente, no chão. Portanto, as situações de treino têm de promover o surgimento disso, no momento certo, sem castrar a possibilidade de outras coisas acontecerem também.

FA: Alguns autores afirmam que o prazer, na atividade desenvolvida, parece também ser um importante catalisador da criatividade. Qual é a sua opinião?

Entrevistado D: O prazer é sem dúvida fundamental, daí que por vezes exista aquela questão do ganhar, na formação também, ser algo importante. Dá mais prazer ganhar do que perder. Se ganhar venho mais contente para o próximo treino, estou mais confiante no próximo jogo. Portanto isso é também um dado importante. Mas não nos deve levar numa lógica de ganhar por si só, e para isso abdicar de uma determinada forma de jogar, pois aí não me vou estar a desenvolver segundo e para uma ideia. Mas o prazer não deve ser a única coisa a guiar o planeamento do treino, ou seja, não posso habituar os meus jogadores a chegar todos os dias ao treino e se estiverem dez, jogam cinco contra cinco, se estiverem doze jogam seis contra seis, onde eu apenas estou a observar, onde eles até se estão a divertir a fazer aquilo, mas o desenvolvimento dos jogadores de futebol, e o próprio jogo, não é só isso, há sacrifício, assim como na vida, há momentos difíceis com os quais nós temos de saber lidar. E isso, também se desenvolve e promove através do treino. Por exemplo, fazer um exercício de 5x3, em que eu faço parte do grupo dos três que estão a defender e passo um bom bocado sem tocar na bola, só a definir posicionamentos... faz parte, mas não me acredito que seja uma coisa prazerosa. Agora, se eu estivesse no outro grupo talvez retirava mais prazer pois tocava na bola, rematava. Acredito que dê mais prazer participar no processo ofensivo, do que no processo defensivo. Mas faz parte pois no jogo somos confrontados com isso, e o treino é uma preparação para o jogo, para a competição. Para a competição da próxima semana, para o próximo jogo, mas também para a competição daqui a dez ou quinze anos. Ou seja, se eu for só habituado a ser mimado, a fazer só aquilo que me dá prazer, isso não me desenvolve outro tipo de competências para lidar com a adversidade, como o foco para longo prazo ou a resiliência. Sim, tenho de chegar ao treino e ao jogo motivado, tem de haver um relacionamento positivo entre todos, mas isso não implica que em determinados períodos não seja feito outro tipo de coisas, que não me dá tanto prazer mas que é importante para o amanhã. Isso é também parte do processo educativo.

FA: Parece-lhe que o jogo de Futebol caminha para uma redução da imprevisibilidade dos comportamentos dos jogadores?

Entrevistado D: No futebol fraco, de qualidade baixa, acredito que sim, mas no futebol bom já não me parece. É evidente que, ainda para mais a top, o fundamental é ganhar e às vezes para ganhar a determinadas equipas, que têm determinado ponto forte evidente, temos de ter uma preocupação especial com aquilo. Podes até ter de abdicar de fazer alguma coisa para conseguir anular aquele ponto mais forte do adversário. São coisas que fazem parte. Mas a tua equipa tem de ter uma base, tem de ter uma cultura de qualidade para poder chegar e se manter nesse alto nível. Porque, por vezes, o ganhar ou perder está num detalhe, num erro do árbitro ou numa bola que foi a trave e bateu na linha ou então passou cinco centímetros da linha. Portanto isso são

coisas que já não são tão controláveis e não vale a pena estarmos a gastar muito tempo a pensar nelas. Temos então de ir buscar as referências de qualidade, e pensar naquilo que controlamos, e não deixar que as outras contaminem o futebol, para podermos continuar a ter boas equipas e bons jogadores.

FA: Tendo em conta a sua experiência, como classificaria o estado atual da formação de jovens futebolistas?

Entrevistado D: Eu por fim de semana vejo uma média de seis, sete jogos de futebol de formação, portanto tenho uma ideia, mais ou menos, concreta e sustentada do seu estado. Como é normal, há de tudo. Existem boas realidades, equipas a jogar bem e treinadores com qualidade na condução dessas equipas. Vê-se, sobretudo, mais coisas más do que boas, mas as coisas são mesmo assim pois vivemos num país em que consegues ter um concelho com quinze freguesias e tens quinze clubes. Isto é, é impossível que todos eles tenham muita qualidade. Claro que depois, à medida que o tempo vai passando, vai havendo seleção natural pois quem faz bem colhe bons frutos, e quem faz menos bem... Mas também não podemos exigir que determinados clubes, com poucas condições ao nível dos recursos humanos (pois hoje em dia condições materiais toda a gente consegue ter), tenham a mesma qualidade. Isso depende, realmente, da perspectiva que se tem da formação e daquilo que achamos que é fundamental ser valorizado para existir desenvolvimento. O futebol em Portugal é uma coisa muito massiva, onde basta abrires o site do ZeroZero e vais ver, por distrito ou concelho, quantas séries existem na sua totalidade. Basta ver quantas equipas há a competir no campeonato de sub-11 da associação de futebol do Porto. Claro que há pouca qualidade em muitas, nalguns casos falta de recursos, noutra falta de ideias, que é a maior parte, mas há também quem trabalhe bem. Portanto, o estado atual é um pouco difícil de avaliar pois, no fundo, estamos num país com dez milhões de habitantes e temos a seleção AA campeã da Europa, temos uma série de títulos recentes nas seleções jovens, imensos treinadores portugueses a trabalhar em equipas de nível de Liga dos Campeões.

FA: Alteraria alguma coisa, de forma a promover um melhor desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado D: Aquilo que a associação do Porto fez, na qual resultou numa melhoria significativa nos últimos quatro, cinco anos, foi a reestruturação dos seus quadros competitivos. Foi um passo gigante para exponenciar o desenvolvimento dos jogadores pois têm contextos competitivos muito mais adequados. Antigamente não havia campeonatos de sub-10, onde apenas havia campeonato de Benjamins, que na maior parte apenas incluía miúdos sub-11, o que isto promovia a que maior parte dos miúdos só começava a competir, oficialmente, quando apenas eram sub-11 porque dava-se prioridade aos mais velhos pois são aqueles que garantiam

um melhor rendimento. Hoje em dia isso já não acontece pois já existem diferentes campeonatos para diferentes idades o que lhes permite começar a jogar bem mais cedo na maior parte dos clubes. O que ajudou também foi a forma como foram organizados os próprios campeonatos, onde, numa fase inicial, as equipas são divididas por séries e jogam todas contra todas a uma volta, depois, consoante a classificação desse primeiro momento, são agrupados por níveis de desempenho e jogam um campeonato a duas voltas. O que torna tudo muito mais competitivo, onde jogam muito mais tempo contra equipas do mesmo nível. O que permite que tudo seja muito mais ajustado para promover um melhor desenvolvimento de todos. Essa reestruturação que houve, particularmente na associação do Porto e numa ou outra pois vou conseguindo ter uma perspetiva alargada por causa das escolas que vamos tendo por todo o país, tem promovido uma evolução positiva. A um nível mais superior, o aparecimento das equipas B também foi muito importante pois permitiu aos jogadores, que terminam o processo de formação, ter um espaço de possível afirmação ainda dentro dos clubes pois dá-lhes a possibilidade de serem vistos a jogar num nível mais alto.

Anexo 6: Entrevistado E

Francisco Andrade (FA): A sabedoria convencional afirma que o Ser Humano nasce com potencial criativo e ele desenvolver-se-á se as condições assim o permitirem. Qual a sua opinião sobre a origem da capacidade criativa?

Entrevistado E: Na sua origem tem algo de hereditário, de genético, pois todos nós nascemos com um potencial diferenciado. A qualidade dos contextos em que o ser humano se encontra integrado, as vivências que vai tendo ao longo do seu percurso de vida, a diversidade dessas mesmas vivências e as diferenças ao nível dos estímulos com que ele vai contactando, permite, no fundo, extrair tudo aquilo que é o seu potencial. Diria que existe aqui uma interação entre o contexto e a parte genética, e que ela deve ser, permanentemente, promovida de forma a que, cada pessoa, possa desenvolver e assim expressar a sua criatividade. Cumpre ao contexto, e às pessoas que lideram esses contextos, no fundo, a promoção de todo o potencial que cada pessoa tem. Todos nós somos diferentes, todos nós temos competências, e cumpre a todo esse envolvimento levar a que cada pessoa tenha a possibilidade de expressar a sua criatividade. Sustentando isto naquilo que são um conjunto de aprendizagens, onde essas mesmas aprendizagens estão associadas à inteligência e à capacidade que o ser humano tem para absorver novos conhecimentos, para poder dar resposta àquilo que são os diferentes problemas com que se vai confrontando. Portanto, estamos a falar de algo que tem de estar, permanentemente, sintonizado e em harmonia para que todo o potencial, e a criatividade necessariamente, se possa manifestar com qualidade e assertividade.

FA: Segundo o professor Júlio Garganta, o Futebol é uma atividade complexa que se joga num ambiente de diversos constrangimentos e inúmeras possibilidades, onde o limite da ação ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade. O que é a criatividade num desporto coletivo como o futebol?

Entrevistado E: Percebendo o futebol como um fenómeno complexo e dinâmico, de causalidade não linear, é relevante encontrar, no aqui e no agora, as diferentes respostas para os diferentes problemas. Isto é, criatividade, na minha forma de ver, é um comportamento, uma ação, que ultrapassa aquilo que é o padrão comum do comportamento. Ou seja, é algo inovador, é algo diferenciado em que o adversário tem grande dificuldade em encontrar resposta para o problema que o oponente lhe coloca. Percebendo isto como um todo, deverá respeitar aquilo que é o funcionamento de uma equipa, a organização de jogo. E é nesta base de novidade, onde existe interação e respeito daquilo que é uma organização de jogo que a criatividade sai valorizada. Diria que a criatividade é uma intencionalidade mágica. No fundo é algo que é intencional e que

traz algo de surpreendente para o jogo. O que coloca o adversário perante grande dificuldade, e muitas das vezes incapacidade, para resolver o problema. No fundo, é aquele momento em que toda a gente diz “uau; o que é isto?”. E o futebol precisa deste brilhantismo para conseguir ser mais emocional, que traga essa felicidade para quem o acompanha e para quem é apaixonado pela modalidade.

FA: Qual a importância da criatividade no jogo?

Entrevistado E: É esta expressividade que a criatividade tem em termos de provocar emoções nas pessoas, é esta possibilidade de dar liberdade para o jogador de decidir. E, em simultâneo, vai trazer uma riqueza e uma qualidade ao jogo, na minha perspetiva, superior. E este encanto que o futebol tem, por essa elevada imprevisibilidade, leva a que a criatividade esteja, permanentemente, presente; trazendo consigo uma beleza ao jogo onde, necessariamente, requisita essa criatividade. Para que o jogo, no fundo, seja algo estético, que seja, também ele, arte, onde se possa manifestar a expressão do lado individual do jogador.

FA: O professor Manuel Sérgio refere que “o desporto atual reproduz e multiplica as taras da nossa sociedade, centrada na medida, no rendimento, na eficácia”. Se o futebol é negócio, como vários autores o expõem, este só recompensa os “vencedores”. A rápida necessidade de “produção” para o rendimento competitivo e/ou económico influencia o desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado E: O jogador encontra-se integrado numa cultura, onde ela se transforma também, uma sociedade que vai apresentando determinadas configurações, mas também definindo determinados caminhos, e o futebol acaba por sofrer influências disso tudo. Compete às pessoas perceber o que é que podemos extrair dessa cultura, dessa sociedade, de forma a potenciar o jogo. Em simultâneo, devemos compreender quais são os ruídos dessa sociedade que leva a que o jogo deixe de ter a beleza, a criatividade, a espontaneidade que é algo natural ao próprio jogo e que cativa tantas pessoas. Percebendo este desaparecimento do futebol de rua, que é algo que não temos possibilidade, na atualidade, de ter pois este é um fenómeno evolutivo da sociedade. Se falássemos há 40 ou 50 anos atrás, os nossos jogadores davam os primeiros pontapés na bola na rua, onde a possibilidade de decidirem livremente, onde havia a possibilidade de serem organizados à medida daquilo que eles conheciam do jogo de futebol, onde o número de horas de prática a que eles estavam submetidos, é totalmente diferente da realidade atual. Na minha perspetiva, compete às pessoas perceber este fenómeno e tentar compreender que transferibilidade nós podemos fazer para os contextos de treino. A sociedade está, também ela, muito marcada pelos números, pela quantidade, e isso, muita das vezes, não reflete aquilo que é o processo evolutivo, aquilo que é a qualidade do ser humano. São números

que, por vezes, aparecem no vazio. É importante dar corpo, pela competência e qualidade, a esses números. Um outro aspeto da sociedade, que também traz algum ruído a tudo isto, é a rapidez com que acontecem as coisas. Vivemos numa sociedade que circula a grande velocidade, onde o rápido é que é bom. Entendo que é importante saber gerir essas velocidades, onde, na minha opinião, estamos num momento em que devemos elogiar também o lento. Acho que é este contraste que leva a que as pessoas tenham tempo para viver, para absorver as coisas. Nessa perspetiva têm influência naquilo que é o desenvolvimento da capacidade criativa, pois as pessoas precisam de usufruir dos momentos, dos instantes, precisam, no fundo, de absorver e apreciar aquele momento de criatividade.

FA: Que implicações terá isso tudo na formação de jogadores criativos?

Entrevistado E: Uma sociedade que não proporciona a liberdade, que não dá tempo aos jogadores para crescer, onde o rápido é permanentemente salientado, vai colocar grandes dificuldades àquilo que é o desenvolvimento do jogador criativo. E a possibilidade de termos jogadores que marcam aquilo que é o fenómeno do jogo, torna-se reduzido se nós formos alavancados por aquilo que eu referia anteriormente. Compete-nos a nós, treinadores, valorizar, na tentativa de redirecionar, planificando e estruturando, as coisas com base noutros critérios. No fundo, não podemos absorver os ruídos que vêm da cultura.

FA: Quais são então, as principais preocupações que deveríamos ter, ao nível da formação, para promover a criatividade nos jogadores?

Entrevistado E: Para responder a isso temos que perceber a criatividade a um nível mais amplo, mais sistémico. Ou seja, uma criatividade que seja transversal às diferentes posições. Uma criatividade que não esteja, exclusiva ou predominantemente, associada aos jogadores do setor ofensivo. Mas isto acontece porque a sociedade assim o quis, onde houve essa valorização por parte de pessoas ligadas ao futebol; exemplo do avançado, ou ala, que faz um grande drible e marca. Eu não vejo a criatividade apenas nesses jogadores pois a criatividade é específica posicional. Ou seja, uma criatividade onde, independentemente, da posição em que tu jogas, ela é, permanentemente, manifestada. Ela não é exclusiva dos jogadores que jogam, predominantemente, próximos de uma das grandes alegrias do jogo: o golo. Um guarda-redes que é capaz de fazer uma defesa que sai fora do padrão comum da generalidade das ações, é um guarda-redes que está a ter um momento criativo. Um defesa-central onde no limite consegue efetuar uma interceção de uma bola que é extremamente perigosa, no qual, um número significativo de centrais não conseguiria encontrar essa solução para resolver o problema. Ou seja, estamos aqui a falar de uma criatividade na sua globalidade e não enquanto exclusiva de determinada posição. Então, nesta perspetiva, o que é que nós devemos fazer para promover o desenvolvimento desta capacidade criativa? Uma das coisas fundamentais é a criatividade ser

uma referência comportamental naquilo que é uma identidade de jogo. Isto é, a criatividade deve fazer parte daquilo que é as tuas grandes referências em termos de organização de jogo, deve fazer parte, independentemente, do jogador e, ao mesmo tempo, estar presente nos diferentes momentos de jogo. Ou seja, tendencialmente a criatividade é associada às dinâmicas em momento ofensivo, mas, na minha perspetiva, ela deve ser transversal pois ela pode aparecer nos diferentes momentos de jogo. Quando nós vemos um jogador, por exemplo num livre direto, que vai buscar algo que nunca foi feito, que é novidade; quando os jogadores percebem que há determinados espaços que são frágeis, que podem ser explorados, e eles próprios encontram uma solução nova, são, todos eles, momentos de criatividade. É essa vontade, essa irreverência e liberdade que eles têm para decidir perante os problemas, que nós queremos no espaço das seleções nacionais jovens. Deixa-nos bastante alegres quando os jogadores, uma equipa, conseguem concretizar algo que não está dentro daquilo que são os nossos padrões comportamentais. Isso é um sinal evolutivo do nosso processo, das nossas equipas. Outra coisa que eu considero importante, no qual deveríamos ter ao nível da formação, é a linha metodológica, além da identidade de jogo que eu falei, aquilo que são as nossas grandes referências metodológicas. Ou seja, devemos permitir que, num contexto de treino, os jogadores tenham possibilidade de tomar decisões, tenham liberdade nas suas ações. Onde não pode haver aquele treinador de “joystick” que mecaniza tudo, aquele treinador que diz “vai para ali, faz isto, vai acolá”, “segue para ali, vem para cá”. Não! Deve ser um treinador que permita que o jogador possa decidir, na tentativa de os resolver autonomamente, no confronto com os diferentes problemas. Em que me parece que a descoberta guiada, e o treino em especificidade, será fundamental para que exista esta promoção da criatividade. Outro aspeto, que eu referia anteriormente, é conseguirmos transferir algumas referências daquilo que é o futebol de rua para o contexto de treino. Outra coisa que entendo ser essencial é a forma como é exercida a liderança. Ou seja, deve ser uma liderança que não proíba mas que, fundamentalmente, incentive e estimule, que traga confiança, e que perante o erro não exista estigmatização, um bloqueio. Mas enfrentar o erro como uma oportunidade de aprendizagem.

FA: No seu entendimento, a forma como muitos treinadores concebem atualmente o jogo, potencia ou “castra” o potencial criativo do jogador?

Entrevistado E: Os treinadores quando concebem uma organização de jogo, como eu referi anteriormente, devem levar a que todo o potencial, individual e diversificado, dos jogadores se expresse. Por aquilo que tenho verificado, em termos da tendência evolutiva do jogo, não existem dados concretos que nos permita referir que atualmente existe uma castração daquilo que é esse potencial. Tendencialmente nós vamos comparar com aquilo que foram as épocas de 50, 60, 70, 80, mas estamos a falar num futebol diferente, onde necessariamente os jogadores são também eles diferentes, estamos a falar em culturas diferentes, uma evolução tecnológica diferente, falamos também em processos e conceções diferenciadas. Ou seja, cada tempo tem as suas

próprias circunstâncias e expressa aquilo que é a realidade do momento, contando com experiências e aprendizagens do passado. O que eu identifico é um futebol com um nível de organização elevado, juntamente com toda a complexidade que isso traz para o jogo, que dificulta a expressão da criatividade. Porque estes níveis de organização são tão elevados que precisamos de novos argumentos para conseguirmos ter sucesso. Precisamos de ser ainda mais, incisivos, através da inteligência e criatividade, nas dinâmicas de jogo que vamos apresentando. Por exemplo, naquilo que é a expressão da criatividade nos momentos defensivos, há equipas que têm apresentado evolução. No fundo, o que eu quero dizer é que, os treinadores devem permitir aquilo que o Cruyff dizia: o futebol é como voar, existem é diferentes formas de voar; então, devemos respeitar essa diversidade e devermos ser capazes de potenciar essa mesma diversidade. Quando nós olhamos para o futebol atual e vemos jogadores como Neymar, Cristiano Ronaldo, Messi, Iniesta, Buffon, também ainda há poucos anos o Guardiola, e vemos muitos outros jogadores de diferentes posições a terem uma expressão criativa tão grande, não me parece justo que se diga que na atualidade exista menos criatividade. O que me parece ser importante é nós estarmos alerta para isto, para que, no fundo, a criatividade não fique “ligada às máquinas”, pois se isso acontecer pode já ser tarde. Temos de estar cientes do quanto a criatividade é importante para a valorização do futebol.

FA: Há pouco falamos, superficialmente, acerca da organização que deverá existir na tentativa de exponenciar todo o potencial criativo do jogador. O próprio Valdano refere que “tudo no Futebol, incluindo a criatividade, necessita apoiar-se numa ordem”. Na sua opinião, que ordem deverá realmente ser esta?

Entrevistado E: A criatividade é tanto, ou mais relevante, quanto mais ela se encaixar naquilo que é uma organização de jogo. Porque a criatividade tem de ser sentida, tem que ser respeitada, ser absorvida pela equipa, e elevando todo o potencial individual para um patamar superior. Não pode ser uma criatividade por autorrecreação, tem de ser uma criatividade em que haja o respeito por aquilo que é uma organização de jogo. No fundo, estamos a passar de uma criatividade individual para uma criatividade coletiva. Porque quanto mais ela for absorvida pela equipa, mais razão vai ter para existir e para aparecer com regularidade. Portanto, entendo que a criatividade deve estar sempre integrada naquilo que é uma ordem, mas uma ordem Específica que condiz com aquilo que é as grandes ideias, em termos de jogo, do treinador.

FA: Mas considera que hoje, dentro disso, que não se “produzem” ou que ficam, como nos diz também o próprio Valdano, reféns de tarefas automáticas?

Entrevistado E: A automatização é, de certa forma, algo mensurável e isso está diretamente ligado àquilo que é a cultura, que antes falávamos, e à necessidade precoce de eficácia e rendimento exigida, para podermos ter determinados números e salientarmos que aquele é o

resultado positivo. O futebol é quantidade de qualidade, é a manifestação da competência específica com regularidade, e para que esta habituação/automatização vá surgindo, é preciso, através de exercícios específicos, que a equipa crie um conjunto de hábitos que a liguem, que a tornem mais sincronizada e mais harmoniosa nos seus comportamentos, possibilitando a expressão da criatividade. Se nós queremos formar tudo, demasiadamente linear, e não damos espaço para que o caos apareça no jogo, provocado pelos nossos jogadores, não estamos a dar possibilidade para que o futebol tenha mais magia. Devemos, portanto, evitar essa mecanização porque isso vai tirando, cada vez mais, capacidade de inovação aos jogadores. Neste ponto, acho que é importante refletirmos sobre aquilo que são as crianças. Pois, quando olhamos para elas, elas são extremamente criativas, são capazes de encontrar diferentes soluções e muitas vezes para lá daquilo que estávamos a imaginar. Isto acontece porque ainda não foram submetidas a contextos de grande informação, e posterior aprendizagem. No entanto, a aprendizagem de conhecimento dos comportamentos para o jogo, na minha perspetiva, são fundamentais para que a criatividade se manifeste. Um jogador precisa de ter um aporte de experiências, de treino, de competição, de vivências com diferentes treinadores, que lhe permitam absorver conhecimento e assim desenvolver aprendizagens. Mas isto não pode ser, digamos, castrador ou inibidor daquilo que é a expressão de cada um, da criatividade, deve é sim ser potenciador. Mas muita das vezes, eles ficam tão agarrados à solução que nós lhes damos, ou mais valorizamos, que parece que aquele comportamento vai resolver tudo. Não, aquele deverá ser uma referência para o aparecimento de novos comportamentos. Deixem a criança, o jogador jogar, ter o prazer e o conhecimento do jogo e a criatividade crescerá.

FA: De que maneira poderá o treino, efetivamente, ser um promotor e potenciador da criatividade? E o papel do treinador, qual deverá ser?

Entrevistado E: Eu acho que a melhor forma de ver o treino é em Especificidade. Um treino que permita que o jogo de futebol esteja permanentemente presente, em que essa Especificidade, daquilo que é as variâncias da invariância do jogo, apareçam com regularidade. Ou seja, que não seja um jogo mecanizado. E o treinador tem responsabilidade quando seleciona as propostas de treino. Ele, tem de ter a capacidade de permitir que essa variabilidade esteja presente. O treinador deverá também estimular a que essa variabilidade comportamental apareça, principalmente nas crianças porque é importante, eles, terem diferentes vivências, em todos os sentidos, seja comportamental ou posicional. Pois permite-lhes uma abrangência de conhecimento mais largo que depois, no futuro, lhes irá permitir definir qual a posição que deverão ocupar. Depois, uma Especificidade que terá de ir ao encontro àquilo que é uma organização de jogo, uma ordem específica. O treinador pela forma como interage e lidera o processo, influencia, o que pode ser estimulador ou castrador. Estimulador se leva a que as coisas aconteçam e que sejam valorizadas, mas também castrador se, quando elas não acontecem, e o erro, naturalmente, estará presente, ele é altamente penalizador perante aquela

situação. No fundo, as dificuldades para os jogadores criativos devem aparecer como desafio, devem funcionar como estímulo e não como receio, medo ou cautela. O jogador criativo enfrenta as dificuldades e vê nela um estímulo para crescer. Uma outra coisa importante, relacionado com isto, é a necessidade de estimular a capacidade de resiliência dos jogadores. Porque é importante o jogador crescer num contexto de sucesso mas que não bloqueie, ou que não lhe traga medo, perante a adversidade. O jogador tem que ser, no fundo, corajoso, tem de ter confiança, para enfrentar aquilo que vão sendo os problemas do jogo.

FA: Alguns autores afirmam que o prazer, na atividade desenvolvida, parece também ser um importante catalisador da criatividade. Qual é a sua opinião?

Entrevistado E: Eu ligo o prazer com a paixão. Porque quando uma pessoa é apaixonada por aquilo que faz, o prazer está implicitamente ligado. E isso permite-lhe, naturalmente, expressar toda a sua capacidade criativa. Uma pessoa quando tem prazer naquilo que faz é capaz de encontrar soluções diferentes, inovadoras porque está, intrinsecamente ligada, e toda a concretização das ações aparecem com espontaneidade, com alegria. E o resultado final disto é extraordinário, onde ao mesmo tempo, é tudo e sempre uma “caixa de surpresas”. Pois quando uma pessoa está a desfrutar do que está a fazer, consegue encontrar soluções, permanentemente, novas. No fundo, a paixão é aquilo que direciona a criatividade para um nível elevado.

FA: Parece-lhe que o jogo de Futebol caminha para uma redução da imprevisibilidade dos comportamentos dos jogadores?

Entrevistado E: O jogo de hoje é o jogo de hoje. É um jogo que tem muita qualidade, é um jogo que dá grande prazer em o acompanhar. E podemos observar, e verificar, algumas dessas coisas pois o futebol chegou a culturas onde ele não estava enraizado. Esse indicador mostra que, o futebol, conseguiu despertar o interesse em muitas e diferentes pessoas. Porque o fenómeno, o jogo em si, é atrativo, consegue despertar muitas emoções, o que leva a que haja um grande envolvimento de diferentes estratos sociais, de culturas completamente distintas. Agora, a expressão da criatividade, a sua valorização e a perspectiva que se tem dela, é cultural. Porque, por exemplo, quando estás em Africa, qualquer ação individual virtuosa, mesmo não indo, no seu resultado final, ao encontro daquilo que é a organização de jogo, ela é extremamente valorizada. Isso traz os jogadores para um nível de liberdade muito grande, onde ele é incentivado, pelo público, que interfere no jogo também, para que esse momento exista. Quando vimos para a Europa, já vemos países que abordam isto de uma forma, relativamente, diferente, mas, também, mesmo dentro dos próprios países existem diferenças. Quando vemos, por exemplo, o jogo do Barcelona, um jogo mais sereno, onde existem muitos momentos de desaceleração, em que a equipa tem a bola, mas tem com o objetivo de provocar determinadas

coisas, ele é respeitado. E estão ali a acontecer um conjunto de comportamentos criativos, dos diferentes intervenientes do jogo, onde são também valorizados. Não tenho indicadores que haja perda dessa imprevisibilidade, resultado do número significativo de jogadores de elevada qualidade na atualidade. Ao longo da história encontramos jogadores que nos levam a perceber que a criatividade continua a existir. Entendendo que a criatividade no presente é, necessariamente, diferente daquilo que era há 40, 50, 60 atrás. Temos de perceber, então, qual é a criatividade de agora. Pois ela é diferente porque os problemas são também eles diferentes. Agora, concordo com uma ideia do Zico, onde ele dizia que estamos a periodizar atletas em detrimento de jogadores de futebol. E se nós, não tivermos capacidade para refletir e terminar com esta ideia mecanicista, no futuro, podemos ter uma grande quebra ao nível da criatividade. Posso ir buscar outro exemplo, o Garrincha era um jogador que do ponto de vista do seu alinhamento corporal não correspondia àquilo que seriam os padrões vigentes que os treinadores procuravam. No entanto, o futebol é desalinhamento, é ter aquela capacidade de o jogadores, assim desalinhados, provocarem problemas, “desalinhamentos”, no adversário. Em que eles não são capazes de responder porque o que lhes aparece pela frente é diferente. E é fundamental cultivar e promover a cultura da diferença, a potenciação dessa diversidade no futebol.

FA: Tendo em conta a sua experiência, como classificaria o estado atual da formação de jovens futebolistas? (O que alteraria, de forma a promover um melhor desenvolvimento do jovem jogador?)

Entrevistado E: Olhando aquilo que é o desenvolvimento das orientações metodológicas, e tendo eu a possibilidade de ter contactado com diferentes países, Angola, Roménia, Marrocos, falando da realidade de Portugal, acho que estamos num excelente momento de desenvolvimento. Porque nós vamos vendo que os jogadores portugueses vão sendo altamente requisitados no panorama internacional. Isto porque são jogadores que, muita das vezes muito jovens até, que se conseguem afirmar num contexto totalmente diferente. E essa capacidade de adaptabilidade e flexibilidade para perceber as realidades com que são confrontados, e ter desempenhos elevados, é, também ela, uma expressão de criatividade. Pois a criatividade, como fomos falando, associa-se, naturalmente, à inteligência. E posso pegar noutra coisa também, pois à medida que vamos falando, acabamos também por ir refletindo, que é a intervenção dos treinadores. Porque um treinador que também é capaz de trazer variabilidade àquilo que é a sua organização de jogo, é um treinador que também é ele criativo, transmitindo uma noção evolutiva de criatividade através da criação de um determinado ambiente. Isto é, gerar criatividade através de um ambiente criativo. Pois os exemplos das diferentes manifestações de criatividade são muito importantes para serem criadas referências. Um outro exemplo é a relevância e a valorização da criatividade por parte dos meios de comunicação social, porque os jovens jogadores aprendem muito por aquilo que vão vendo, não só por aquilo que experienciando enquanto prática mas por aquilo que vão absorvendo do meio, daquilo que veem. E esses

exemplos, de criatividade, se continuarem a aparecer no jogo de futebol, e a serem difundidas, são fundamentais para a perpetuação, pela referência, da ação criativa. Nessa perspectiva, eu penso que, o futebol português respira grande qualidade e serve, também, de referência a nível mundial. E isso percebe-se, também, por aquilo que tem sido o percurso dos nossos treinadores, onde, cada vez mais, surgem integrados em diferentes campeonatos. Isto é, a intervenção dos nossos treinadores, no contexto de outros países, aumentou significativamente. E temos notado, através dos feedbacks que nos chegam, que mesmo perante um ou outro caso de insucesso desportivo, a sua intervenção no processo é positiva. Portanto, eu acho que estamos num momento em que respiramos um bom ar. Mas, isto não nos deve levar para o comodismo, devemos sim levar, permanentemente, para a procura de novos desafios, de mais, para promovermos evolução. E cabe a nós, com esta postura reflexiva perante o mundo que nos rodeia, não nos deixarmos intoxicar por alguns malefícios que poderão prejudicar o futebol. Aumentar e melhorar as condições dos espaços de treino e aperfeiçoar a articulação entre o contexto escolar e desportivo ajudariam significativamente ao crescimento dos jovens jogadores.

Anexo 7: Entrevistado F

Francisco Andrade (FA): A sabedoria convencional afirma que o Ser Humano nasce com potencial criativo e ele desenvolver-se-á se as condições assim o permitirem. Qual a sua opinião sobre a origem da capacidade criativa?

Entrevistado F: Eu acho que todos nós, realmente, nascemos com algum potencial criativo mas também devemos ter um ambiente que nos proporcione o desenvolvimento dessa criatividade. Porque todos nós podemos ter uma determinada capacidade criativa para fazer música, tocar piano por exemplo, mas se eventualmente não nos forem dadas essas possibilidades de tocar piano, nunca vamos ser grandes pianistas. No futebol igual, pois podem ser pessoas que, eventualmente, tenham uma pré-disposição para, mais do que as outras pessoas, mas se não tiverem um ambiente que lhes proporcione essa prática, nunca poderão aparecer como grandes futebolistas. Eu, há uns anos em Espanha, estive num congresso em que esteve presente um senhor do Gotemburgo onde ele defendia, na altura, que se o Messi tivesse nascido na Suécia dificilmente era o jogador que é hoje, porque eles lá têm três ou quatro meses em que se pode jogar na rua e o resto do tempo estão condicionados pelo clima. Deste modo, o Messi não tinha um ambiente tão propício para o seu desenvolvimento como teve na Argentina, com um clima diferente para poder jogar na rua, para poder praticar. De maneira que, o ambiente e as condições de prática, para mim, estão muito na origem do desenvolvimento da capacidade criativa das pessoas e do enquadramento que depois se lhe dá.

FA: Segundo o professor Júlio Garganta, o Futebol é uma atividade complexa que se joga num ambiente de diversos constrangimentos e inúmeras possibilidades, onde o limite da ação ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade. O que é a criatividade num desporto coletivo como o futebol?

Entrevistado F: Muitas vezes a criatividade está relacionada com o fazer algo de diferente, do pensar além do senso comum. Que não tem só a ver com a capacidade individual de drible, mas sim com o engano, com o fazer algo inesperado com êxito. Muitas vezes a pessoa pensa que ele vai driblar e faz um passe de rutura que naquele momento deu golo. Ou seja, essa foi uma ação criativa muito grande, porque a criatividade tem muito a ver com, na minha opinião, o sucesso e com a eficácia. Porque, um indivíduo pode ser muito bom a driblar, em termos de espaço de treino, mas se numa situação de jogo, em que dez vezes falha oito dribles, se calhar, a sua capacidade criativa não é muito boa porque, perante a realidade, o índice de eficácia dele foi reduzido. De maneira que, para mim, a criatividade está em fazer algo de diferente, inesperado, perante uma determinada situação, mas que ela também seja eficaz.

FA: Para si, qual é a importância da criatividade para o jogo de futebol?

Entrevistado F: Eu tive uma experiência na Real Sociedad, em Espanha, onde tive a oportunidade de falar com o treinador dos seniores, que na altura era o Bakero, um antigo jogador do Barcelona. Onde o que ele me dizia era que os jogadores que depois lhe aparecem, oriundos da formação, eram jogadores todos iguais, jogadores com tendência para jogar em passe e receção, de fazer tudo aquilo que todos os jogadores fazem. Aquilo que as equipas precisam é de ter jogadores que que façam a diferença nos jogos, que vão para além do comum. Muitas vezes, aquilo que um jogador criativo faz, jogadores que criam desequilíbrios quando o jogo está muito apertado, é vermos um jogador que sai de uma situação em drible por dois ou três e faz uma assistência, que conseguiu despoletar ali uma situação nova para que o jogo tivesse êxito. Isso, de facto, é uma situação que vai aparecendo cada vez menos mas que são as situações que criam mais desequilíbrio no jogo e que dão mais alegria ao mesmo. A ideia era nós, eventualmente, conseguirmos potenciar esse tipo de jogadores para que eles não desapareçam, para que o futebol deixe de ser todo igual, um jogo de passe e de receção e ser uma coisa diferenciada; embora o passe e a receção possam ser ações criativas mas, muitas vezes numa situação de muito equilíbrio, as situações de drible com êxito e ações que vão para além do esperado, enganando o adversário, é que, eventualmente, criam o desequilíbrio. E o Bakero dizia-me que nós precisamos de jogadores diferentes daqueles que habitualmente temos porque 90% são todos jogadores de passe e receção. O que nós gostaríamos de ter era jogadores que, de facto, nos ajudassem a “desembrulhar” o jogo.

FA: O professor Manuel Sérgio refere que “o desporto atual reproduz e multiplica as taras da nossa sociedade, centrada na medida, no rendimento, na eficácia”. Se o futebol é negócio, como vários autores o expõem, este só recompensa os “vencedores”. A rápida necessidade de “produção” para o rendimento competitivo e/ou económico influencia o desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado F: Os jogadores e todos nós, estamos inseridos numa sociedade onde acabamos por fazer aquilo que ela nos pede. Se a sociedade está a dizer que para se ter êxito é preciso fazer isto ou aquilo e ir por ali, os pais, os treinadores, os jogadores, vão atrás dessa norma, digamos assim, daquilo que está instituído. Porque as pessoas pensam que o caminho é apenas esse. Embora nós possamos ver isto numa perspetiva diferenciada do rendimento porque, em termos das escolas de formação, muitas vezes, o êxito maior dos miúdos é chegar aqui com problemas coordenativos e passado uns anos estar numa equipa de competição do nosso nível, passado um tempo vai para uma equipa de nível superior, tendo uma progressão imensa, não tendo nada a ver com o rendimento, com o chegar a um nível de top. Temos aqui duas

perspetivas. Existem aqui jogadores nossos que começaram assim e atingiram um determinado patamar, porque se desenvolveram muito, mas existem outros que chegaram a outros patamares como o FC Porto ou para o Paços de Ferreira, que assenta mais nessa ótica do rendimento, daquilo que a sociedade cada vez pede mais, a eficácia e o rendimento. Mas, muitas vezes, também há o rendimento pessoal que nos dá o prazer ver o desenvolvimento das pessoas que não chegaram a esses patamares. É outra forma de nós abordarmos. E isso, para nós, dá-nos uma alegria tão grande que, muitas vezes, chegamos aqui com miúdos “calca sapos”, como o professor Hernâni Gonçalves dizia, miúdos que nem sabem correr, mas que através do esforço e do trabalho, do empenho, chega a determinados níveis de rendimento. Eu já tenho alguns anos no âmbito do futebol e reparei que, por exemplo, quando eu estive no FC Porto como treinador, estava o Jorge Costa, que foi internacional, a começar a jogar, a dar os primeiros pontapés na bola. Ele de facto era um jogador, do ponto de vista técnico, um pouco limitado, no entanto, notou-se sempre que através da sua dedicação, do seu querer, que ia conseguir, e conseguiu atingir patamares de rendimento do mais alto nível. O que quer dizer que se pode chegar ao mais alto nível de várias formas. Não só aqueles que já têm já um talento, mas também aqueles que fazem do trabalho, para o desenvolvimento, para lá chegarem.

FA: Mas considera que essa ânsia existente, para conseguir concretizar cada vez mais rápido e mais cedo o que a sociedade pede, terá implicações na formação de jovens criativos?

Entrevistado F: Muitas vezes isso poderá acontecer porque nós não damos tempo para que o jogador possa ser criativo, isto porque o treinador exige eficácia. Na tentativa de se chegar rapidamente a esse patamar superior de qualidade são coartados alguns aspetos importantes da criatividade. Isto é, ele vai acabar por ter medo, não vai arriscar tanto numa situação, por exemplo, de drible porque pode perder a bola. Preferindo assim jogar de uma forma eficaz, com menos risco, não falhando. No entanto, vai perder a oportunidade também, independentemente do sucesso ou não mas se esta for a melhor forma de resolver o problema, de poder melhorar a sua capacidade criativa. Aqui há uns anos atrás, um antigo jogador do FC Porto, o Frasco veio aqui ver um treino e disse-me que gostou do que viu porque reparou num miúdo que pegava na bola e fintava um, dois, três colegas e o treinador não lhe chamava a atenção, deixava-o fazer. E isso é o que muita das vezes não acontece no futebol de formação, onde existe competição, onde os próprios treinadores têm medo que os jogadores façam isso porque podem perder a bola e pode trazer algum resultado mais negativo no imediato. Exatamente pelo facto de pensarem muito no agora, no resultado desportivo imediato, estão a coartar essa possibilidade. De maneira que, a ânsia de querer andar muito mais depressa, quer no âmbito do treinador que

coarta essa possibilidade, quer depois no jogador porque também não quer criar esse risco para, eventualmente, não ser penalizado, terá implicações na sua formação.

FA: Quais são as principais preocupações que deveríamos ter, ao nível da formação, para promover a criatividade nos jogadores?

Entrevistado F: Deverá haver momentos para que os jogadores possam jogar livremente, sem grande interferência por parte dos treinadores, para que eles possam fazer aquilo que eles acham que é melhor em determinado momento. Uma das ideias poderá ser o recrear no clube algumas situações que aconteciam no “futebol de rua”, onde eles jogavam num determinado número de jogadores, sem interferência do treinador, e eram eles próprio que colocavam as regras. Quando eles jogam assim, eles jogam com um à-vontade, fazendo determinado tipo de malabarismos e de situações criativas porque estão a tirar partido e a divertir-se pelo jogo. Muitas vezes, a interferência do treinador é muito coerciva porque não deixa tanto que o jogador jogue de livre vontade. Isso, se calhar, faz parte e nós aqui, na nossa escola, tentamos introduzir isso nos últimos 10/15 minutos do treino, mais nas equipas de futebol de formação, onde o treinador não deve interferir a não ser numa situação grave porque, de facto, os jogadores possam jogar a vontade. Muitas vezes os treinadores não entendem que no jogo são os jogadores que tomam a decisão, são eles que decidem. Portanto, têm de jogar sozinhos e pensar por eles próprios, não podendo estar sempre o treinador a coordenar e a dirigir as suas ações. Por outro lado, eu acho que, se associarmos esses aspetos da criatividade, da finta, do drible, da simulação, devem ser ensinados em ambiente de treino e portanto, devem existir momentos para isso. Ou seja, há uns anos dizia-se que a finta e o drible não se ensinam porque os miúdos já nascem com isso. Colegas nossos, treinadores, que trabalharam com o Cristiano Ronaldo diziam-nos que no final do treino ele punha-se a fazer “bicicletas” com a bola com intuito de melhorar essa habilidade para conseguir concretizar no jogo. Aquilo que depois promove no jogo não surge por um clique o que quer dizer, também, é estimulado por ele próprio. Ele acredita que se repetir essas situações de uma forma, digamos assim, decomposta, no jogo sairá melhor. Ou seja, muitas pessoas são contra estes aspetos mais analíticos de trabalho, mas que têm de perceber que, por exemplo, os basquetebolistas norte-americanos fazem mais de mil lançamentos sozinhos para o cesto, automatizando o gesto. Se queremos marcar livres por cima de uma barreira, igualmente numa situação parada, temos de o automatizar também. Acredito também que podemos dar indicações do “como fazer” aos miúdos. Mas isto só tem interesse se tiver aplicabilidade no jogo. Porque estar a aprender isto porque sim, não interessa porque são malabarismos. A ideia é nós tentarmos fazer isto, primeiro, numa situação mais simples pois quando eles nos chegam cá, não conseguem fazer ou até tropeçam na bola, um até pode conseguir, mas os outros não. Portanto, na minha perspetiva, eles precisam de aprender. Depois, acho que, deve haver uma pequena oposição passiva e passamos para uma situação de jogo.

E quando fazemos isto e chegamos a altura do jogo, basta nós dizermos que qualquer golo precedido de uma “bicicleta” vale por dois. E naturalmente eles vão fazendo. Ora, isto tem de ser estimulado por nós pois se não o for, eles poderão não o fazer. Portanto, acho que, estes devem ser aspetos que nós temos de ter em consideração, quer em termos de habilidades, quer em termos de jogo livre, com liberdade para elas poderem criar. Depois, basta dar tempo para que elas possam acontecer. Nós, há uns anos atrás tínhamos no nosso site a habilidade técnica do mês. A ideia era os miúdos terem uma espécie de trabalho de casa e depois aqui poderem exponencia-la na prática do jogo. De maneira que a ideia principal é haver tempo e espaço e estimulação para que isso seja desenvolvido.

FA: No seu entendimento, a forma como muitos treinadores concebem atualmente o jogo, potencia ou “castra” o potencial criativo do jogador?

Entrevistado F: Eu não sei porque não vejo os treinos que as equipas fazem. Mas, o que não vemos é, de facto, jogadores a tentar criar esses desequilíbrios no jogo, o que poderá querer dizer que isso não é muito potenciado no ambiente de treino. E eu não tenho muitas dúvidas que se trabalha muito pouco pois dá-se pouca importância à melhoria dessa capacidade pois a maioria dos treinadores está a colocar como principal objetivo das equipas a organização estratégico-tática. De facto, ela assume alguma importância mas nos escalões de formação, embora eles tenham de contemplar aspetos ao nível da organização do jogo, terão de existir outros conteúdos que estimulem o seu crescimento como jogadores nesta fase de aprendizagem.

FA: Valdano diz-nos que “tudo no Futebol, incluindo a criatividade, necessita apoiar-se numa ordem”. Na sua opinião, que ordem deverá ser esta?

Entrevistado F: Deve haver alguma lógica para o desenvolvimento dessa criatividade e pensarmos como podemos chegar lá. Quais são os meios que temos para o fazer. A ideia principal passa por nós criarmos espaço e dar tempo para que de facto isso possa acontecer. Ou de uma forma mais analítica e depois, seguindo passos para que depois tenha aplicação no jogo, ou através do jogo livre. Acho que isso são situações que poderão ser caminhos que deverá ser seguida para que de facto isso possa melhorar. O grande problema é que nós não criamos situações e ideias para que isso possa acontecer. Muitas vezes, o modo como o treinador perspectiva o jogo e a própria organização que tenta conceber, porque não dão azo a que os jogadores possam ter liberdade, não dá espaço para que os jogadores possam ser potenciados do ponto de vista individual. O que nós vemos no futebol atual é que apareçam alguns criativos que depois a gente fica de boca aberta, como o caso do Messi, o do Cristiano Ronaldo, daquele

rapaz novo argentino da Juventus, o Dybala, jogadores que dão uma alegria muito grande a tudo isto. Agora, esses rapazes são exceções em termos gerais, porque eu acho que poderíamos promover a existência de mais jogadores desse género. Eu, por exemplo, quando era treinador do FC Porto apanhei, na altura, o Quaresma que jogava no Sporting. Nunca o tinha visto jogar, eles vieram aqui ao Estádio das Antas, e ele jogava como ala. Eu tive de trocar três vezes o lateral-esquerdo porque ele driblava para dentro, driblava para fora, de calcanhar, de qualquer forma. Ele fazia isso porque no treino e o próprio treinador permitia que isso acontecesse. Sim, ele jogava na rua, experimentava e ali não era diferente. A ideia é que é necessário que estas coisas existam, que haja uma determinada lógica, uma determinada ideia por parte dos clubes, fundamentalmente, para que exista espaço para que a capacidade criativa seja desenvolvida. Quem dirige os clubes... Depende dos clubes porque existem clubes onde há um coordenador mas depois cada equipa faz o que quer, sem uma lógica comum, e depois há clubes já mais organizados onde existe essa tal linha geral em que toda a gente tenta dar resposta a isso.

FA: Considera então que a lógica existente está a “produzir” reféns de tarefas automáticas?

Entrevistado F: Muitas vezes vemos isso. Quando nós vemos que há equipas que têm as ditas combinações ofensivas: a bola sai do lateral, depois vai para um dos médios e depois vai para não sei onde; quando lhes aparece uma equipa que lhes consegue bloquear isso, não conseguem jogar. Porque os miúdos foram treinados para isso, não foram treinados para pensar e tomar a melhor decisão perante a circunstância. E como o jogo é muito aleatório eles não conseguem lidar com isso porque estão demasiado presos a determinadas coisas. Deverá haver alguns princípios, e não caminhos obrigatórios, onde eles possam desenvolver a sua criatividade. Criar para além de mas a partir de algo que faça sentido. As coisas não podem ser pré-determinadas pelo treinador porque depois jogamos contra alguém, não jogamos entre nós. De maneira que, ainda esta semana, houve um treinador conhecido que teve a oportunidade de ver um treino de uma equipa do distrito de Braga. Ele comentou comigo que grande parte do tempo do treino dessa equipa foi 10x0. Ou seja, aquilo era sempre a mesma coisa: daqui vai para ali, daqui vai para ali, daqui vai para aqui. São formas de ver as coisas, mas eu acho que estamos a perder tempo. Porque, de facto, estamos a condicionar os miúdos a irem sempre pelo mesmo caminho e quando a outra equipa nos fecha isso, ficamos sem saber por onde ir. Perde-se a capacidade para criar. Então, deverá haver alguns princípios com alternativas que a gente possa dar e, fundamentalmente, sejam eles a decidir perante a situação. Se vem um adversário o que eu posso fazer, se vem dois ou três o que eu posso agora fazer, e se estou de costas para a baliza, se a bola está a saltar... o que eu posso fazer? De maneira que, fundamentalmente, é passar para o jovem a tomada de decisão mas os treinadores têm obrigação de os ajudar nisso. Mas não é só nisso porque, por exemplo, muita gente neste momento pensa que o treinador é só um observador do jogo, não deve ajudar. Ainda esta semana, tivemos aqui um jogo e a equipa

adversária fez canto curto onde acabamos por sofremos golo. O treinador ficou quieto, não disse nada. No final do jogo perguntei-lhe se sabia porque tínhamos sofrido golo e disse-lhe que isso aconteceu porque ele também não os ajudou quando estava a ver que isso estava a acontecer. E o treinador tem essa função. A sua principal função é ajudar os jogadores a resolver os problemas no jogo, essa é a nossa função. Se há um canto curto, um problema, um imprevisto, e nós não estamos bem posicionados, nós temos de ajudá-los. Ajudar não é estarmos a condicionar, a pré-determinar as coisas, mas nos esquemas táticos, as bolas paradas, as coisas são um bocadinho mais fáceis de ir num determinado caminho.

FA: Então, como é que dentro dessa organização, por vezes fechada, identificamos a expressão criativa do jogador?

Entrevistado F: Toda a gente tem criatividade. Agora tem é de haver momentos para que ele possa criar e expressar aquilo que de melhor tem. Porque existem jogadores que, de facto, têm uma capacidade técnica, para concretizar, diferente dos outros.

FA: A expressão criativa manifesta-se através da técnica?

Entrevistado F: É técnico-tática porque nada do jogo é só técnico. Para mim, os aspetos da tática têm a ver com a melhor tomada de decisão perante a situação que nos ocorre. Pois eu até posso ser um jogador criativo, mas se me aparecem dois adversários pela frente e a melhor tomada de decisão é fazer um passe, não sendo o drible naquele momento, o jogador criativo é este que toma a melhor decisão de uma forma imprevisível. Eu tenho de associar a criatividade à eficácia porque não podemos dizer que um individuo é criativo por fazer apenas coisas muito diferentes mas quando elas não são eficazes elas deixam de ter interesse em termos do jogo. Portanto, eu acho que todos nós temos um potencial criativo, de uma forma geral, existindo uns que têm mais para uma determinada habilidade e outros para outras. Há indivíduos que do ponto de vista da sua coordenação motora têm dificuldades em fazer mudanças de direção ou de fazer simulações, jogadores até com um diferente porte atlético, o que, eventualmente, eu não posso estar a pedir a esse jogador que vá fazer a mesma coisa que um individuo com o centro de gravidade baixo, com uma variabilidade técnica grande, com uma velocidade de execução diferente. De maneira que a sua expressão criativa será, necessariamente, diferente.

FA: De que maneira poderá o treino ser um potenciador e promotor, ou um inibidor da criatividade?

Entrevistado F: Depende da forma e quais são os objetivos que nós queremos do treino. Se nós acharmos que o treino deve ser uma coisa e uma oportunidade para ajudar os jogadores a potenciar a sua criatividade, e isso estiver contemplado no treino, devemos arranjar contextos

que promovam isso. Por outro lado, há treinadores que não ligam nada a isso, onde o treino são situações mais planificadas, automatizadas, o que não oferece muito lugar para isso. Se um individuo até fez isso bem, fez por acaso, mas não foi porque foi potenciado pelo treinador. Eu acho que essas coisas devem ser muito promovidas por quem dirige. Quem dirige deve, eventualmente, colocar nos seus objetivos para o treino aquilo que poderá fazer para potenciar essa capacidade ou então, se não tiver muito isso em linha de conta, grande parte das vezes, vai inibir o seu desenvolvimento. Por exemplo, muitos treinadores quando a bola sai do guarda-redes e entra pelos defesas-centrais, nem quer que isso aconteça ou querem que chutem diretamente para a frente, não querem que eles tomem a melhor decisão em função do problema momentâneo. No entanto, nós queremos que isso aconteça, que não tenham medo de ter a bola e que se tiverem de jogar com o guarda-redes que joguem. Que se tiverem de jogar com o médio, se estiver mais apertado ou não, que o façam se acharem que é a melhor opção. (Que joguem em função daquilo que o jogo lhes está a pedir). E isso é dar-lhes oportunidade para eles criarem consoante aquilo que o jogo lhes pede. Agora, já tivemos e temos alguns dissabores porque eles ao tentarem perdem a bola e acabamos por sofrer golo. Porém, se formos a pensar só no imediato isso nunca vai acontecer porque nós, como queremos ganhar muito o jogo e, por vezes a qualquer custo, vamos arranjar uma forma para não correremos esses riscos. Mas nós estamos aqui para formar jogadores, não para hoje mas sim para daqui a uns anos. E nós não vemos nenhum jogador, ao mais alto nível, os defesas-centrais por exemplo, que quando tem a bola se liberte dela de qualquer forma. De maneira que, esses aspetos, que estão ligados à criatividade e à tomada de decisão, estejam logo presentes na primeira fase de construção. Porque eles vão jogar em função da melhor solução para cada momento, independentemente da zona do campo. Portanto, isso não pode ser coartado, à partida, na base da formação. O que, infelizmente, não é isso que acontece na maior parte das equipas de formação, onde se vê, cada vez mais, formas jogadas à percentagem. Os espanhóis dizem que quando nós temos a bola em nosso poder, temos 100%; quando a chutamos para a frente, no ar, ou através de um passe dividido, acabamos por repartir em 50% para nós e outros para eles. Logo, se pudermos evitar jogar à percentagem e porque, geralmente, só marca golo quem tem a bola, temos de promover condições, a todos os níveis, para que eles não tenham medo de ter a bola e poder assim potenciar a sua tomada de decisão e criatividade. Mas depois, essas preocupações depende de pessoa para pessoa, de treinador para treinador.

FA :Qual deverá ser o seu papel, o do treinador?

Entrevista F: O treinador deverá dar liberdade criativa ao jogador nas suas tomadas de decisões mas também deverá, eventualmente, intervir quando, de facto, elas são de grande risco e causam dano sucessivo à equipa. Porque nós, por exemplo, devemos permitir sim que os defesas-centrais saiam a jogar, desde trás, com a bola mas se ele sai em drible uma, duas, três vezes, perde bola e dá golo contra nós, se calhar, neste momento devemos intervir pois eles

estão a ter uma eficácia negativa para a equipa. No meu ponto de vista, nós não devemos deixar isto em vão, porque o dano que ele causa, em termos da aprendizagem dele mas também dos colegas, não está a ser boa. Porque, muitas vezes, quando isso acontece numa fase mais adiantada do terreno de jogo, se calhar, essa situação não é tão prejudicial em termos coletivos. Quando é numa situação mais recuada, talvez, traga mais problemas em termos funcionais da equipa. Mas o papel do treinador, penso eu, é dar liberdade aos jogadores para poderem fazer o que eles acham o que é melhor, a melhor tomada de decisão, em cada momento. Mas quando essa tomada de decisão não é a melhor, o seu papel é de o ajudar. Através de um feedback interrogativo, perguntando-lhe se aquilo que ele fez, naquela zona, foi a melhor forma de resolver o problema ou se acha que existe outra alternativa. Não é o treinador dar resposta mas sim coloca-lo a pensar sobre o assunto pois quando o treinador dá logo a solução, passado um bocado, ele fica à espera que o treinador lhe dê novamente a resposta quando falha. Ao contrário quando nós os questionamos. No início ficam um pouco aflitos e incomodados mas depois, quando começam a pensar sobre as coisas, sobre o jogo, começam a refletir, conjuntamente, sobre o que vai acontecendo.

FA: Alguns autores afirmam que o prazer, na atividade desenvolvida, parece também ser um importante catalisador da criatividade. Qual é a sua opinião?

Entrevistado F: Não tenho dúvidas nenhuma sobre isso. Há um autor que nos diz que a motivação é a base fundamental da aprendizagem. Se eu estou motivado, se gosto daquilo que estou a fazer, o meu empenhamento vai ser muito maior porque estou contente e sinto-me bem a fazer o que estou a fazer. E isso, também, promove maiores níveis de auto-confiança. Eu tive oportunidade de trabalhar na segunda liga com um treinador que promovia, fundamentalmente, as situações de contra-ataque em termos do jogo e do treino. Ou seja, a maior parte do tempo, os jogadores nunca tinham a bola. Então, os jogadores confidenciavam depois comigo, porque eu tentava, em determinados momentos, fazer uma situação de treino diferente, em que promovia mais o ter a bola, e os jogadores afirmavam logo que tinha sido eu a idealizar aquele exercício. Ou seja, eu acho que nós devemos perceber que todos nós gostamos muito mais quando temos a bola em nosso poder do que quando não a temos. Isto é, dá-nos muito mais prazer e isso, naturalmente, dá-nos mais alegria e, se calhar, mais criatividade. Ou contrário, quando vais fazer uma situação mais aborrecida, que não te dá tanto prazer, custa-te mais porque até não te empenhas tanto e não tens tanta confiança porque estamos envolvidos num ambiente que não é tão agradável. Portanto, não tenho muitas dúvidas que se o ambiente for motivador, ele desinibe-te e acaba por te proporcionar um maior desenvolvimento da tua capacidade criativa. Ao contrário, se o envolvimento for de receios, de medos, ele torna-se castrador.

FA: Parece-lhe que o jogo de Futebol caminha para uma redução da imprevisibilidade dos comportamentos dos jogadores?

Entrevistado F: Eu julgo que nos últimos anos tem-se assistido um pouco a isso. Tem havido um maior equilíbrio, digamos assim, nas forças do jogo onde os jogadores chamados mais criativos têm vindo a desaparecer. Há uns anos atrás falava-se que um dos aspetos que poderá ter contribuído para o desenvolvimento dos jogadores criativos foi o desaparecimento do denominado “futebol de rua”. Pois, quando se joga na rua, sem constrangimento algum, sem a existência de treinador, tu podes fazer aquilo que achas que é melhor, inventar, enquanto se estiver lá alguém tudo já se torna diferente. E se hoje formos analisar de onde é que vêm os jogadores mais criativos, eles vêm da América Latina, do Sul, de África, porque, em parte, essa gente ainda tem a possibilidade de jogar na várzea, como dizem os brasileiros, ou na calle, como dizem os argentinos, porque ainda há esses espaços em que eles, de facto, jogam. Mas jogam muitas horas! Porque a ideia do talento, e do aspeto criativo também, requer muito tempo de prática. Há aquela ideia das dez mil horas de prática desportiva sistemática para atingir um determinado nível de excelência. Mas isso só é verdade, para mim, se essa prática não for sempre a mesma. Isto é, se estiver sempre a fazer a mesma coisa não vou evoluir, só vou evoluir se fizer coisas diferentes que me levem a progredir sistematicamente. De facto, muitas vezes, aparecem-nos esses jogadores, com um nível criativo, uma capacidade de jogo, muito acima da média, mas que se nós pudéssemos medir o número de horas de futebol que eles têm, podemos ver que existem diferenças significativas. Não existem milagres pois dois jogadores, com diferentes números ao nível das horas de prática, não podem jogar ao mesmo nível de rendimento.

FA: Que implicações poderá ter essa redução da imprevisibilidade nos comportamentos no treino e na formação de futebolistas?

Entrevistado F: Vai fazer com que, quando esses jogadores forem mais velhos, se tudo torne muito mais previsível, que o próprio jogo de futebol assim o fique. Onde não haja situações mais diferenciadas, situações essas que gostamos mais de ver e apreciar. Claro que nós gostamos muito quando há um passe de rutura entre três defesas, onde a bola vai parar direitinha aos pés do jogador. De facto, esse também é um momento criativo. Mas, se nós não privilegiamos isso no treino e se coartarmos essa possibilidade ou não dermos a devida importância que ela tem, o futebol do futuro vai estar muito ligado àquele que é o futebol que nós estamos a permitir hoje na nossa formação em geral. Eu digo que nós ensinamos o futebol do futuro, não para hoje. As pessoas, mesmo no futebol de formação, vêm o futebol para os cinco segundos. Por exemplo, no futebol de sete, bola ao centro, existem equipas que chutam diretamente. Colocam o seu miúdo, maturacionalmente mais desenvolvido, maior e mais forte, para tentar fazer golo. Não que seja uma solução, pois é uma forma válida, no entanto, é a lógica do resultado imediato.

Comigo isso não aconteceria pois a minha ideia não é ganhar o jogo hoje mas sim desenvolver competências para ele jogar futebol e, eventualmente, chegar ao futebol sénior. No imediato, ok ganhamos o jogo, ficamos contentes, mas o nosso objetivo principal, logicamente que queremos ganhar mas através daquilo que seja o futebol do futuro, aquilo que nós queremos fazer dele. Podemos ganhar hoje porque o guarda-redes até é pequeno e não conseguiu defender o remate mas será que estás a ensinar alguma coisa para ele desenvolver competências para...?

FA: Tendo em conta a sua experiência, como classificaria o estado atual da formação de jovens futebolistas?

Entrevistado F: Eu julgo que nós evoluímos muito em termos do conhecimento do jogo, do treino, do futebol de formação. Porém, acontece que, neste momento, os nossos jogadores têm algum défice em termos da sua capacidade de jogo porque têm uma quantidade de horas de prática, de futebol, muito menor do que aquela que havia antigamente. Ou seja, há uns anos atrás, havia o treino no clube, os miúdos jogavam na escola, jogavam ao pé de casa com os amigos... hoje, na escola não podem jogar porque não existem tempo para eles poderem brincar, quando um professor falta eles têm aula de substituição dentro de umas sala, algumas escolas nem deixam levar bola; na rua, os miúdos não jogam porque os pais têm medo, querem os miúdos muito protegidos; apenas jogam nos clubes. De maneira que, o número de horas de prática que eles têm hoje, e isso é um fator muito importante para o desenvolvimento das suas capacidades, é muito inferior àquele que havia antigamente. E isso tem reflexo, penso eu, em termos do próprio jogo que se pratica hoje em dia. Agora, apesar de tudo, conhece-se muito mais o que é uma criança, quais as estratégias que podemos utilizar para as ajudar a crescer, em termos de treino, ao nível do conhecimento de jogo, para que eles possam ter uma evolução mais favorável. Isto porque o conhecimento dos treinadores de hoje não tem nada a ver com aquilo que era há uns anos atrás. Nós hoje temos pessoas no treino de futebol com um conhecimento muito maior do que aquilo que existia no passado. Claro que tudo isto depende depois da importância que cada um dá a tudo isto no futebol de formação. Por exemplo ao nível do desenvolvimento individual do jogador, ao nível do desenvolvimento das suas capacidades, porque coloca-se a ênfase no coletivo. Eu acho que o jogador de hoje é muito mais um jogador previsível do que comparativamente com alguns anos atrás em que, de facto, havia mais liberdade no jogo. Porque depois a lógica sobre o resultado imediato atinge tudo e de uma forma ridícula. Siamo capazes de ver chicotadas psicológicas nos treinadores da formação. Os treinadores acabam por ter medo, acabam por fazer coisas com as quais não se identificam e até prejudiciais para os miúdos porque pensam que se não ganharem vão ser despedidos. Isto está tudo ao contrário, porque se acha que isso é que é o mais importante. Há uns anos atrás queria-se criar um ranking de futebol de formação, onde eram apresentados os clubes mais pontuados ao nível da formação. Eu não entendo isso dessa forma porque, muitas vezes, os jogadores pequeninos não têm possibilidade para jogar na formação em detrimento do miúdo

que é mais desenvolvido a nível maturacional mas que até não é tão interessante como o outro. E temos casos como o Rui Barros, do Bernardo Silva, do Sá Pinto, de muita gente que não jogava com regularidade nos escalões de formação porque não têm “cabedal” para jogar. Vai perder muitas bolas. Houve muita gente que foi colocada para trás por causa disso. Eles por acaso conseguem lá chegar mas por vezes penso como eles seriam se tivessem sido estimulados no futebol de formação. Porque ganhar o campeonato é a coisa mais importante para algumas equipas mas não o pode ser, deve sim promover jogadores para a equipa principal. E existem equipas na Europa que já abdicaram disso no qual dizem que o mais importante é desenvolver competências nos seus jogadores para os colocarem na equipa sénior. Quantos jogadores, no plantel principal, essas equipas têm oriundos da sua formação? Sete, oito! Aqui vemos que quase nenhuma tem mais de um ou dois. Que futebol de formação é este? Acho que muita das vezes se brinca à formação, digamos assim, porque, muitas vezes, as pessoas gerem o dinheiro que não é delas. Na minha ideia, se fosses tu que tivesses dinheiro para gerir um clube e o dinheiro fosse teu, tinhas de fazer um investimento naquilo que é teu para depois haver rentabilidade. Como o dinheiro é da sociedade anonima e depois aquilo dá prejuízo e como alguém há-de pagar as coisas, deixa estar que tudo está bem. Acho que não se investe muito na formação um pouco por causa disso. Mas nós quando vamos ver a nível das seleções nacionais, nós somos até capazes de nos bater, e bem, com as outras seleções. Mas quando é preciso investir em jogadores nas equipas seniores, temos um receio incrível de o fazer. Depois, quando eles saem e jogam em Espanha ou França, é que nos bate a ficha, afinal têm capacidade. Porque são bons. E cá, no nosso meio, nunca tiveram grandes oportunidades para se mostrarem e afirmarem.

FA: O que alteraria, de forma a promover um melhor desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado F: Desde logo, alteraria a forma como os clubs são dirigidos. Tinham ser dirigidos por pessoas ligadas ao futebol, ou seja, pessoas que conheçam o desporto e a modalidade, para melhor poderem entender a sua dinâmica. Acredito que se forem pessoas com formação na área do desporto, ou antigos jogadores, percebem melhor isto tudo. Não pode ser só o gestor, a pessoa que tem dinheiro, a estar a frente do clube. Tinha de haver políticas de formação nos clubes, uma norma quase de promoverem todos os anos jogadores da sua formação para o plantel principal, que tinham de ser respeitadas. Claro que se rendia tudo bem, senão vinham outros. De certeza que iria aparecer mais gente com capacidade. Mas os jogadores só poderão aparecer nesses escalões superiores se lhes derem as condições e oportunidades para tal. Eu, muitas vezes, dou um exemplo do Sporting, há uns anos atrás, só tinha jogadores estrangeiros. Numa situação ficou sem dinheiro nenhum e teve, obrigatoriamente, de lançar jogadores da formação. Vieram jogadores como o João Mário, o William Carvalho... Depois, naturalmente porque tinham capacidades para, foram começando a jogar e a serem reconhecidos. Mas isso aconteceu porque tiveram uma oportunidade para se mostrarem no alto nível, não foi na equipa B ou C. Agora, claro que têm de ter competências e um enquadramento para poderem estar lá,

não é só lançarem por lançarem. Têm de ser criadas condições para. Na minha opinião, passa um pouco por aí. Uma das coisas que me entristece, quando vou ver um jogo de futebol do campeonato português, e só ver jogadores estrangeiros. Mas se calhar sou eu que sou muito ligado à promoção daquilo que é nosso. No entanto, isto é fruto daquilo que é a nossa formação, ou melhor, de quem está à frente dos clubes. Eu lembro-me que, há uns anos atrás, o Rio Ave que ainda estava na segunda divisão, não tinha dinheiro nenhum e foi buscar ao Futebol Clube do Porto sete ou oito jogadores dos escalões de formação. Fizeram uma excelente época e subiram de divisão. O ano passado o FC Porto foi campeão na segunda liga com miúdos dos seus escalões de formação. Portanto, existe qualidade, não me digas que daquela malta toda, nenhuma tem capacidade para jogar na primeira equipa, ou só apareceu o André Silva e o Rúben Neves? E os outros? A ideia está nesta aposta e não no negócio que, muita das vezes existe à volta do futebol, os interesses e comissões que gerem esta máquina económica. Não digo que os jogadores estrangeiros não possam vir para cá porque, de facto, os grandes jogadores também vêm melhorar muito o nosso futebol mas não pode haver esta disparidade onde, por vezes, até obriga a ida para fora, para poderem jogar, por parte dos nossos miúdos.

Anexo 8: Entrevistado G

Francisco Andrade (FA): A sabedoria convencional afirma que o Ser Humano nasce com potencial criativo e ele desenvolver-se-á se as condições assim o permitirem. Qual a sua opinião sobre a origem da capacidade criativa?

Entrevistado G: Segundo alguns estudos, 15% da população de qualquer país são talentos. Mas são talentos nas diferentes áreas. Na pintura, na dança, na música, no futebol, no basquetebol,... 15% da população. Quer dizer que em Portugal temos 1 milhão e meio de talentos, ou potenciais talentos. Se isso é uma verdade, isso quer dizer que nós nascemos com algumas predisposições genéticas para diferentes áreas. Agora há uma situação que é absolutamente indesmentível, se nós não tivermos as condições favoráveis ao desenvolvimento dessas capacidades, nós vamos ter crianças que vão nascer e morrer, que vão fazer todo o percurso de vida, e nunca ninguém vai detetar que essas crianças têm talento numa determinada área.

FA: Como nos diz o professor Júlio Garganta, sendo o Futebol uma atividade complexa que se joga num ambiente de diversos constrangimentos e inúmeras possibilidades, onde o limite da ação ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade. O que é a criatividade num desporto coletivo como o futebol?

Entrevistado G: A criatividade é a capacidade de cada indivíduo resolver os problemas que essa situação lhes coloca. Resolver os problemas no caso do futebol é conseguir fazer uma receção orientada por exemplo, é conseguir antecipar as situações de decisão, aquilo que implica decisão, portanto é conseguir antecipar essas situações, é conseguir pensar e executar mais rápido, é conseguir chegar ao objetivo do jogo que é o golo. Portanto é a capacidade de decidir do ponto de vista positivo tudo, seja no futebol ou outra modalidade qualquer, tendo em atenção aquilo que é o objetivo do jogo. É aquele que consegue criar situações para se chegar ao objetivo.

FA: Como identifica a expressão criativa? Entende-a só no sentido técnico?

Entrevistado G: Eu costumo dizer que os jogadores de futebol só são jogadores do pescoço para cima. Tudo se passa no nosso cérebro. Podes ter uma enorme capacidade técnica mas se depois não tens a mesma atitude volitiva, não tens capacidade para responder às exigências do treino e da competição, essa grande capacidade técnica desaparece porque tu depois não tens capacidade para analisar, não tens vontade para te deslocares, para disputares uma bola, não tens vontade para correres mais rápido ou mais devagar. E se não tens essa vontade isso vai influenciar aquilo que é a tua capacidade de execução. Por isso, as questões da criatividade

estão ligadas entre aquilo que é a capacidade de percepção dos estímulos, pelo sistema nervoso, e depois o processamento motor ligado a essa capacidade de percepção-análise e execução. Depois, aqueles que fazem a diferença são aqueles que conseguem ter a melhor percepção, a melhor capacidade de análise e depois a mais rápida e melhor capacidade de decisão e execução. **(Entende então a técnica como uma concretização, uma interpretação de uma necessidade tática)**. Não diria isso porque... vamos lá ver se me faço explicar. Tu tens pessoas que com a bola, essa malta do Freestyle, que fazem campeonatos fantásticos, que são autênticos circenses. Conseguem fazer da bola aquilo que 99,9% dos jogadores de futebol não faz. Mas eles não jogam, porque não entendem o jogo. Aquilo que fazem com a bola, não conseguem reproduzir no jogo. Portanto o jogo tem variáveis que são outras, que não aquelas que são a minha relação com a bola. Por isso, a técnica pode ser dissociada do comportamento tático, porque a técnica é a relação do corpo com o objeto exterior. Agora, essa relação tem outras implicações quando tu passas para a situação do jogo ou do treino. Estes indivíduos do Freestyle têm uma excelente relação com o objeto, esse objeto faz quase parte do corpo deles, mas depois não têm o entendimento do jogo, nem conseguem expressar essa relação entre o corpo e a bola dentro daquilo que é o contexto de jogo. Que implica adversários, que implica linhas, que implica companheiros de equipa, que implica o objetivo que é a baliza, que implica a bola em movimento dentro daquele contexto todo.

FA: O professor Manuel Sérgio refere que “o desporto atual reproduz e multiplica as taras da nossa sociedade, centrada na medida, no rendimento, na eficácia”. Se o futebol é negócio, como vários autores o expõem, este só recompensa os “vencedores”. A rápida necessidade de “produção” para o rendimento competitivo e/ou económico influencia o desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado G: A um determinado nível pode influenciar. Vou-te dar um exemplo: Benfica nos seniores, há uns anos atrás, não entrava ninguém da formação porque havia jogadores seniores com qualidade e nunca havia espaço para os jogadores da formação. Hoje, com as dificuldades económicas que o país atravessa e o facto de alguns bancos terem “fechado as torneiras”, os clubes são obrigados a olhar para dentro. Dentro desse ponto de vista, os fatores socio-económicos influenciam grandemente, eu diria, a parte final e a parte decisiva daquilo que é o processo de formação e afirmação. Pode não influenciar nas primeiras idades mas vai influenciar depois no processo de afirmação desses talentos. Ou seja, depois eles não têm espaço para fazer essa sua expressão ao nível do futebol sénior, vão acabar por desaparecer. E aí sim, os fatores económicos têm um peso nesse processo.

FA: Sabendo que hoje em dia para que a capacidade criativa se desenvolva, é necessário haver espaço para a exploração e experimentação através, por exemplo, da tentativa-erro. O facto de nós nos focarmos no rendimento a curto prazo, podemos não estar a permitir nem a dar liberdade... (Esse é um problema gravíssimo). Que implicações é que isso poderá ter?

Entrevistado G: Isso passa-se na base da nossa formação. As pessoas estão demasiado preocupadas com o resultado na base da formação, quando deveriam estar preocupadas no desenvolvimento, e cumprir e respeitar as diferentes etapas do crescimento e evolução. Mas estamos na época e na fase dos treinadores joystick. Que são aqueles treinadores que passam o tempo todo a dar instruções aos miúdos para eles fazerem determinados comportamentos, quando em situação de jogo são eles que têm de resolver esses mesmos problemas.

FA: Então é defensor que hoje em dia, se produzem e os jogadores ficam, como Valdano diz “reféns de tarefas automáticas”.

Entrevistado G: Sim. Por isso é que eu digo formar é diferente que formatar. E defendo com unhas e dentes que nós temos de formar mas não temos de formatar, e aquilo que eu observo, e até porque tenho estagiários na área do treino e todos os anos acompanho diferentes clubes e diferentes escalões, aquilo que vejo muito é uma formatação e não uma formação. Porque muitas vezes os pais e os dirigentes não estão devidamente formados e exigem aos treinadores resultados, quando na maioria dos clubes não é o resultado que importa. Como eu tenho visto: ficar no 6º lugar da Segunda Divisão Distrital. Para quê que isso serve? Para nada. Era preferível que os clubes ficassem conhecidos como clubes formadores: dali saíram jogadores para o Benfica, para o Porto, para o Sporting, para a Seleção Nacional. Do que ficar no 6º lugar do campeonato distrital da Segunda Divisão. Não tem qualquer peso, qualquer significado. O que acontece? Como os treinadores estão reféns dessas decisões e o seu emprego está também eles reféns disso, muitas das vezes queimam-se etapas e são colocadas a “carroça à frente dos bois”. Isto é, estamos a trabalhar, com miúdos de 10 anos como se tivéssemos a trabalhar com miúdos de 15. E aí, estamos a queimar etapas claramente fundamentais e os miúdos não fazem as aprendizagens de base que deveriam fazer.

FA: Quais são as principais preocupações que deveríamos ter, ao nível da formação, para promover a criatividade nos jogadores?

Entrevistado G: Para já, desde as Escolas até ao final dos Iniciados, a formação deveria estar centrada exclusivamente nos jogadores, em cada um dos indivíduos. Depois, até aos 11 anos, obrigatoriamente, os miúdos deveriam passar por todas as posições e deviam ter liberdade para

executar os exercícios. O que compete ao treinador é organizar o treino, preparando os exercícios que eles têm de realizar. A partir daí, o treinador deveria falar muito pouco e devia questionar ainda mais do que intervir. Portanto, há muito dirigismo por parte do treinador, dirige demasiado o treino. Não questiona, nem conseguem entender o porquê dos miúdos terem determinadas decisões. Nunca consegue perceber porque nunca questiona. Porquê que fizeste assim, porque passaste para ali? Porquê que driblaste, ou porquê que não driblaste? Para ver o que eles respondem. E nós quando questionamos, passamos a conhecer muito melhor aqueles com quem trabalhamos do que se tivermos só a debitar informação. Por isso, até aos 11 anos, os jogadores deviam passar por todas as posições, não devia haver campeonato organizado de futebol de 7 por exemplo, campeonato com entrega de taça, era preferível ter jogos com uma dimensão mais reduzida, 4x4, 5x5, em que todos jogam contra todos. Imagina, em vez de termos duas equipas a encontrarem-se num sábado num determinado campo, eram quatro equipas, quatro clubes, que têm, por exemplo, 15, 16, 17 jogadores e chegam e fazem grupos de quatro. Oito minicampos. Onde rodam ao fim de 10 minutos. Novos objetivos, novo resultado, novos problemas por são novos adversários, os miúdos se perderem o jogo têm sempre a hipótese de ganhar porque são doze jogos a realizar. Portanto têm sempre hipótese de perder, ganhar, empatar. Mas têm hipótese de tocar milhares de vezes mais na bola do que os 7x7. Não existe aquela “campeonite” que leva a que os sete iniciais, mais duas substituições de 5 em 5 minutos, os outros nem entram. Assim todos jogam. E esta, na minha opinião, era a única forma de ajudar o desenvolvimento da criatividade porque nenhum de nós tem uma bola de cristal para o dizer que o jogador A ou B não vão ser jogadores.

FA: Então, no seu entendimento, a forma como muitos treinadores concebem atualmente o jogo, potencia ou “castra” o potencial criativo do jogador?

Entrevistado G: Eu acho que castra, claramente. Há um tempo atrás vi num clube grande, em Lisboa, um exercício de 30 minutos, jogo formal de guarda-redes mais seis contra seis mais guarda-redes, e os miúdos jogaram maravilhosamente bem para o lado e para trás, parecia o Barcelona, não perdiam a posse da bola, uma posse fantástica. Mas foram três vezes à baliza adversária, em 30 minutos. Em que quando jogávamos na rua, o único objetivo era chegar à baliza adversária, por isso é que o jogo mudava aos cinco golos e acabava aos dez. E quando chegava aos dez golos voltávamos aos zero. Jogávamos o jogo pelo jogo. E a única forma que nós tínhamos era tentar pôr a bola na baliza adversária, era o único objetivo. E tu olhas hoje para o jogo... olhas para ali para a televisão onde terminou agora o Barcelona e estão a iniciar outro jogo duas equipas diferentes; se tu vires os jogadores que têm mais qualquer coisa, são aqueles pegam no jogo para a frente, são aqueles que pegam na bola e a transportam para a frente. E olhas para os miúdos e se os deixares jogar eles fazem exatamente igual: fazem chegar a bola a baliza adversária. E nós estamos sempre a castrar essa situação. É sempre “passa”, “não dribles”, “apoia”. O miúdo perde a bola e o treinador grita porque ele perdeu a bola. Deixa-o

perder a bola. Está na fase da aprendizagem. Se ele não arriscar, nunca vamos ter dribladores. Portanto eles têm que ter essa oportunidade.

FA: Valdano refere que “tudo no Futebol, incluindo a criatividade, necessita apoiar-se numa ordem”. Na sua opinião, que ordem deverá ser esta?

Entrevistado G: Esta ordem, para mim é muito simples: pegar na rua e pôr dentro do clube de forma organizada, só isso. Depois os miúdos estão lá para criar. (Recrear as condições que a rua tinha no clube). Só temos de pensar naquilo que fazíamos na rua antigamente, por exemplo, eu na rua podia jogar entre dois lancis de passeio, 1x1. Chego ao clube e monto o mesmo exercício. E crio espaços para que, em grupos de dois, possam fazer esses duelos e depois tenho oportunidade de ir rodando. Novamente, novo adversário, novo conjunto de problemas, nova situação. Jogávamos entre duas colunas na escola, debaixo de um telheiro para proteger da chuva, eramos simultaneamente guarda-redes, simultaneamente avançados, porque tínhamos de rematar com força e o outro tinha de defender. Defendia, rematava ele. Se a bola passasse do meio-campo, eu podia recarregar. Até a questão da segurança, para a bola ficar nas mãos para ele não a deixar escapar, não permitir o adversário recarregar. Portanto eu posso chegar ao clube e criar esses exercícios de forma organizada, dando-lhe um espaço e um tempo, e criando condições favoráveis ao desenvolvimento destes jovens.

Nós na rua tínhamos uma organização extremamente simples, e todos respeitávamos as regras dos outros. Porque não havia um livro de regras. As regras eram muito básicas: era falta, era falta; foi com a mão, foi com a mão; a bola saiu porque saiu... e aquilo era para nós, perder tempo. Para discutir uma falta, era perder tempo de jogo. E a gente não queria perder tempo. Os conflitos de ser falta ou não eram resolvidos em 3/4 segundos. Foi falta? Agora marco eu, a seguir marcas tu. **(Junma Lillo dizia, há uns tempos, que o melhor livro de tática era o regulamento).**

FA: De que maneira poderá o treino ser um promotor e potenciador, ou um inibidor da criatividade?

Depende da maneira como organizas o treino. Se tu dás espaço para essa criatividade, é fantástico, senão dás e estás sempre a castrar, porque queres ser tu o orientador do jogo. Por isso que eu disse, o treinador joystick é aquele que comanda os miúdos como se eles fossem peças do jogo eletrónico.

FA: Então qual deverá ser o papel do treinador?

Entrevistado G: Um papel orientador. Que cria as situações ótimas de treino e que vai questionando para ir percebendo o que é que os miúdos pensam e ir ajudando nessas decisões, eventualmente dando pistas. Portanto o treinador é mais um gestor criativo.

FA: Parece-lhe que o jogo de Futebol caminha para uma redução da imprevisibilidade dos comportamentos dos jogadores?

Entrevistado G: Não, não acho isso. O que eu acho é que cada vez mais temos, eventualmente, jogadores de elevada expressão. Isto é, os desequilibradores. E os que vamos tendo são aqueles que tiveram a oportunidade de jogar e aprender o jogo. Jogar de uma forma natural (espontânea). Tu olhas para o Cristiano Ronaldo e de onde é que ele vem, qual é a base dele? Jogava no Andorinha, no campo de terra. Tinha sempre uma bola e jogava com os outros. Jogava livremente. Tu vais ver os grandes jogadores, o Messi, o que é que fazia na Argentina? Vês que os jogadores criativos são aqueles que ainda têm rua, ou terreno, para jogar. No Brasil hoje, nos centros populacionais, já não jogam na rua. É preciso sair desses centros para os ver a jogar na rua. E um dos problemas do Brasil é que eles ainda não fazem prospeção fora desses centros. Porque estavam habituados a que os “cogumelos nascessem ao pé de casa”. Agora não, têm de ir procurar um pouco mais longe.

FA: Que implicações pode isso ter no treino e na formação de futebolistas?

Entrevistado G: A imprevisibilidade está sempre presente. Vais conseguindo ter jogadores que conseguem resolver os problemas. O que eu acho, é que quanto mais rica, do ponto de vista do desenvolvimento for a base da formação melhores jogadores vamos ter. Menos rica a base da formação, menos qualidade vais ter em cima.

FA: Tendo em conta a sua experiência, como classificaria o estado atual da formação de jovens futebolistas?

Entrevistado G: Em Portugal? Eu sou muito crítico em relação à base da formação... e a base da formação para mim é até ao final dos Infantis. Trabalha-se muito bem Iniciados, Juvenis, Juniores, trabalha-se muito mal, na minha opinião, na base. Não é na totalidade, mas eu acho que se calhar 70-80% trabalha mal.

FA: O que alteraria, de forma a promover um melhor desenvolvimento do jovem jogador?

Entrevistado G: Um dos aspetos é o que a Federação está agora a querer fazer, e tem a ver com as questões competitivas. Petizes 3x3, Traquinas 5x5, Benjamins 7x7 e depois futebol de 9 e 11. Eles estão a fazer isto com um objetivo que não é o meu. Estão a fazer isto com o objetivo de tornar mais suave a progressão até ao futebol de 11. Para mim o que é mais importante não é essa progressão, ou seja esse declive de passar do 0 para o 7, do 7 para o 11, mas sim as oportunidades de esses miúdos terem espaço, muito mais tempo de contacto com a bola de forma a que tocassem milhares de vezes na bola, driblassem milhares de vezes mais,

passassem milhares de vezes mais, perdessem a bola muitas mais vezes... Portanto é terem mais espaço para poderem jogar. Se eu tiver... Tu trazes 16 jogadores, fazes equipas de 4 elementos... estes miúdos todos jogam. E a seguir rodam, e todos jogam, e depois igual. Quando chegarmos ao fim, fizeram 120 minutos de competição, sem taça, sem pontos, sem classificação. Competição em que eles, ao fim da manhã, dizem: fizemos doze jogos, conseguimos ganhar seis, empatamos três, perdemos outros três. E isso é apenas uma consequência daquilo. Mas não há pontos, não há classificação. O importante é do ponto de vista do desenvolvimento, da satisfação individual de cada um. Porque o que é que acontece, há aí miúdos que levam 12-0, muitas vezes batem a bola para a frente e fogem para a área deles, para não perderem por muitos. Aqui têm sempre hipótese de discutir o jogo. Podem perder contra esta equipa e a seguir têm a possibilidade de voltar a ganhar, e que se calhar até não ganham. Portanto isto faz parte do jogo que era aquilo que nós fazíamos na rua, onde era absolutamente natural. Mas a grande vantagem é que todos tocam milhares de vezes mais na bola. Que é um dos problemas que no futebol. Treinamos muito e jogamos muito pouco. Se os talentos nas modalidades, fundamentalmente nas individuais, no seu fim têm dez mil horas de prática, no futebol é só pensares quantas horas é que competem (praticam) no futebol. É muito mais reduzido, muito mais curto.